



UNIVERSIDADE
FUMEC



Belo Horizonte
v.23 - n.4
Out./Nov. 2022
ISSN 1984-6983

PRETEXTO

Uma publicação
trimestral da
FACE/FUMEC

Universidade FUMEC

REITORIA

Reitor:

Prof. Fernando de Melo Nogueira

Pró-reitor de Graduação:

Prof. João Batista de Mendonça Filho

Pró-reitor de Planejamento e Administração

Prof. Márcio Dario da Silva

Pró-reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:

Prof. Henrique Cordeiro Martins

FUNDAÇÃO

Conselho de Curadores:

Prof. Antônio Carlos Diniz Murta – Presidente

Prof. João Carlos de Castro Silva – Vice-Presidente

Conselho Executivo

Prof. Air Rabelo – Presidente

DIRETORIA DA FACE

Diretora

Profa. Dra. Renata de Sousa da Silva Tolentino

Pretexto

Editora

Profa. Dra. Renata de Sousa da Silva Tolentino.

Projeto Gráfico

Therus Santana

Editoração Eletrônica

Tecnologia da Informação

Endereço para correspondência

Rua Cobre, 200 . Bairro Cruzeiro .

CEP 30310-190 Belo Horizonte .

Minas Gerais Tel.: 0800 030 0200

Site: www.fumec.br Email: pretexto@fumec.br

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Renata de Sousa da Silva Tolentino, Universidade FUMEC

Prof. Dr. Daniel Jardim Pardini, Universidade FUMEC

Prof. Dr. Henrique Cordeiro Martins, Universidade FUMEC

Prof. Dr. Astor Eugenio Hexsel, UNISINOS

Prof. Dr. Ricardo Teixeira Veiga, CEPEAD/UFMG

Prof. Dr. Guilherme Cunha Malafaia,

Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Hilka Pelizza Vier Machado, Centro Universitário UniCesumar Universidade do Vale do Itajaí

Prof. Dr. Márcio Augusto Gonçalves, Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Pelayo Munhoz Olea, Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Edmilson Lima, Uninove

Profa. Dra. Maria Aparecida Gouvea, Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Cláudia Rosa Acevedo, Universidade Nove de Julho

Profa. Dra. Simone Vasconcelos Galina, Universidade de São Paulo

AVALIADORES / REVISORES

Alan Bandeira Pinheiro Universidade Federal do Paraná

Alef dos Santos Santana Universidade Federal do Pará - UFPA

Alex Fernando Borges Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Allan Pinheiro Holanda

Ana Maria Magalhães Correa Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Anderson Diego Anderson Diego Farias da Silva Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

André Luiz Maranhão de Sousa Leão Universidade Federal de Pernambuco

Antônio João Hocayen da Silva UNICENTRO

Armando Sérgio de Aguiar Filho FUMEC

Beatriz Godim Matos Universidade Federal do Cariri

Carlos Manoel Lopes Rodrigues Centro Universitário de Brasília

Charles Batista da Silva FUMEC

Daniel Arruda Coronel Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Daniel Jacomelli Hudler Universidade Nove de Julho - UNINOVE - SP

Danilo Oliveira Sampaio Faculdade de Administração da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Davi Lemos Reis Linguística, Simiótica Discursiva, Controladoria e Contabilidade Gerencial, Administração, Recursos Humanos	Guilherme Rodrigues Cavet Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Ana Alice Vilas Boas Universidade Federal de Lavras
Diego Rafael Universidade Nove de Julho - Uninove	Henrique Lelis Universidade FUMEC	Ruan Carlos dos Santos Centro Universitário UNIAVAN (Avantisys)
Cristine Hermann Nodari Universidade Feevale – Mestrado Acadêmico em Administração	Iainara Barreto Souza Neves FGV - EAESP	Carlos Eduardo Cavalcante Universidade Federal da Paraíba
Filipy Furtado Sell Universidade Federal do Pará - UFRA	Jéssica Syrio Callefi Universidade de São Paulo	Carlos Ricardo Rossetto UNIVALI
Thiago Soares Nunes Universidade FUMEC	Jonas Universidade Federal do Amazonas	José Marcos Carvalho de Mesquita Universidade FUMEC
Eder Danilo Bezerra Fundação Getúlio Vargas – FGV/EAESP	José Ribamar Marques de Carvalho Universidade Federal de Campina Grande	Luiz Rodrigo Cunha Moura Centro Universitário UMA
Elis Regina de Oliveira Pontifícia Universidade Católica de Goiás	Jurema Nery Ribeiro Universidade FUMEC	Moisés Araújo Almeida Universidade Federal do Sergipe
Ezequiel Redin Universidade Federal de Santa Maria	Lara Cristina Francisco de Almeida Fehr Universidade Federal de Uberlândia	Wesley Antonio Gonçalves Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM Campus Patrocínio
Fábio Corrêa Universidade FUMEC	Leila de Fátima Santos Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais	Elisson Alberto Tavares Araújo Banco do Brasil
Ferreira Rui Fernando Correia Ferreira CEPEAD-UFMG/ Mestrado	Lilian Barbosa FUMEC	Gustavo Henrique Silva de Sousa Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG
Flávio Linhares UFR – Universidade Federal de Rondonópolis	Luan Marca Universidade Passo Fundo	Henrique César Melo Ribeiro Ajunto da Universidade Federal do Piauí
Flávio Ribeiro Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO	Luana Sodré da Silva Santos PPGADM/ UFES	Marcelo Espíndola Faculdade de Nova Serrana (FANS)
Frank Nero Pena de Vasconcelos Universidade Federal de São João Del Rei	Luís Eduardo Brandão Paiva Universidade Federal do Ceará/ Doutorado do Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria	Vinícius Costa da Silva Zonatto Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Programa de Pós Graduação em Ciências Contábeis (PPGCC/UFSM)
Frederico Leocádio Ferreira Dout. Em Administração - UFMG	Luis Otávio Bau Macedo Universidade Federal de Rondonópolis	Silva Chigaretto Universidade FUMEC
Gabriel Gil Universidade Passo Fundo	Manoel Bastos Gomes Pontifícia Universidade Católica – PUC MG	Ricardo Pereira Universidade Federal de Santa Catarina
Gabriela de Abreu Passos Universidade de Brasília	Márcio Bonini Notari	Robson Gualberto Dantas Universidade de Itaúna
Gevair Campos Faculdade CNEC Unai	Michael David Souza Dutra Polytechnique Montreal	Victor Henrique Lana Pinto Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba
	Milton Milton Cordeiro Farias Filho Universidade da Amazônia - UNAMA	Sheila Diana Severo Hollveg UFN

Silvio Paula Ribeiro
UFNS – Universidade Federal
de Mato Grosso do Sul

Igor de Jesus Lobato Pompeu
Gammarano
Universidade da
Amazônia - UNAMA

João Henriques de Sousa Júnior
Universidade Federal
de Santa Catarina

Fabrcio Ziviani
Universidade FUMEC

Ítalo de Paula Casemiro
Universidade Federal
do Rio de Janeiro

Rafael Mendes Lubeck
Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do
Sul – PPGSD/ PUC -RS

Sheldon Willian Silva
Instituto Federal de Minas Gerais

Sílvio Luiz de Paula
Universidade Federal
de Pernambuco – UFPE
Departamento de Ciência da
Informação – DCI – Programa
de Pós Graduação em
administração - PROPAD

Andrea Cristina da Paixão
Rodrigues
Universidade Federal do Pará

Daniela Meireles Andrade
Universidade de Lavras

Edicreia Andrade dos Santos
Universidade Federal do Paraná

Magda Vanessa Souza da Silva
Universidade Federal
de Pernambuco

Sofia Batista Ferraz
Universidade do Ceará

Tamires Sousa Araújo
Universidade Federal do
Mato Grosso do Sul

Telma Ferreira Farias Teles Costa
Universidade do Estado do
Rio de Janeiro (UERJ)

Thaís Tháís Helen Sena
FUMEC

Valderí de Castro Alcântara
Universidade Federal de Lavras –
Departamento de Administração
e Economia (DAE/ UFLA)

Vanessa de Campos Junges
UFMS

Vibtor Andrey Peixoto
FUMEC

Vinícius Faria
FUMEC/MG

Marco Batista Sousa
Universidade do Mato
Grosso do Sul

Missão

A *Pretexto*, revista trimestral, é uma iniciativa da FACE/FUMEC com a finalidade de publicar e difundir pesquisas empíricas e ensaios de modo a disseminar conhecimento. Também visa fomentar debates e contribuir para a formação e desenvolvimento de gestores, estudantes e docentes.

Pretexto / Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Empresariais. - v.
23, n. 4 (out./dez. 2022)- . - Belo Horizonte : Universidade FUMEC,
Faculdade de Ciências Empresariais, 2000- .

v. : il.

Trimestral
ISSN 1984-6983 (Online)

1. Administração. 2. Negócios. I. Universidade FUMEC. Faculdade de
Ciências Empresariais.

CDU: 658

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária-FUMEC

Copyright © 2022 Faculdade de Ciências Empresariais - Universidade FUMEC.
Todos os direitos reservados pela Universidade FUMEC.

As opiniões emitidas e informações contidas em artigos assinados são
de absoluta e exclusiva responsabilidade de seus autores.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

EFEITO DOS INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS NO PREÇO DAS AÇÕES DE EMPRESAS LISTADAS NA B3	9
<i>EFFECT OF ECONOMIC AND FINANCIAL INDICATORS ON THE PRICE OF SHARES OF COMPANIES LISTED IN B3</i>	
Filipe Rigo Guasti Osmar José Bertholini Pianca	
VARIÁVEIS DE JOGOS QUE REFLETEM VALORES DE SCHWARTZ.....	33
<i>GAME VARIABLES THAT REFLECT SCHWARTZ VALUES</i>	
Filipe de França Monteiro Vasconcelos Ademir Macedo Nascimento	
ENSINO DA ÉTICA NO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS	48
<i>TEACHING ETHICS IN THE ACCOUNTING SCIENCES COURSE</i>	
Danielle Alves Pinheiro Torquato Edzana Roberta Ferreira da Cunha Vieira Lucena Yuri Gomes Paiva Azevedo	
FERRAMENTA DE ADMINISTRAÇÃO APLICADA EM SERVIÇOS DE SAÚDE: UM ESTUDO COM PROFISSIONAIS ATUANTES COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	67
<i>ADMINISTRATION TOOL APPLIED IN HEALTH SERVICES: A STUDY WITH PROFESSIONALS WORKING WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER</i>	
Leandro Cearenço Lima Marlusa de Sevilha Gosling Frederico Cesar Mafra Pereira Danielle de Oliveira Chagas Lima	
COMPETÊNCIAS PARA SUSTENTABILIDADE: ANÁLISE DOS CURRÍCULOS DE ADMINISTRAÇÃO	85
<i>COMPETENCES FOR SUSTAINABILITY: ANALYSIS OF ADMINISTRATION CURRICULUM</i>	
Lisiane Celia Palma Vanessa de Campos Junges Simone Alves Pacheco de Campos	
AFINAL, AVANÇAMOS OU INTERROMPEMOS AS INVESTIGAÇÕES SOBRE O FENÔMENO ABELHA RAINHA?.....	103
<i>FINALLY, DO WE ADVANCE OR STOP THE RESEARCH ON THE QUEEN BEE PHENOMENON?</i>	
Rebeca da Rocha Grangeiro Manoel Bastos Gomes Neto	
ESTRATÉGIAS FORMAIS E INFORMAIS DE COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO NA PRODUÇÃO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS	126
Fabrcio Ziviani Josmária L. R. de Oliveira Marta Araújo Tavares Ferreira Simone Cristina Dufloth	

Prezado(a) Leitor(a),

Apresento-lhe o Volume 23, nº 4, de outubro a novembro de 2022, da Revista *Pretexto*, um periódico de artigos científicos resultante de diversas pesquisas na área da Administração que contribui para o aprimoramento do conhecimento e desenvolvimento da sociedade. Este volume traz os resultados de pesquisas de desenvolvimento teórico sustentados por ampla pesquisa bibliográfica com propostas de novos modelos e interpretações para fenômenos relevantes no campo da Administração de Empresas: trabalhos teórico-empíricos direcionados para a prática do administrador, os artigos são baseados em pesquisas metodologicamente bem fundamentadas; os ensaios teóricos compõem as formas mais livres de contribuição científica, com abordagens mais críticas e criativas levando os leitores a reflexões sobre temas relevantes na área de conhecimento e casos de ensino.

O primeiro artigo apresenta uma pesquisa que se O objetivo é identificar o efeito dos indicadores econômico-financeiros no preço das ações de empresas listadas na B3. A amostra foi composta de oito indicadores relacionados a liquidez, rentabilidade, lucratividade e endividamento de doze empresas distribuídas entre os setores de utilidade pública, saúde e materiais básicos. Foram analisados os dados trimestrais, primeiramente no período de 2010 a 2018 e posteriormente de 2019 a 2020, período relacionado a pandemia do COVID-19. Os modelos analisados foram em mínimos quadrados ordinários para dados empilhados (POLS), dados em painel com efeitos aleatórios e efeitos fixos. Para a primeira análise, foi aplicado o modelo de dados em painel com efeitos fixos, apresentando significância estatística para os indicadores de liquidez, rentabilidade, lucratividade e endividamento. Na segunda análise, foi aplicado o modelo de POLS, também apresentando significância estatística para os indicadores de liquidez, rentabilidade, lucratividade e endividamento. Quanto ao efeito dos indicadores econômico financeiros no preço das ações, houve efeitos positivos, negativos ou nenhum efeito, variando entre os indicadores e modelos analisados.

O segundo demonstra o mercado de jogos eletrônicos de entretenimento, embora já sedimentado e de grande rentabilidade, ainda possui muitas oportunidades a serem exploradas. Para tanto, denota-se a importância de entender as características dos jogos eletrônicos de entretenimento, percebidas como significativas para os usuários pagantes, de modo a auxiliar os desenvolvedores na criação de produtos que atendam o perfil local. Assim, buscou-se identificar o comportamento do consumidor por meio das variáveis que são consideradas relevantes por usuários pagantes experientes de jogos eletrônicos de entretenimento, correlacionando-as com os valores humanos pessoais básicos de Schwartz. Para tal, foram realizadas 15 entrevistas, no ano de 2021, utilizando a técnica Grade de Repertório. O estudo verificou que a metodologia aplicada na pesquisa expôs resultados inovadores, encontrando nostalgia e trilha sonora como variáveis relevantes para os jogadores de jogos eletrônicos de entretenimento, que além de refletir os valores de Schwartz não foram elencadas em pesquisas anteriores.

O terceiro artigo objetivou investigar se existem diferenças na percepção de discentes e docentes acerca da educação da ética no curso de Ciências Contábeis. A amostra deste trabalho consistiu em 153 alunos e 24 professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo as respostas obtidas por meio da aplicação de questionários. Para avaliar se existiam diferenças significativas entre as respostas dos participantes, foi utilizado o teste U de Mann-Whitney. Os

principais resultados revelaram que existem diferenças significativas entre a percepção dos alunos e corpo docente acerca da importância do ensino da ética à luz de variados pontos de discussão, como a relação entre o ensino contábil e questões morais, o reconhecimento de questões contábeis com implicações éticas, o desenvolvimento de um senso de responsabilidade moral, o desenvolvimento de habilidades necessárias para lidar com conflitos ou dilemas éticos e a importância de lidar com as incertezas da profissão contábil.

O quarto artigo teve como objetivo entender e propor a aplicação do Business Model Canvas - BMC como ferramenta de modelagem de negócios para psicólogos que atuam na intervenção precoce em crianças no espectro autista. Metodologia: foi utilizada a abordagem qualitativa com revisão não sistemática da literatura, as amostras foram não probabilísticas de seleção intencional, foram aplicadas técnicas de análise de conteúdo. Resultados: contribuição para maior compreensão do contexto da área de atuação na intervenção precoce do TEA e na proposta de ferramenta de aplicação prática. Considerações finais: além de aplicação prática, a ferramenta pode auxiliar os futuros profissionais da psicologia e aqueles que já atuam com intervenção de crianças com TEA, esta pesquisa é um esforço inicial que abre precedente para sugerir novos estudos de aplicação do BMC em outras áreas e em outros contextos.

O quinto artigo objetivou identificar se os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) de Administração existentes no Brasil estão orientados para o desenvolvimento de competências para sustentabilidade (CPS). Realizou-se uma pesquisa qualitativa a partir da análise do PPC e do Perfil do Egresso de 48 cursos de Administração oferecidos por instituições públicas, considerando-se o desenvolvimento das CPS. Identificou-se preocupação em relação à educação para sustentabilidade (EPS) nos cursos, pois mais da metade apresentaram, ao menos, uma das CPS. Contudo, apenas um dos cursos pesquisados contempla todas as cinco competências em seu PPC, revelando um cenário desafiador. O movimento para a inclusão das competências parece esbarrar na falta de compreensão sobre o PPC, na carência de preocupação com a EPS, na permanência do paradigma funcionalista e no reforço ao isomorfismo. Portanto, instituições e cursos podem avançar seu entendimento sobre sustentabilidade e dedicar maior atenção a EPS, fortalecendo um cenário de egressos com CPS.

O sexto artigo ilustra um estudo que buscou identificar e analisar de modo sistemático a produção científica sobre Fenômeno Abelha Rainha (FAR). Foram identificados 60 trabalhos que abordam a metáfora, disponibilizados em seis bases de dados. A produção científica foi analisada com base em técnicas bibliométricas, análises quantitativas e de conteúdo. Notou-se que os estudos estão concentrados entre países, autores, instituições e periódicos europeus ou da América do Norte. Os achados apontam amadurecimento dos estudos que deslocaram a responsabilidade pelo fenômeno da mulher para as organizações masculinas, oportunidades limitadas e experiências de discriminação. As discussões apresentadas são úteis a pesquisadores(as) que estudam gênero e às organizações, pois remetem à cultura, políticas e práticas pouco acolhedoras às mulheres e suas ambições profissionais. Apesar do uso frequente do título Abelha Rainha com o intuito de desabonar a imagem das mulheres, sugerimos ampliação dos estudos sobre o fenômeno dadas as lacunas encontradas

O último artigo demonstra o estudo que propôs uma reflexão sobre o compartilhamento de informação e conhecimento no desenvolvimento de pesquisa científica. Nesse sentido, buscou-se investigar o compartilhamento de informação e conhecimento na equipe responsável pelo

desenvolvimento da PED/RMBH e do PIB/MG do CEI/FJP, tendo por objetivo avaliar as estratégias utilizadas para compartilhamento de informação e conhecimento entre os pesquisadores e colaboradores do CEI. Nas reflexões teóricas demonstrou-se que é um desafio ao modelo organizacional atual o compartilhamento de informações e conhecimento. A pesquisa caracterizou-se como descritiva. A estratégia adotada foi o estudo de caso. Participaram da pesquisa 74 colaboradores. Os questionários apresentaram duas matrizes com as estratégias formais e informais de compartilhamento de informações e conhecimento. Os resultados da pesquisa destacaram que o CEI/FJP privilegia estratégias formalizadas de compartilhamento do conhecimento e de informações, pois os manuais, relatórios e quadro de avisos são práticas constantemente adotadas para disseminar informações. As estratégias de compartilhamento informais poderiam ser mais utilizadas. Os resultados destacaram que fatores como o tipo de vínculo dos pesquisadores interfere nos mecanismos de compartilhamento de informação e conhecimento

Publicamos este número da revista *Pretexto* na certeza que seus artigos contribuirão para o desenvolvimento de conhecimentos acerca da gestão estratégica das organizações, da inovação, da gestão de pessoas, do ensino e pesquisa em modelos presenciais remotos mediado por tecnologias, liderança relacional e papel da mulher na gestão estratégica.

Assim, quero registrar nosso agradecimento aos revisores, à equipe editorial da *Pretexto* e convidar a todos os pesquisadores para que enviem artigos para os próximos volumes.

Prof.^a Dra. Renata de Sousa da Silva Tolentino
Editora da *Pretexto*
Universidade FUMEC

EFEITO DOS INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS NO PREÇO DAS AÇÕES DE EMPRESAS LISTADAS NA B3

EFFECT OF ECONOMIC AND FINANCIAL INDICATORS ON
THE PRICE OF SHARES OF COMPANIES LISTED IN B3

FILIPPE RIGO GUASTI
filipeguasti@gmail.com

OSMAR JOSÉ BERTHOLINI PIANCA
osmar.pianca@ifes.edu.br

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é identificar o efeito dos indicadores econômico-financeiros no preço das ações de empresas listadas na B3. A amostra foi composta de oito indicadores relacionados a liquidez, rentabilidade, lucratividade e endividamento de doze empresas distribuídas entre os setores de utilidade pública, saúde e materiais básicos. Foram analisados os dados trimestrais, primeiramente no período de 2010 a 2018 e posteriormente de 2019 a 2020, período relacionado a

pandemia do COVID-19. Os modelos analisados foram em mínimos quadrados ordinários para dados empilhados (POLS), dados em painel com efeitos aleatórios e efeitos fixos. Para a primeira análise, foi aplicado o modelo de dados em painel com efeitos fixos, apresentando significância estatística para os indicadores de liquidez, rentabilidade, lucratividade e endividamento. Na segunda análise, foi aplicado o modelo de POLS, também apresentando significância estatística para os indicadores de liquidez, rentabilidade, lucratividade e endividamento. Quanto ao efeito dos indicadores econômico financeiro no preço das ações, houve efeitos positivos, negativos ou nenhum efeito, variando entre os indicadores e modelos analisados.

Palavras-chave: Preço das ações; Indicadores econômico-financeiros; Mercado de capitais; Dados em painel; Regressão.

ABSTRACT

The objective of this research is to identify the effect of economic-financial indicators on the share price of companies listed on B3. The sample consisted of eight indicators related to liquidity, profitability, profitability and indebtedness of twelve companies distributed among the public utility, health and basic materials sectors. Quarterly data were analyzed, first from 2010 to 2018 and later from 2019 to 2020, the period related to the COVID-19 pandemic. The models analyzed were in ordinary least squares for stacked data (POLS), panel data with random effects and fixed effects. For the first analysis, the panel data model with fixed effects was applied, with statistical significance for liquidity, profitability, profitability and indebtedness indicators. In the second analysis, the POLS



model was applied, also showing statistical significance for the liquidity, profitability, profitability and indebtedness indicators. As for the effect of economic-financial indicators on stock prices, there were positive, negative or no effects, varying between the indicators and models analyzed.

Keywords: Stock price; Economic and financial indicators; Capital market; Panel data; Regression.

1 INTRODUÇÃO

A redução da taxa de juros de um país afeta diretamente no retorno das aplicações em renda fixa, reduzindo o rendimento. Este cenário pode influenciar os investimentos em renda variável (compra e venda de ações). Com isto, pode haver um acréscimo no número de investidores nesta modalidade de investimento (MOUTINHO, 2020).

O mercado de ações no Brasil está crescendo gradativamente, mais acelerado nos últimos 2 anos, em 2018 eram aproximadamente 700 mil pessoas físicas na bolsa de valores, dobrando para pouco mais de 1,4 milhão em 2019 e encerrando o ano de 2020 com mais de 3 milhões, além disto, há aproximadamente 391 empresas de capital aberto que operam na B3 e podem receber os recursos financeiros destes investidores (CAMARGO, 2020).

A negociação no mercado acionário gira em torno do preço das ações, refletindo a perspectiva de cada investidor a respeito da empresa em questão. Quando há otimismo a tendência é haver alta no preço, por conta da maior procura na compra dos papéis. No sentido inverso, o preço decresce com o pessimismo e o aumento na venda dos papéis (REIS, 2017).

Há diversas maneiras de analisar as companhias para identificar em qual investir, dentre elas, está a análise e comparação dos indicadores econômico-financeiros. Para Reis (2017), este tipo de avaliação está relacionado ao conceito de análise fundamentalista, que possui a premissa de encontrar o valor intrínseco do ativo com a finalidade de determinar o preço justo da ação. Segundo Malta e Camargos (2016), os investidores buscam o mercado acionário para obter retorno positivo e crescente, com isto, a análise do desempenho econômico-financeiro das companhias é uma importante ferramenta para planejar e traçar estratégias de investimento.

Neste contexto, esta pesquisa busca identificar os efeitos dos indicadores econômico-financeiros no preço das ações de empresas de capital aberto listadas na bolsa de valores brasileira no período de 2010 a 2020, distribuídas nos setores de utilidade pública, saúde e materiais básicos, por meio de técnicas de regressão múltipla com dados em painel.

Alguns estudos apresentaram pesquisas similares. Rochim e Ghoniyah (2017) identificaram em sua pesquisa que os indicadores de rentabilidade, com destaque para o retorno sobre o patrimônio líquido (ROE), e os indicadores de lucratividade tem efeito positivo no preço das ações, o que corrobora com os achados de Martani, Mulyono e Khairurizka (2009) e Malta e Camargos (2016). Diferentemente destes, foi identificado efeito negativo para o ROE (LIGOCKÁ e STAVÁREK, 2019), margem bruta (AMBROZINI, MOUTINHO e MAGNANI, 2019), retorno sobre o investimento (ROI) (MALTA e CAMARGOS, 2016) e retorno sobre o capital empregado (ROCE) (JERMSITTIPARSERT, AMBARITA, MIHARDJO e GHANI, 2019). Outra possibilidade é não encontrar efeito significativo de nenhum indicador, evidenciado por Ligocká e Stavárek (2019) ao analisar as empresas listadas na Suíça.

O presente estudo é relevante, pois é notório a necessidade de conhecer os fatores que influenciam o preço das ações para embasar as decisões e somado aos critérios pré-definidos por cada investidor, possibilitar a escolha da melhor companhia para gerar valor ao capital investido.

Diferentemente de outras abordagens que analisaram empresas de um único setor (LUCENA, SIBIN e SILVA, 2017; SILVA, SOUZA, LIMA e DONEGA, 2020) ou relacionadas a algum índice específico (MALTA e CAMARGOS, 2016; ALMEIDA e SALES, 2020), esta pesquisa contribui com a literatura, a fim de analisar três setores distintos, além de pesquisar o período que pode trazer informações relevantes devido a pandemia do COVID-19.

A próxima seção deste trabalho abordará o mercado de capitais, os indicadores econômico-financeiros, de forma breve e individual, e apresentará alguns estudos anteriores que estão relacionados ao tema proposto. Em seguida, será explicado a metodologia utilizada e a maneira que os dados foram obtidos, tratados e analisados. Na quarta seção, será apresentado os resultados obtidos através do estudo e as análises pertinentes. Por fim, será exposto as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Mercado de Capitais

O mercado de capitais, conforme B3 (2017, p. 2), "tem como objetivo principal canalizar recursos dos agentes econômicos para a capitalização das empresas de capital aberto, por meio de operações com títulos e valores mobiliários em mercado de bolsa ou balcão". As empresas constantemente se deparam com a necessidade de recursos financeiros para viabilizar novos projetos ou até mesmo a continuidade de suas operações, sempre que surge esta necessidade ela pode optar pelo uso de recursos próprios ou alternativamente, obter recursos externos. A função mais importante do mercado de capitais é possibilitar que os investidores negociem seus recursos com as empresas interessadas em captar (B3, 2017).

No Brasil, a bolsa de valores oficial é a Brasil Bolsão Balcão (B3). Esta oferece vários produtos e serviços, dentre eles a negociação e pós-negociação de ações (B3, 2017). É neste ambiente que investidores compram e vendem as ações das companhias de capital aberto do mercado acionário. A busca constante e crescente por investimento em ações, atualmente impulsionado pela baixa taxa de juros no Brasil, geram variações no preço das ações, principalmente por razão da quantidade de empresas listadas não acompanhar o crescimento da entrada de investidores neste mercado. As distorções geradas por maior demanda por papéis são observadas em alguns múltiplos, a exemplo de empresas negociando de 14 a 34 vezes o lucro estimado ou médias históricas (CAMARGO, 2020). Há outros fatores que podem contribuir para a volatilidade dos preços das ações, como por exemplo às premissas individuais de cada investidor. É possível que na tomada de decisão a lucratividade da empresa seja mais interessante que o endividamento, ou que empresas estatais sejam evitadas pelo risco de interferência do governo. Ou ainda, preferência por empresas exportadoras de commodities quando a taxa de câmbio está elevada.

2.2 Indicadores Econômico-Financeiros

No momento da decisão da compra de ações, cada investidor possui premissas definidas para identificar qual é a melhor opção de investimento. Há indicadores que auxiliam nesta análise, dentre os que medem a saúde financeira de uma empresa é possível destacar o ROE, margem bruta e margem líquida (REIS, 2017).

Estes e outros indicadores são base fundamental para a chamada análise fundamentalista, que consiste em avaliar a empresa no âmbito financeiro e econômico com o intuito de determinar as perspectivas futuras e também o seu preço justo (REIS, 2017).

Segundo Ching, Marques e Prado (2010), a análise de índices é pertinente para se examinar o desempenho das companhias no passado e comparar com critérios predefinidos para identificar tendências para o futuro, além de, avaliar o posicionamento em relação aos competidores. Dentre os indicadores mais comumente utilizados, relacionados à saúde econômico-financeira das empresas, pode-se destacar: Indicadores de liquidez, rentabilidade, lucratividade e endividamento.

A liquidez geral (LG) retrata a saúde financeira da empresa para arcar com suas dívidas de longo prazo (CHING, MARQUES e PRADO, 2010). Este indicador apresentou significância estatística nos estudos de Lucena, Sibin e Silva (2017) e Silva, Souza, Lima e Donega (2020).

A liquidez corrente (LC) foca na capacidade de a empresa cumprir com as suas obrigações no curto prazo (CHING, MARQUES e PRADO, 2010). Este indicador apresentou significância estatística nos estudos de Ambrozini, Moutinho e Magnani (2019), Almeida e Sales (2020) e Silva, Souza, Lima e Donega (2020).

O retorno sobre o patrimônio líquido (ROE) identifica a rentabilidade do capital investido pelos acionistas, sendo encontrado na divisão do lucro líquido pelo patrimônio líquido (REIS, 2017). Este indicador é amplamente utilizado nas pesquisas científicas, havendo significância estatística, por exemplo, nos estudos de Schumacher, Junior e Arnosti (2008), Martani, Mulyono e Khairurizka (2009), Malta e Camargos (2016), Rochim e Ghoniyah (2017), Jermstipparsert, Ambarita, Mihardjo e Ghani (2019), Ligocká e Stavárek (2019) e Silva, Souza, Lima e Donega (2020).

O retorno sobre os ativos (ROA) estabelece a eficiência das operações, sendo calculado através da relação entre lucro líquido e o total de ativos, indicando o retorno para cada R\$1,00 investido no negócio (CHING, MARQUES e PRADO, 2010). Este indicador apresentou significância estatística nos estudos de Malta e Camargos (2016), Jermstipparsert, Ambarita, Mihardjo e Ghani (2019), Almeida e Sales (2020) e Silva, Souza, Lima e Donega (2020).

A margem bruta (MB) mede a eficiência no processo de produção e revela o lucro na operação em relação a vendas, em outras palavras, lucro bruto em relação a receita líquida (CHING, MARQUES e PRADO, 2010). Para Reis (2017), é a forma mais direta de identificar o ganho imediato das atividades da companhia. Este indicador apresentou significância estatística nos estudos de Malta e Camargos (2016) e Ambrozini, Moutinho e Magnani (2019).

A margem líquida (ML) é encontrada através da relação entre lucro líquido e a receita líquida e "mostra o resultado da empresa em relação às vendas líquidas após subtrair, do lucro operacional, o resultado não operacional e a provisão para pagamento de imposto de renda e contribuição social" (CHING, MARQUES e PRADO, 2010, p.120). Segundo Reis (2017), empre-

sas com margens líquidas elevadas são mais resilientes em tempos de crise, por operarem com folga de lucro, e dificilmente apresentam prejuízo. Este indicador apresentou significância estatística nos estudos de Martani, Mulyono e Khairurizka (2009) e Silva, Souza, Lima e Donega (2020).

O endividamento geral (EG) é a representação da proporção do ativo total que está comprometida para custear o endividamento da empresa com terceiros (CHING, MARQUES e PRADO, 2010). Este indicador apresentou significância estatística nos estudos de Lucena, Sibin e Silva (2017) e Ambrozini, Moutinho e Magnani (2019).

A composição do endividamento (CE), também conhecida por composição de exigibilidades, é um indicador que mostra a relação entre a dívida de curto prazo e a dívida total de uma companhia. Quanto maior for o índice, maior é o comprometimento da liquidez corrente, ou seja, o exigível de curto prazo está elevado. Inversamente, quanto menor for o índice, maior é o exigível de longo prazo e menor será a pressão no caixa do curto prazo (CHING, MARQUES e PRADO, 2010). Embora não haja resultado com significância estatística nos referenciais desta pesquisa, foi estudado por Lucena, Sibin e Silva (2017).

2.3 Estudos Anteriores

A busca por identificar os efeitos que influenciam o preço das ações, na tentativa de prever suas oscilações, é objeto de estudos em vários países espalhados por todos os continentes. Foram analisados alguns estudos, no Brasil e no exterior, que possuem similaridades ao objetivo proposto nesta pesquisa.

Nos trabalhos do exterior, Martani, Mulyono e Khairurizka (2009) examinaram a pertinência das informações contábeis para explicar o retorno das ações de 39 empresas da indústria de manufatura que negociaram no mercado da Indonésia entre 2002 e 2006. Neste estudo foi evidenciado que o retorno das ações sofre impacto dos indicadores de lucratividade, volume de negócios e relação de mercado. Para a lucratividade foram avaliados a margem de lucro líquido e retorno sobre o patrimônio líquido (ROE), para ambos, o efeito foi positivo.

Rochim e Ghoniyah (2017) pesquisaram sobre a rentabilidade e solvência de 35 empresas do setor de manufatura listadas na bolsa de valores da Indonésia no período de 2012 a 2016. Dentre os indicadores que apresentaram efeito positivo no retorno das ações, destaca-se o retorno sobre o patrimônio líquido (ROE).

Jermittiparsert, Ambarita, Mihardjo e Ghani (2019) estudaram 40 empresas, distribuídas em 4 países do sudeste asiático, ao longo de 2012 a 2016. O objetivo foi analisar o risco-retorno através de indicadores financeiros na determinação dos preços das ações, tendo como resultado a identificação da significância em explicar a variação dos preços das ações por conta do índice de liquidez, liquidez imediata, crescimento dos ativos, retorno sobre os ativos (ROA), retorno sobre o patrimônio líquido (ROE), retorno sobre o capital empregado (ROCE) e o preço sobre lucro da ação (P/L). Considerando o modelo 1 para cada país da pesquisa, foi encontrado efeito positivo para giro de ativos (Malásia e Cingapura), liquidez imediata (Malásia), ROE (Indonésia e Cingapura) e prazo médio de recebimento (Cingapura). Em relação ao efeito negativo, foi evidenciado para ROCE (Malásia) e ROA (Tailândia). Ligocká e Stavárek (2019) examinaram 20 empresas de alimentos e bebidas listadas em países europeus, mais precisamente

na Áustria, Polônia e Suíça, com o objetivo de relacionar os indicadores financeiros de liquidez, rentabilidade e endividamento com a variação do preço das ações, tendo como base o período 2005 a 2015. Foi constatado significância estatística apenas nos indicadores de retorno sobre o patrimônio líquido (ROE), retorno sobre o capital empregado (ROCE) e o capital de giro líquido (NWC). Na Áustria, o ROE é o único indicador e possui efeito positivo. Na Polônia, o ROCE e o NWC possuem efeito positivo, enquanto o ROE, negativo. Já na Suíça, não houve nenhum indicador com significância estatística.

No Brasil também há trabalhos relacionados ao tema pesquisado, por exemplo, Schumacher, Junior e Arnosti (2008) examinaram 4 indicadores de desempenho empresarial de 10 empresas negociadas na BOVESPA, entre o primeiro trimestre de 1994 e o quarto trimestre de 2004, com o objetivo de avaliar a relação entre as variações destes indicadores com o preço das ações. O resultado mostra significância estatística na explicação do comportamento do preço das ações por meio do retorno sobre o patrimônio líquido (ROE), evolução dos ativos, vendas por ação e lucro por ação (LPA). Em ambos os indicadores o efeito é positivo.

Malta e Camargos (2016) estudaram as variáveis da análise fundamentalista e dinâmica de 67 ações de empresas não financeiras do IBrX 100, índice da BM&FBovespa, no período de 2007 a 2014. O objetivo foi identificar o poder de explicação do retorno acionário através de dados em painel com efeitos fixos. Foram encontrados 8 variáveis fundamentalistas com significância estatística: para margem bruta (MB), retorno sobre os ativos (ROA), retorno sobre o patrimônio líquido (ROE), lucro por ação (LPA) e *market-to-book ratio* (MBR) o efeito foi positivo. Diferentemente destas, o efeito foi negativo para participação do capital de terceiros (PCT), retorno sobre o investimento (ROI) e liquidez no mercado.

Lucena, Sibin e Silva (2017) avaliaram a importância dos indicadores de composição do endividamento, liquidez e rentabilidade na explicação do valor de mercado das empresas do setor de alimentos e bebidas no Brasil. O estudo considerou 11 companhias listadas na bolsa de valores de São Paulo (BM&FBovespa) no período de 2011 a 2014. A variável dependente valor de mercado sofre efeito positivo das variáveis independentes de liquidez geral, passivo exigível sobre o ativo e a margem EBIT.

Ambrozini, Moutinho e Magnani (2019) encontraram 8 indicadores com significância estatística na predição do retorno acionário através do estudo de 402 ações, entre ordinárias e outras classes, do mercado acionário brasileiro no período de 2008 a 2016. Dentre os indicadores encontrados através das estimações, com efeito positivo, estão a liquidez corrente, endividamento, lucro-preço (L/P), vendas-preço (V/P) e *book-to-market* (BM). Além destes, há também os indicadores de margem bruta e *dividend yield* (DY), porém, com efeito negativo.

Almeida e Sales (2020) estudaram 78 companhias, não financeiras, pertencentes ao índice IBrX 100 ao final de 2019, considerando os dados financeiros e contábeis do período de 2009 a 2018. Foram analisadas 36 variáveis em cada trimestre e selecionados 9 indicadores com significância estatística na predição do retorno acionário. Destaca-se dentre estes o índice preço sobre lucro da ação (P/L), liquidez seca (LS), ativo total (AT), índice preço valor patrimonial por ação (P/VPA) e retorno sobre os ativos (ROA), com efeito positivo. Com efeito negativo, índice dívida financeira de curto prazo dívida financeira total (PFCP/PFT), liquidez corrente (LC) e lucro por ação (LPA).

Silva, Souza, Lima e Donega (2020) analisaram doze variáveis distribuídas entre múltiplos de mercado, indicadores de rentabilidade e indicadores de liquidez de quatro empresas agropecuárias de capital aberto listadas na B3, considerando o período de 2011 a 2015, com o objetivo de identificar os indicadores preditivos para o preço das ações. Neste estudo, dez indicadores apresentaram significância estatística em pelo menos um dos quatro modelos analisados, sendo que a liquidez corrente (LC) e o preço por valor patrimonial por ação (P/VP) mostraram-se possuir maior persistência, por estarem presentes em três modelos. No modelo da empresa SLC a liquidez geral (LG) e retorno sobre os ativos (ROA) apresentaram efeito positivo, enquanto liquidez corrente (LC) e margem líquida (ML), efeito negativo. No modelo da empresa Vagro o retorno sobre os ativos (ROA) apresentou efeito positivo e o retorno sobre o patrimônio líquido (ROE), efeito negativo. No modelo da empresa Pomifrutas a liquidez corrente (LC) apresentou efeito negativo. Por fim, no modelo da empresa BrasilAgro a liquidez geral (LG) apresentou efeito positivo, diferentemente da liquidez corrente (LC), com efeito negativo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 População e Amostra

A população delimita-se às empresas de capital aberto listadas na bolsa de valores oficial do Brasil, a B3, sendo 12 companhias distribuídas em 3 setores distintos. A escolha destes setores está relacionada a perenidade dos negócios, com foco no longo prazo (LAZARINI, 2019). Para escolher as empresas foi elaborado um ranking, tendo como base o valor de mercado das companhias, a liquidez das negociações diárias e a data da oferta pública inicial (IPO). Foram desconsideradas às companhias que realizaram o IPO após 2010 ou que possuem baixa liquidez de negociação. Desta forma, foram selecionadas às empresas CPFL Energia (CPFE3), Sabesp (SBSP3), Engie (EGIE3) e Eletrobras (ELET3) para representar o setor de utilidade pública (UTPU); Fleury (FLRY3), Raia Drogasil (RADL3), Hypera (HYPE3) e Odontoprev (ODPV3) para representar o setor de saúde (SAUD); Suzano (SUZB3), Vale (VALE3), Gerdau (GGBR4) e Klabin (KLBN4) para o setor de materiais básicos (MABA). O período de análise compreende o primeiro trimestre de 2010 até o quarto trimestre de 2018. Paralelo a isto, também foi analisado o período referente ao primeiro trimestre de 2019 ao quarto trimestre de 2020, que sofreu influência da pandemia do COVID-19, para apurar eventuais anomalias.

3.2 Coleta de Dados

Os dados a serem analisados estão dispostos nos relatórios contábeis das empresas, mais precisamente nos balanços patrimoniais (BP) e demonstrativos de resultados do exercício (DRE), obtidos no site da B3, mas também disponíveis nos próprios sites das empresas, no site da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e também em sites especializados em análise fundamentalista. Destes documentos foram extraídos os dados financeiros e patrimoniais pertinentes para o cálculo dos indicadores econômico-financeiros de cada companhia.

O histórico dos preços das ações foi coletado do site Investing, sendo utilizado apenas o preço de fechamento do último pregão de cada trimestre.

3.3 Tratamento de Dados

Os dados coletados foram organizados em planilhas do Excel, sendo considerados dados históricos com periodicidade trimestral dentro do período de análise da pesquisa.

Os testes estatísticos utilizados para analisar os efeitos das variáveis independentes, indicadores econômico-financeiros, na variável dependente, preço das ações, foram a regressão múltipla dos modelos em mínimos quadrados ordinários para dados empilhados (POLS), dados em painel de efeitos aleatórios e efeitos fixos. Conforme Gujarati e Porter (2011), os dados em painel possuem o benefício de acompanhar o corte transversal ao longo do tempo, ou seja, uma dimensão espacial e outra, temporal. Além disto, possui melhor controle da heterogeneidade, maior variabilidade, menor colinearidade entre as variáveis e dados mais informativos.

Para a escolha do modelo mais adequado foi aplicado o teste F de Chow, que “considera que o intercepto e o coeficiente angular da regressão permanecem os mesmos durante todo o período, ou seja, não se verifica mudança estrutural” (GUJARATI e PORTER, 2011, p. 267), o teste do multiplicador de Lagrange (Breusch-Pagan), para verificar se há efeitos aleatórios na regressão, e o teste de Hausman, para verificar se os estimadores do modelo de efeitos fixos e do modelo de efeitos aleatórios não diferem substancialmente (GUJARATI e PORTER, 2011).

Após a definição do modelo a ser considerado na análise dos resultados, foram realizados os diagnósticos de heterocedasticidade (teste de Breusch-Pagan), para avaliar se os termos de erro são homocedásticos, e autocorrelação serial (teste de Breusch-Godfrey), para identificar se os termos dos erros não estão correlacionados (GUJARATI e PORTER, 2011). O software utilizado para análise dos modelos e os devidos testes foi o RStudio.

4 RESULTADOS DA PESQUISA E DISCUSSÕES

4.1 Análise do Período de 2010 a 2018

Inicialmente foram analisados os indicadores econômico-financeiros, em base trimestral, das empresas listadas na B3 no período de 2010 a 2018. A cotação das ações, variável dependente, é a única que não está em formato de índice e foi transformada para logaritmo natural para ajustar a linearidade e reduzir os efeitos da heterocedasticidade na regressão (GUJARATI e PORTER, 2011).

Na tabela 1 é apresentado a estatística descritiva de cada variável utilizada nos modelos.

Tabela 1 - Estatística descritiva das variáveis (2010 a 2018)

Sigla	Variável Dependente	Sector	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
In COT	Cotação em Logaritmo Natural	MABA	2,253	1,131	-0,386	4,091
		SAUD	2,431	0,714	0,548	3,546
		UTPU	2,959	0,55	1,484	4,569
Sigla	Variável Independente	Sector	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
ROE	Retorno Sobre o Patrimônio Líquido	MABA	0,012	0,061	-0,269	0,171
		SAUD	0,038	0,035	-0,029	0,275
		UTPU	0,032	0,053	-0,25	0,252
ROA	Retorno Sobre os Ativos	MABA	0,006	0,022	-0,099	0,052
		SAUD	0,024	0,024	-0,018	0,189
		UTPU	0,013	0,018	-0,07	0,074
MB	Margem Bruta	MABA	0,314	0,157	0,06	0,8
		SAUD	0,441	0,178	0,135	1,142
		UTPU	0,444	0,22	-0,279	1
ML	Margem Líquida	MABA	0,059	0,273	-1,509	0,747
		SAUD	0,115	0,152	-0,351	1,219
		UTPU	0,081	0,316	-2,494	0,411
EG	Endividamento Geral	MABA	0,568	0,104	0,366	0,802
		SAUD	0,392	0,101	0,183	0,563
		UTPU	0,616	0,086	0,413	0,754
CE	Composição do Endividamento	MABA	0,215	0,05	0,128	0,338
		SAUD	0,544	0,232	0,138	0,921
		UTPU	0,258	0,055	0,157	0,446
LC	Liquidez Corrente	MABA	2,396	0,508	1,446	5,083
		SAUD	2,412	1,04	1,215	6,227
		UTPU	1,216	0,333	0,627	2,326
LG	Liquidez Geral	MABA	0,731	0,143	0,444	1,041
		SAUD	1,348	0,529	0,643	2,658
		UTPU	0,597	0,307	0,212	1,3

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

Analisando os dados da tabela 1 e considerando os valores médios é possível identificar que as empresas do setor SAUD são as mais rentáveis, mais lucrativas, possuem maior liquidez e são menos endividadas. Já as empresas do setor MABA são as menos rentáveis e menos lucrativas. Por fim, as empresas do setor UTPU são as mais endividadas e com menor liquidez.

As estimações foram realizadas por dados em painel balanceado através dos modelos de POLS, efeitos aleatórios e efeitos fixos. Os resultados para a análise da significância estatística dos modelos estão apresentados nas tabelas 2, 3 e 4.

Tabela 2 - Resultado dos modelos de POLS (2010 a 2018)

	Variável Dependente:		
	MABA	SAUD	UTPU
ROE	-1,333 (3,929)	31,600*** (9,584)	0,002 (3,640)
ROA	13,503 (11,388)	-49,633*** (14,313)	5,320 (11,231)
MB	0,703 (0,519)	1,590*** (0,305)	-0,186 (0,279)
ML	-0,804 (0,925)	0,940* (0,477)	0,100 (0,153)
CE	7,944*** (2,481)	-0,252 (0,540)	0,428 (0,838)
EG	-4,468*** (0,827)	-2,364** (1,179)	0,193 (0,653)
LC	0,539*** (0,183)	0,298*** (0,098)	0,143 (0,149)
LG	-5,810*** (0,737)	-0,746** (0,297)	-0,920*** (0,249)
Constante	5,797*** (0,837)	2,947*** (0,652)	3,111*** (0,556)
Observações	144	144	144
R ²	0,606	0,528	0,392
R ² Ajustado	0,582	0,500	0,356
F Estatístico (df = 8; 135)	25,908***	18,842***	10,891***

Nota: *p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

Tabela 3 - Resultado dos modelos em painel de Efeitos Aleatórios (2010 a 2018)

	Variável Dependente:		
	ln COT		
	MABA	SAUD	UTPU
ROE	-1,954	32,799***	-5,265
	(2,784)	(9,605)	(3,530)
ROA	14,431*	-49,554***	24,548**
	(8,017)	(14,003)	(11,101)
MB	1,901***	1,548***	0,039
	(0,480)	(0,379)	(0,267)
ML	-0,695	0,717	0,100
	(0,657)	(0,471)	(0,147)
CE	4,036**	-0,064	1,873**
	(1,926)	(0,572)	(0,888)
EG	0,357	-2,270*	1,386**
	(0,759)	(1,191)	(0,697)
LC	0,269*	0,240**	0,441***
	(0,140)	(0,099)	(0,156)
LG	-2,307***	-0,654**	-0,935***
	(0,641)	(0,292)	(0,295)
Constante	1,607**	2,822***	1,473**
	(0,800)	(0,689)	(0,658)
Observações	144	144	144
R ²	0,230	0,332	0,227
R ² Ajustado	0,184	0,293	0,181
F Estatístico	40,212***	67,191***	39,581***

Nota: *p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

Tabela 4 - Resultado dos modelos em painel de Efeitos Fixos (2010 a 2018)

	Variável Dependente:		
	ln COT		
	MABA	SAUD	UTPU
ROE	-3,022 (2,074)	35,095*** (9,034)	-7,280** (3,468)
ROA	15,462** (5,948)	-49,464*** (12,548)	31,857*** (10,965)
MB	1,974*** (0,398)	0,596 (0,576)	0,180 (0,274)
ML	-0,455 (0,490)	0,239 (0,419)	0,081 (0,152)
CE	2,007 (1,489)	1,808*** (0,645)	2,470** (0,974)
EG	3,184*** (0,632)	-1,408 (1,135)	2,312*** (0,750)
LC	0,191* (0,109)	0,160* (0,096)	0,572*** (0,167)
LG	-0,218 (0,529)	-0,539** (0,266)	-0,599 (0,451)
Observações	144	144	144
R ²	0,399	0,263	0,206
R ² Ajustado	0,349	0,202	0,140
F Estatístico (df = 8; 132)	10,958***	5,896***	4,282***

Nota:

*p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

Ambos os modelos apresentaram significância estatística, porém, é necessário identificar o mais adequado. A tabela 5 apresenta os resultados dos testes pertinentes para embasar a escolha.

Tabela 5 – Diagnóstico para escolha entre POLS, Efeitos Aleatórios ou Efeitos Fixos (2010 a 2018)

Teste F de Chow			
	MABA	SAUD	UTPU
F estatístico	121,370***	22,741***	14,778***
Prob > F	0,000	0,000	0,000
Teste Multiplicador de Lagrange (Breusch-Pagan)			
	MABA	SAUD	UTPU
Chi ²	109,910***	3,905**	28,325***
Prob > Chi ²	0,000	0,048	0,000
Teste de Hausman			
	MABA	SAUD	UTPU
Chi ²	150,200***	72,949***	36,090***
Prob > Chi ²	0,000	0,000	0,000
<i>Nota:</i>			*p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

O teste F de Chow avalia se há igualdade nos interceptos e nas inclinações para todos os indivíduos (GUJARATI e PORTER, 2011). Em ambos os modelos esta hipótese foi rejeitada ao nível de significância de 1%, indicando que os modelos de efeitos fixos são mais adequados que os de POLS. Já o teste de multiplicador de Lagrange (Breusch-Pagan), avalia se a variância dos efeitos fixos é zero (GUJARATI e PORTER, 2011). Em ambos os modelos esta hipótese foi rejeitada, ao nível de significância de 1% para MABA e UTPU e 5% para SAUD, indicando que os modelos de efeitos aleatórios são mais adequados que os de POLS.

Por fim, o teste de Hausman avalia se o estimador de efeitos aleatórios é mais eficiente que efeitos fixos, apesar de ambos serem consistentes (GUJARATI e PORTER, 2011). Em ambos os modelos esta hipótese foi rejeitada ao nível de significância de 1%, indicando que apenas os modelos de efeitos fixos são eficientes. Com isto, a análise dos resultados do período de 2010 a 2018 serão por meio dos modelos em painel de efeitos fixos.

O próximo passo é testar os modelos escolhidos para hipótese nula de homocedasticidade e ausência de autocorrelação serial. Na tabela 6 é possível identificar que a hipótese nula de homocedasticidade foi rejeitada em ambos os modelos, ao nível de significância de 1% para MABA e SAUD e 5% para UTPU, indicando heterocedasticidade. Também é possível identificar que em ambos os modelos a hipótese nula foi rejeitada, ao nível de significância de 1%, para o teste de Breusch-Godfrey, indicando que há autocorrelação serial.

Tabela 6 - Diagnóstico dos modelos em painel de Efeitos Fixos (2010 a 2018)

Teste de Breusch-Pagan para Homocedasticidade			
	MABA	SAUD	UTPU
BP	27,820***	24,838***	18,776**
<i>p-value</i>	0,000	0,001	0,016
Teste de Breusch-Godfrey para Correlação Serial			
	MABA	SAUD	UTPU
Chi ²	91,266***	102,803***	88,302***
Prob > Chi ²	0,000	0,000	0,000
<i>Nota:</i>	*p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01		

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

A partir destes diagnósticos, é necessário ajustar os modelos para erro padrão robusto à heterocedasticidade e autocorrelação serial, utilizando o método de Newye-West (GUJARATI e PORTER, 2011). Os resultados com este ajuste estão na tabela 7.

Tabela 7 - Resultado dos modelos em painel de Efeitos Fixos com erro robusto (2010 a 2018)

	<i>Variável Dependente:</i>		
	ln COT		
	MABA	SAUD	UTPU
ROE	-3,022 (1,489)	35,095*** (6,713)	-7,280** (3,642)
ROA	15,462*** (4,861)	-49,464*** (8,278)	31,857*** (10,047)
MB	1,974*** (0,409)	0,596 (0,581)	0,180 (0,382)
ML	-0,455* (0,248)	0,239 (0,424)	0,081 (0,150)
CE	2,007 (2,668)	1,808** (0,723)	2,470*** (0,772)
EG	3,184*** (0,739)	-1,408 (1,373)	2,312*** (0,725)
LC	0,191 (0,130)	0,160** (0,065)	0,572*** (0,158)
LG	-0,218 (0,828)	-0,539** (0,182)	-0,599 (0,585)
Observações	144	144	144
R ²	0,399	0,263	0,206

R ² Ajustado	0,349	0,202	0,140
F Estatístico (df = 8; 132)	10,958***	5,896***	4,282***
Nota:	*p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01		

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

Analisando a tabela 7 é possível identificar as variáveis com significância estatística e poder em explicar a variação no preço das ações dos setores MABA, SAUD e UTPU. Para o setor MABA são ROA, MB e EG, ao nível de significância de 1%, além do ROE e ML, a 5% e 10%, respectivamente. Para o setor SAUD são ROE, ROA e LG, ao nível de significância de 1%, CE e LC ao nível de 5%. Já para o setor UTPU são ROA, CE, EG e LC, ao nível de significância de 1%, ROE ao nível de 5%. Destas variáveis com significância estatística, as que possuem efeito positivo sobre o preço das ações do setor MABA são ROA, MB e EG. Para o setor SAUD são ROE, CE e LC. Em relação ao setor UTPU, são ROA, CE e LC. No sentido oposto, as variáveis com efeito negativo são ROE e ML para o setor MABA, ROA e LG para o setor SAUD e ROE para o setor UTPU.

Por meio dos coeficientes de cada variável independente nos modelos é possível relacionar o efeito sobre o preço das ações. Tomando como exemplo o modelo do setor SAUD, o efeito positivo encontrado identifica que um aumento do indicador econômico-financeiro ROE tende a aumentar o preço das ações (35,095) neste setor, se mantido constante todas as demais variáveis independentes. Neste mesmo contexto e condições, um aumento do endividamento geral (EG) tende a diminuir o preço das ações (-1,408) neste setor.

Os indicadores econômico-financeiros de rentabilidade e endividamento foram os que obtiveram melhor desempenho. O primeiro, com significância estatística em todos os três modelos, pode demonstrar que os investidores observam com atenção a eficiência das operações das empresas e o retorno do capital investido pelos acionistas. Já o segundo, com significância estatística em pelo menos dois dos três modelos, pode indicar que as dívidas das empresas também são relevantes na visão dos investidores, principalmente quando bem controlada e em níveis saudáveis para o caixa, mantendo o lucro positivo e satisfatório.

4.2 Análise do Período de 2019 a 2020

Com o intuito de avaliar e comparar o efeito dos indicadores econômico-financeiros no período de influência da pandemia do COVID-19, foram analisados os dados trimestrais das empresas listadas na B3 no período de 2019 a 2020. A cotação das ações também foi transformada para logaritmo natural para ajustar a linearidade e reduzir os efeitos da heterocedasticidade na regressão. Na tabela 8 é apresentado a estatística descritiva de cada variável utilizada nos modelos.

Tabela 8 - Estatística descritiva das variáveis (2019 a 2020)

Sigla	Variável Dependente	Setor	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
In COT	Cotação em Logaritmo Natural	MABA	2,935	1,086	1,075	4,471
		SAUD	3,07	0,3	2,485	3,539
		UTPU	3,619	0,214	3,132	4,07
Sigla	Variável Independente	Setor	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
ROE	Retorno Sobre o Patrimônio Líquido	MABA	-0,075	0,24	-0,792	0,072
		SAUD	0,046	0,017	0,024	0,081
		UTPU	0,05	0,035	-0,031	0,133
ROA	Retorno Sobre os Ativos	MABA	0,0005	0,012	-0,028	0,014
		SAUD	0,024	0,016	-0,014	0,059
		UTPU	0,015	0,007	0,003	0,026
MB	Margem Bruta	MABA	0,309	0,145	0,071	0,61
		SAUD	0,442	0,176	0,006	0,69
		UTPU	0,437	0,206	0,183	0,87
ML	Margem Líquida	MABA	-0,013	0,155	-0,417	0,191
		SAUD	0,157	0,11	0,021	0,365
		UTPU	0,183	0,109	0,066	0,421
EG	Endividamento Geral	MABA	0,705	0,178	0,48	0,986
		SAUD	0,507	0,181	0,184	0,713
		UTPU	0,652	0,087	0,524	0,792
CE	Composição do Endividamento	MABA	0,201	0,09	0,076	0,362
		SAUD	0,488	0,2	0,206	0,797
		UTPU	0,249	0,055	0,182	0,362
LC	Liquidez Corrente	MABA	2,41	1,232	1,235	5,004
		SAUD	2,011	0,746	1,402	3,569
		UTPU	1,284	0,293	0,742	1,884
LG	Liquidez Geral	MABA	0,682	0,176	0,424	0,954
		SAUD	1,092	0,568	0,371	2,241
		UTPU	0,739	0,244	0,369	1,127

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

Analisando os dados da tabela 8 e considerando os valores médios é possível identificar que as empresas do setor SAUD são as mais rentáveis, possuem maior liquidez e são menos endividadas. Já as empresas do setor MABA são as menos rentáveis, menos lucrativas e mais endividadas. As empresas do setor UTPU são as mais lucrativas e com menor liquidez. Comparando os dados do período de 2010 a 2018 com 2019 a 2020 é possível constatar que, no geral, as empresas se endividaram mais no período da pandemia do COVID-19, evidenciado

pelo aumento dos valores mínimos, médios e máximos da variável EG. Outra constatação na comparação destes períodos é que as empresas do setor MABA auferiram prejuízo, em média, evidenciado pelos valores médios negativos das variáveis ROE e ML, indicando lucro líquido negativo.

As estimações também foram realizadas por dados em painel balanceado através dos modelos de POLS, efeitos aleatórios e efeitos fixos. Os resultados para a análise da significância estatística dos modelos estão apresentados nas tabelas 9, 10 e 11.

Tabela 9 - Resultado dos modelos de POLS (2019 a 2020)

	Variável Dependente:		
	ln COT		
	MABA	SAUD	UTPU
ROE	0,263 (0,497)	9,200 (6,762)	5,413** (2,205)
ROA	79,145** (30,897)	-11,119* (6,130)	-33,205** (12,119)
MB	1,425*** (0,457)	1,149* (0,620)	0,125 (0,210)
ML	-5,562** (2,273)	-2,966 (2,422)	1,136** (0,414)
CE	-5,773** (2,691)	-2,208** (0,809)	1,340 (1,738)
EG	-0,719 (1,719)	0,095 (1,096)	-1,645** (0,609)
LC	-0,990*** (0,157)	0,120 (0,320)	-0,139 (0,213)
LG	0,622 (1,500)	0,748 (0,445)	-0,963* (0,469)
Constante	6,033*** (1,977)	2,836*** (0,809)	5,224*** (0,328)
Observações	32	32	32
R ²	0,954	0,734	0,770
R ² Ajustado	0,938	0,642	0,690
F Estatístico (df = 8; 23)	59,510***	7,950***	9,631***

Nota: *p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

Tabela 10 - Resultado dos modelos em painel de Efeitos Aleatórios (2019 a 2020)

	Variável Dependente:		
	MABA	SAUD	UTPU
ROE	0,263 (0,497)	9,200 (6,762)	5,413** (2,205)
ROA	79,145** (30,897)	-11,119* (6,130)	-33,205*** (12,119)
MB	1,425*** (0,457)	1,149* (0,620)	0,125 (0,210)
ML	-5,562** (2,273)	-2,966 (2,422)	1,136*** (0,414)
CE	-5,773** (2,691)	-2,208*** (0,809)	1,340 (1,738)
EG	-0,719 (1,719)	0,095 (1,096)	-1,645*** (0,609)
LC	-0,990*** (0,157)	0,120 (0,320)	-0,139 (0,213)
LG	0,622 (1,500)	0,748* (0,445)	-0,963** (0,469)
Constante	6,033*** (1,977)	2,836*** (0,809)	5,224*** (0,328)
Observações	32	32	32
R ²	0,954	0,734	0,770
R ² Ajustado	0,938	0,642	0,690
F Estatístico	476,078***	63,603***	77,044***
<i>Nota:</i>	*p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01		

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

Tabela 11 - Resultado dos modelos em painel de Efeitos Fixos (2019 a 2020)

	Variável Dependente:		
	MABA	SAUD	UTPU
ROE	0,587 (0,346)	8,929 (9,505)	4,353 (2,702)
ROA	42,402* (24,570)	-2,678 (7,659)	-18,384 (20,210)
MB	1,623* (0,889)	0,392 (0,711)	-0,145 (0,358)
ML	-3,144* (1,782)	-4,396 (2,588)	0,504 (0,790)
CE	-1,129 (2,197)	-1,091 (2,669)	1,645 (2,262)
EG	0,762 (1,676)	1,918 (2,030)	-1,037 (1,419)
LC	-0,038 (0,211)	-0,080 (0,495)	-0,057 (0,371)
LG	-1,126 (1,230)	0,802 (0,991)	-1,010 (1,186)
Observações	32	32	32
R ²	0,571	0,232	0,338
R ² Ajustado	0,335	-0,191	-0,027
F Estatístico (df = 8; 20)	3,327**	0,755	1,274
<i>Nota:</i>	*p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01		

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

Ambos os modelos apresentaram significância estatística, exceto, os modelos em painel com efeitos fixos para os setores SAUD e UTPU, pois além de não ter significância em nenhum coeficiente individual, o F estatístico também indicou que os modelos não são eficientes, ao aceitar a hipótese nula. Para prosseguir com a análise é necessário escolher o modelo mais adequado, os resultados da tabela 12 embasaram esta definição.

Tabela 12 - Diagnóstico para escolha entre POLS, Efeitos Aleatórios ou Efeitos Fixos (2019 a 2020)

Teste F de Chow			
	MABA	SAUD	UTPU
F estatístico	10,223***	1,907	0,317
Prob > F	0,000	0,161	0,812
Teste Multiplicador de Lagrange (Breusch-Pagan)			
	MABA	SAUD	UTPU
Chi ²	1,612	2,151	2,219
Prob > Chi ²	0,204	0,142	0,136
Teste de Hausman			
	MABA	SAUD	UTPU
Chi ²	32,012***	5,732	0,94
Prob > Chi ²	0,000	0,677	0,998
<i>Nota:</i>			*p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

O teste F de Chow indicou que os modelos de POLS são mais adequados que os de efeitos fixos, pois foi aceito a hipótese de igualdade nos interceptos e nas inclinações para todos os indivíduos, com exceção ao modelo do setor MABA, que rejeitou a hipótese nula ao nível de significância de 1%, indicando que o modelo de efeitos fixos é mais adequado.

O teste de multiplicador de Lagrange (Breusch-Pagan) indicou que os modelos de POLS são mais adequados que os de efeitos aleatórios, pois foi aceito a hipótese de que a variância dos efeitos fixos é zero.

Por fim, o teste de Hausman indicou que para os setores SAUD e UTPU ambos os modelos são adequados, pois aprovou a hipótese de que tanto o estimador de efeitos aleatórios quanto o de efeitos fixos são eficientes. Já para o setor MABA esta hipótese foi rejeitada, ao nível de significância de 1%, indicando que apenas o modelo de efeitos fixos é eficiente.

Embora o teste F de Chow tenha indicado que para o modelo do setor MABA o estimador de efeitos fixos seria o mais adequado, o teste multiplicador de Lagrange (Breusch-Pagan) confirmou que os modelos estimados por POLS são adequados e consistentes para ambos os setores.

Com a escolha dos modelos, estimados em POLS, é realizado os diagnósticos de heterocedasticidade e autocorrelação serial. Conforme tabela 13, o teste de Breusch-Pagan aceitou a hipótese nula de homocedasticidade em ambos os modelos, indicando não haver problemas com heterocedasticidade. Já o teste de Breusch-Godfrey indicou problema de autocorrelação serial em ambos os modelos, ao rejeitar a hipótese nula para os setores MABA e SAUD, ao nível de significância de 1%, e para o setor UTPU, ao nível de significância de 5%.

Tabela 13 - Diagnóstico dos modelos de POLS (2019 a 2020)

Teste de Breusch-Pagan para Homocedasticidade			
	MABA	SAUD	UTPU
BP	10,347	5,657	11,086
<i>p-value</i>	0,241	0,685	0,196
Teste de Breusch-Godfrey para Correlação Serial			
	MABA	SAUD	UTPU
Chi ²	20,440***	20,576***	15,971**
Prob > Chi ²	0,008	0,008	0,042
<i>Nota:</i>			*p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

Com o diagnóstico de correlação serial é necessário corrigir o modelo, utilizando o método de NewyWest, para obter os erros padrão robustos (GUJARATI e PORTER, 2011). A tabela 14 apresenta o resultado dos modelos após o ajuste.

Tabela 14 - Resultado dos modelos de POLS com erro robusto (2019 a 2020)

	<i>Variável Dependente:</i>		
	MABA	SAUD	UTPU
ROE	0,263 (0,418)	9,200* (5,139)	5,413*** (1,785)
ROA	79,145*** (24,353)	-11,119** (4,006)	-33,205*** (7,309)
MB	1,425*** (0,354)	1,149*** (0,381)	0,125 (0,081)
ML	-5,562*** (1,717)	-2,966* (1,703)	1,136*** (0,334)
CE	-5,773*** (1,575)	-2,208*** (0,470)	1,340 (1,262)
EG	-0,719 (1,853)	0,095 (0,860)	-1,645*** (0,514)
LC	-0,990*** (0,138)	0,120 (0,157)	-0,139 (0,177)
LG	0,622 (1,336)	0,748** (0,268)	-0,963*** (0,324)
Constante	6,033*** (2,137)	2,836*** (0,625)	5,224*** (0,227)

Observações	32	32	32
R ²	0,954	0,734	0,770
R ² Ajustado	0,938	0,642	0,690
F Estatístico (df = 8; 23)	59,510***	7,950***	9,631***
<i>Nota:</i>	*p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01		

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2021.

Analisando a tabela 14 é possível identificar as variáveis com significância estatística e poder em explicar a variação no preço das ações dos setores MABA, SAUD e UTPU. Para o setor MABA são ROA, MB, ML, CE e LC, ao nível de significância de 1%. Para o setor SAUD são MB e CE, ao nível de significância de 1%, ROA e LG ao nível de significância de 5% e ROE e ML, ao nível de significância de 10%. Já para o setor UTPU são ROE, ROA, ML, EG e LG, ao nível de significância de 1%.

Destas variáveis com significância estatística, as que possuem efeito positivo sobre o preço das ações do setor MABA são ROA e MB. Para o setor SAUD são ROE, MB e LG. Em relação ao setor UTPU, são ROE e ML. No sentido oposto, as variáveis com efeito negativo são ML, CE e LC para o setor MABA, ROA, ML e CE para o setor SAUD e ROA, EG e LG para o setor UTPU.

Comparando os resultados do período de 2019 a 2020, relacionado à pandemia do COVID-19, e de 2010 a 2018, é possível perceber que há diferença no efeito dos indicadores econômico-financeiros. No período da pandemia, tabela 14, foram encontradas nove variáveis com efeito negativo e sete com efeito positivo, contra cinco com efeito negativo e dez com efeito positivo, no período anterior, tabela 7. O destaque nesta inversão de efeito está para os indicadores econômico-financeiros relacionados ao endividamento das companhias, pois no período da crise tanto a variável CE quanto a EG indicaram efeito negativo com o preço das ações, ou seja, quanto maior for a dívida, menor será o preço das ações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve o objetivo de identificar estatisticamente o efeito dos indicadores econômico-financeiros no preço das ações de empresas listadas na B3 por meio da análise de indicadores econômico-financeiros, calculados com base nos balanços trimestrais das companhias. Os resultados evidenciaram que todos os indicadores utilizados na pesquisa possuem pertinência e significância em pelo menos um dos três setores analisados.

No período de 2010 a 2018 os indicadores com maior persistência na explicação do preço das ações estão relacionados a rentabilidade (ROE e ROA), pois apresentaram significância estatística nos três modelos. Para o setor MABA, o ROE e ML apresentaram efeito negativo sobre o preço das ações, enquanto ROA, MB e EG, efeito positivo. Para o setor SAUD, o ROA e LG apresentaram efeito negativo, enquanto ROE, CE e LC, efeito positivo. Já no setor UTPU, apenas o ROE apresentou efeito negativo, enquanto ROA, CE, EG e LC, efeito positivo.

Embora os resultados encontrados sejam estatisticamente pertinentes e válidos, condizentes com o referencial teórico abordado, a utilização isolada destes indicadores não é garantia de êxito na escolha de empresas com excelente potencial de retorno, pois ao observar o R^2 dos modelos de efeitos fixos com erro robusto é possível identificar que apenas 39,9% (MABA), 26,3% (SAUD) e 20,6% (UTPU) da composição do preço das ações é explicado pelos indicadores econômico-financeiros abordados.

Outra constatação é que no período relacionado a pandemia do COVID-19 (2019 a 2020) os modelos de POLS com erro robusto apresentaram o poder explicativo de 95,4% (MABA), 73,4% (SAUD) e 77% (UTPU), e todos os indicadores denotaram significância estatística em pelo menos um dos três setores analisados. O destaque fica com as variáveis ROA e ML, por apresentarem maior persistência, possuindo significância em todos os três modelos. Para o setor MABA, o ML, CE e LC apresentaram efeito negativo sobre o preço das ações, enquanto ROA e MB, efeito positivo. Para o setor SAUD, o ROA, ML e CE apresentaram efeito negativo, enquanto ROE, MB e LG, efeito positivo. Já no setor UTPU, o ROA, EG e LG apresentaram efeito negativo, enquanto ROE e ML, efeito positivo.

Sugere-se para as próximas pesquisas o incremento de outros indicadores econômico-financeiros, por exemplo, liquidez seca (LS), retorno sobre o investimento (ROI), preço sobre lucro da ação (P/L), lucro por ação (LPA), margem EBIT e EBITDA, além de, fatores macroeconômicos, tal como, inflação, produto interno bruto (PIB) e taxa de juros. Outra sugestão é analisar apenas um setor, incluindo mais empresas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, B. E.; SALES, É. N. Indicadores da análise fundamentalista e o retorno das ações listadas no IBrX 100 à luz do value investing no período de 2009 a 2018. *In: USP INTERNATIONAL CONFERENCE IN ACCOUNTING*, 20, 2020, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2020. Disponível em: <<https://congressosp.fipecafi.org/anais/20Usplnternational/ArtigosDownload/2278.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- AMBROZINI, M. A.; MOUTINHO, R. A.; MAGNANI, V. M. Análise do impacto do fluxo de caixa livre sobre o retorno acionário das companhias de capital aberto no mercado acionário brasileiro. **Revista Mineira de Contabilidade**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 55-69, 2019.
- B3, Educação. **Por Dentro da B3: Guia Prático de uma das Maiores Bolsas de Valores e Derivativos do Mundo**. Brasil, 2017.
- CAMARGO, R. 2,5 milhões de investidores na Bolsa, e ninguém percebeu isso. **Seudinheiro**, 2020. Disponível em: <<https://www.seudinheiro.com/2020/colunistas/aposente-se-aos-40/25-milhoes-deinvestidores-na-bolsa-e-ninguem-percebeu-isso/>>. Acesso em: 26 set. 2020.
- CHING, H. Y.; MARQUES, F.; PRADO, L. **Contabilidade e finanças para não especialistas**. 3.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- GUJARATI, D. N.; PORTER, D. C. **Econometria básica**. 5.ed. Porto Alegre: AMGH, 2011.
- JERMSITTIPARSERT, K.; AMBARITA, D.; MIHARDJO, L.; GHANI, E. Risk-Return through Financial Ratios as Determinants of Stock Price: A Study from ASEAN Region. **Journal of Security and Sustainability Issues**, v. 9, n. 1, p. 199-210, 2019.
- LAZARINI, J. Confirma os três setores mais perenes da Bolsa de Valores. **Suno Research**, 2019. Disponível em: <<https://www.sunoresearch.com.br/noticias/confira-os-tres-setores-mais-perenes-dabolsa-de-valores/>>. Acesso em: 22 set. 2020.

- LIGOCKÁ, M.; STAVÁREK, D. The Relationship Between Financial Ratios and the Stock Prices of Selected European Food Companies Listed on Stock Exchanges. **Acta Universitatis Agriculturae et Silviculturae Mendelianae Brunensis**, v. 67, n. 1, p. 299-307, 2019.
- LUCENA, R. M.; SIBIN, B. H.; SILVA, C. E. S. F. Desempenho econômico-financeiro do setor de alimentos e bebidas no Brasil no período de 2011 a 2014. **Revista Estudos e Pesquisas em Administração**, Rondonópolis, v. 1, n. 1, p. 42-58, 2017.
- MALTA, T. L.; CAMARGOS, M. A. Variáveis da análise fundamentalista e dinâmica e o retorno acionário de empresas brasileiras entre 2007 e 2014. **REGE - Revista de Gestão**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 52-62, 2016.
- MARTANI, D.; MULYONO; KHAIRURIZKA, R. The effect of financial ratios, firm size, and cash flow from operating activities in the interim report to the stock return. **Chinese Business Review**, v. 8, n. 6, p. 44-55, 2009.
- MOUTINHO, L. Selic: como os cortes na taxa de juros afetam os investidores? **Suno Research**, 2020. Disponível em: <<https://www.sunoresearch.com.br/noticias/selic-afeta-investidores-corte/>>. Acesso em: 26 set. 2020.
- REIS, T. Análise fundamentalista: saiba o que é e como utilizá-la. **Suno Research**, 2017. Disponível em: <<https://www.sunoresearch.com.br/artigos/analise-fundamentalista/>>. Acesso em: 26 set. 2020.
- REIS, T. Os indicadores mais importantes em uma análise. **Suno Research**, 2017. Disponível em: <<https://www.sunoresearch.com.br/artigos/os-indicadores-mais-importantes-em-uma-analise/>>. Acesso em: 22 set. 2020.
- ROCHIM, R.; GHONIYAH, N. Analysis on the Effect of Current Ratio, Cashflow From Operation To Debt, Firm Size and Return on Equity on Stock Return, **International Journal of Islamic Business Ethics**, v. 2, n. 3, 41-51, 2017.
- SCHUMAHER, L. F.; PIMENTA JUNIOR, T.; ARNOSTI, A. A. Um estudo da relação entre os comportamentos de indicadores de desempenho empresarial e dos preços das ações. **FACEF Pesquisa**, Franca, v. 11, n. 2, p. 176-185, 2008.
- SILVA, C. L.; SOUZA, G. H. S.; LIMA, N. C.; DONEGA, P. H. C. C. Análise da precificação de ações em empresas agropecuárias da B3. **Informe GEPEC**, Toledo, v. 24, n. 2, p. 30-52, 2020.

VARIÁVEIS DE JOGOS QUE REFLETEM VALORES DE SCHWARTZ

GAME VARIABLES THAT REFLECT SCHWARTZ VALUES

FILIFE DE FRANÇA MONTEIRO VASCONCELOS
filipe.vasconcelos@upe.br

ADEMIR MACEDO NASCIMENTO
ademir.nascimento@upe.br

RESUMO

O mercado de jogos eletrônicos de entretenimento, embora já sedimentado e de grande rentabilidade, ainda possui muitas oportunidades a serem exploradas. Para tanto, denota-se a importância de entender as características dos jogos eletrônicos de entretenimento, percebidas como significativas para os usuários pagantes, de modo a auxiliar os desenvolvedores na criação de produtos que atendam o perfil local. Assim, buscou-se identificar o comportamento do consumidor por meio das variáveis que são consideradas relevantes por usuários pagantes experientes de jogos eletrônicos de entretenimento, correlacionando-as com os valores humanos pessoais básicos de Schwartz. Para tal, foram realizadas 15 entrevistas, no ano de 2021, utilizando a técnica Grade de Repertório. O estudo verificou que a metodologia aplicada na pesquisa expôs resultados inovadores, encontrando nostalgia e trilha sonora como variáveis relevantes para os jogadores de jogos eletrônicos de entretenimento, que além de refletir os valores de Schwartz não foram elencadas em pesquisas anteriores.

Palavras-chave: Comportamento do Consumidor; Jogos Eletrônicos; Consumidor Pagante; Grade de Repertório; Valores de Schwartz.

ABSTRACT

The entertainment electronic games market, although already established and highly profitable, still has many opportunities to be explored. Therefore, it is important to understand the characteristics of electronic games entertainment, perceived as significant for paying users, in order to assist developers in creating products that meet the local profile. Thus, we seek to identify consumer behavior through variables that are considered relevant by experienced paying users of electronic entertainment games, correlating them with Schwartz's basic personal human values. Therefore, 15 interviews were conducted in 2021, using the Repertoire Grid technique. The study found that the methodology applied in the research showed innovative results, finding nostalgia and soundtrack as relevant variables for entertainment electronic game players, which, in addition to reflecting Schwartz values, were not listed in previous research.

Keywords: Consumer Behavior; Electronic Games; Paying Consumer; Repertory Grid; Schwartz Values.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de recreação tem uma dimensão complexa, de forma que a satisfação individual pelo entretenimento varia de acordo com os desejos e as necessidades de cada indivíduo, modificando-se conforme as preferências pessoais (YUCE ET AL., 2018). Consoante Shaw (2010) e Chen (2013), o videogame vem se tornando uma das principais mídias culturais da sociedade contemporânea, no entanto, pouca atenção tem sido voltada às tendências do comportamento do consumidor de games, o que dificulta a identificação de pontos de convergência que permitam um processo de melhoria contínua para desenvolvedores locais (SOUZA; FREITAS, 2017).

No ramo de lazer, o mercado de jogos eletrônicos desponta como o de maior rentabilidade na América Latina, ultrapassando áreas mais tradicionais na região, como, por exemplo, a cinematográfica (SOUZA; FREITAS, 2017). O Censo da Indústria Brasileira de Jogos Digitais destaca que o número de empresas nacionais desenvolvedoras de jogos cresceu 164% entre 2016 e 2017, culminando num total de 1.718 jogos produzidos no Brasil. Desse total, 71,6% são jogos voltados ao entretenimento e 28,4% estão relacionados a jogos para treinamentos corporativos, educação e saúde (SIOUX GROUP, 2018).

Nesse sentido, a Newzoo, empresa de análise do mercado de jogos, considerou o Brasil como melhor país do continente latino-americano em termos de receita de jogos. De maneira que a nação tem uma das maiores relações jogador/pagador do mundo, com 61% dos seus jogadores gastando dinheiro em diferentes plataformas (NEWZOO, 2013). Em 2019, a organização afirmou que o país detém um mercado composto por 77 milhões de jogadores e receita anual de cerca de US\$ 1,5 bilhão (NEWZOO, 2019). Logo, o aumento do nível de consumo de jogos vem exigindo das empresas de desenvolvimento um novo olhar sobre o comportamento dos consumidores.

Portanto, denota-se a importância de entender as características dos jogos eletrônicos de entretenimento, percebidas como significativas para os usuários pagantes, de modo a auxiliar os desenvolvedores na criação de produtos que atendam o perfil local. Assim, destaca-se a importância de conhecer quais os atributos que podem estar presentes nos jogos e possivelmente proporcionarão um maior retorno financeiro, além de características que possam fazer os usuários adotarem ou abandonarem um jogo ao longo do tempo.

Do universo de elementos que estimulam a prática de jogar *games* eletrônicos de entretenimento para os usuários pagantes, é possível sugerir que há correlação com os valores humanos básicos ou motivacionais de Schwartz. Foram identificados dez tipos motivacionais distintos de valores, sugerindo uma relação dinâmica entre eles, possibilitando a sua organização em conjuntos de valor, que detém metas motivacionais e podem servir a interesses individuais ou coletivos (MOREIRA; TEIXEIRA; LOCATELLI, 2020).

A justificativa da pesquisa é traduzida pela possibilidade deste conhecimento criar um diferencial para empresas locais, frente a um mercado altamente competitivo que possui grandes conglomerados internacionais, lançando jogos globais com regularidade. De maneira que, o estudo irá fornecer oportunidades de diferenciação para empresas pernambucanas que desenvolvem jogos eletrônicos, ajudando-as a competir com grandes conglomerados internacionais. Desta forma, a pesquisa visa responder quais as variáveis consideradas relevantes por usuários pagantes experientes de jogos eletrônicos de entretenimento refletem os valores de Schwartz?

Para tal, realizaram-se entrevistas com a aplicação da técnica grade de repertório a fim de obter resultados seguros e únicos que atendam ao objetivo proposto, de modo a contribuir para a literatura acadêmica da área. No tocante a coleta dos dados, as entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2021.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Comportamento do Consumidor

Os indivíduos constantemente tomam decisões de consumo, embora algumas sejam realizadas após um grande julgamento de prós e contras, outras são feitas quase que instintivamente, diante da necessidade ou rotina da demanda. Independentemente da situação, essas decisões impactam não apenas o consumidor, mas também toda cadeia de pessoas que participam direta ou indiretamente para a criação daquele produto ou serviço. Os consumidores frequentemente se deparam com um grande quantitativo de alternativas, informações e apelos, que se apresentam de diversas maneiras a fim de conduzir o cliente a concretizar uma compra (PAYNE; BETTMAN; JOHNSON, 1991). Assim, o entendimento das variáveis percebidas como relevantes em um produto, como almeja esta pesquisa, torna-se um potencial fator diferencial no desenvolvimento e sucesso deste produto.

A natureza multifacetada na tomada de decisão do consumidor é estudada e traduzida através do seu comportamento. O comportamento do consumidor trata-se da maneira como o consumidor se comporta durante a procura, compra, utilização, avaliação e destinação de produtos e serviços que ele espera que satisfaça as suas necessidades e desejos (SANTANA; BRITO, 2020).

Nesse contexto, é pertinente refletir sobre a forma como as informações estão dispostas no ambiente e como chegarão ao público, pois podem vir em anúncios patrocinados nas redes sociais, *outdoors*, propagandas televisivas ou monetizadas no *Youtube*, entre outros (CAETANO *et al.*, 2016). Ainda é possível que o conhecimento para a compra seja trazido por um meio indireto como a indicação de alguém próximo ou que seja resgatado da experiência passada do próprio consumidor (COBRA, 2009). Também é factível que o comprador encontre informações através de fontes de experimentação, quando há a possibilidade de experimentar produtos, inclusive, por meio do recebimento de amostras grátis. Desse modo, o canal no qual a informação é recebida, influencia na ponderação da decisão (CHURCHILL; PETER, 2000).

Outro fator que influencia no processo de escolha do consumidor é a importância do bem ou serviço. Visto que, para a maioria dos consumidores, há uma grande diferença entre escolher, por exemplo, qual água mineral ou qual carro irá adquirir. No primeiro caso, a decisão costuma ser rotineira, tem relativamente poucas consequências e é tomada quase que automaticamente, com pouco esforço. Em contrapartida, no segundo caso, as consequências são maiores, fazendo com que o consumidor, provavelmente, dedique um grande esforço, pesquisando grandes quantidades de informações, solicitando conselhos e se debruçando com as difíceis compensações (LAS CASAS, 2010).

Para tanto, dentro do processo decisório humano, é imprescindível considerar a racionalidade limitada. Esse conceito consiste na crença de que todas as informações, acerca de um tema, não estão disponíveis e acessíveis ao tomador de decisão e mesmo que estivessem o ser humano não teria capacidade cognitiva para processá-las e chegar a uma solução perfeita. Assim, o termo racionalidade limitada reflete a limitação do decisor organizacional, como ser humano, em identificar, coletar e processar os dados e informações em grande quantidade e complexidade (SIMON, 1991). Desta forma, o processo decisório foi otimizado de maneira a se aproximar da realidade, considerando as variáveis subjetivas que influenciam os sujeitos e suas decisões (SCHREIBER; BOHNENBERGER, 2017).

Ou seja, é factível considerar que o entendimento do consumidor sobre um produto tenderá a não ser exposto na sua totalidade mesmo que seja feita uma pergunta direta sobre quais foram as características que chamaram atenção dele. Desta forma, a metodologia deste trabalho se utilizou de uma técnica comparativa para exigir que o entrevistado pensasse em atributos positivos e negativos comuns aos principais jogos eletrônicos de entretenimento que ele joga ou já jogou. A distinção da resposta foi traduzida no tempo gasto para responder algumas características. Enquanto algumas eram ditas em segundos, outras demoravam mais de três minutos.

Outrossim, é pertinente considerar que as decisões de consumo são contingenciais, ou seja, dependerão das pessoas e contextos envolvidos. Payne, Bettman e Johnson (1991) elencam como variáveis contingenciais importantes as características do problema de decisão, ou seja, consumir, quantas alternativas existem, qual o tempo disponível, semelhanças entre as opções disponíveis, entre outros, bem como as características da pessoa tomadora da decisão; logo, se o consumidor tem uma percepção mais quantitativa ou qualitativa. Por fim, as características do contexto social vivenciado, pois mesmo que um indivíduo esteja tomando a decisão, ele pode se sentir responsável por outros, como membros da família, visto que há diferença entre comprar uma refeição para si ou comprar uma refeição para a família (MEDEIROS; CRUZ; VIDOR, 2015).

Nesse universo, Li (2012) constatou que motivações sociais conduzem o usuário na decisão de finalizar uma compra em jogos eletrônicos, ainda que o objetivo maior do jogo seja atingir o maior desempenho. Questões como desejo de completar objetivos, argúcia do valor funcional e social do bem e motivação à descoberta interferem na realização, ou não, da compra.

Ainda, Yuce *et al.* (2018) defendem que existem grandes semelhanças e pontos em comum entre as motivações dos indivíduos para participar de atividades de lazer e a motivação para jogar jogos de celular. Desta forma, pode-se assumir que os conceitos de felicidade, satisfação, liberdade e interação social, que formam a base da motivação para participar do lazer, também possuem equivalência à motivação para jogar jogos de celular. Para tanto, a motivação para jogar e consumir jogos eletrônicos de entretenimento alberga uma gama de pressupostos que podem ser contemplados dentro da experiência do consumidor.

2.2 Valores de Schwartz

Os valores são utilizados para caracterizar grupos culturais, sociedades e indivíduos, para rastrear mudanças ao longo do tempo e explicar as bases motivacionais de atitudes e comportamentos (SCHWARTZ, 2012). Clawson e Vinson (1978) afirmam que os valores podem ser uma

das influências mais fortes sobre o comportamento do consumidor, a ponto de igualarem ou superarem as contribuições de outros importantes fatores como atitudes, atributos do produto e estilos de vida. No entanto, um dos maiores problemas no estudo da influência dos valores no comportamento é que os valores e comportamentos estão em diferentes níveis de abstração. (BEATTY *ET AL.*, 1985)

A teoria de Schwartz (2012) identifica dez valores pessoais básicos que são reconhecidos em todas as culturas, sendo eles:

- Autodireção: pensamento e ação independentes, como escolher, criar, explorar.
- Estimulação: emoção, novidade e desafio na vida.
- Hedonismo: prazer ou gratificação sensual para si mesmo.
- Realização: sucesso pessoal através da demonstração de competência segundo os padrões sociais.
- Poder: status social e prestígio, controle ou domínio sobre pessoas e recursos.
- Segurança: segurança, harmonia e estabilidade na sociedade, nos relacionamentos e de si mesmo.
- Conformidade: restrição de ações que podem perturbar ou prejudicar outras pessoas, violando expectativas ou normas sociais.
- Tradição: respeito, compromisso e aceitação dos costumes e ideias que cada cultura ou religião fornece.
- Benevolência: preservar e melhorar o bem-estar daqueles com quem se tem contato pessoal.
- Universalismo: compreensão, apreciação, tolerância e proteção para o bem-estar de todas as pessoas e da natureza.

Alguns valores conflitam entre si, por exemplo, benevolência e poder, enquanto outros são compatíveis, a exemplo de conformidade e segurança. A estrutura de valores refere-se a essas relações de conflito e congruência entre os valores, de maneira que os valores são estruturados de formas similares em grupos culturalmente diversos. Isso sugere que existe uma organização universal das motivações humanas. Porém, embora a natureza dos valores e sua estrutura possam ser universais, os indivíduos e grupos diferem substancialmente na importância relativa que eles atribuem aos valores, ou seja, indivíduos e grupos têm diferentes prioridades ou hierarquias de valores (SCHWARTZ, 2012).

Contudo, o autor identificou julgamentos de valores semelhantes sob uma perspectiva macroscópica. Estudos avaliaram a teoria com dados de centenas de amostras, em 82 países do mundo, usando os métodos de medição Pesquisa de valor de Schwartz (*Schwartz Value Survey - SVS*) ou Questionário de Valores de Portrait (*Portrait Values Questionnaire - PVQ*). As amostras incluem uma grande diversidade geográfica, cultural, linguística, religiosa, de idade, gênero e grupos ocupacionais. Evidenciando um caráter transcultural para a teoria, cada um dos dez valores básicos é distinguido em pelo menos 90% das amostras.

O literato afirma que os indivíduos diferem substancialmente na importância que atribuem aos dez valores. No entanto, entre as sociedades há um grande consenso quanto à ordem hierárquica dos valores. Em amostras representativas, usando diferentes instrumentos, as classificações de importância entre os dez valores são bastante semelhantes, de forma que bene-

volência, universalismo e autodireção são os mais importantes. Enquanto os valores de poder e estimulação são considerados os menos importantes. Schwartz e Bardi (1997) defendem que existe uma hierarquia de valores pancultural, provavelmente derivada das funções adaptativas necessárias para a manutenção das sociedades e de nossa natureza humana em comum.

2.3 Mercado de Jogos Eletrônicos

Acordante Souza *et al.* (2021), os jogos eletrônicos são diversos e possuem diferentes focos, por exemplo, entretenimento, jogos casuais, *serious games*, jogos para medicina e até *e-sport*, onde o usuário se torna um jogador profissional (*pro-player*), caracterizando-o como um mercado com muitas oportunidades a serem exploradas.

Neste contexto, Lehdonvirta (2009) expõe que o comércio de bens virtuais com dinheiro real surgiu em 1999, entre jogadores de jogos de RPG *online*. Na ocasião, os usuários disponibilizaram seus itens virtuais no *site* de comércio eletrônico Ebay, cedendo-os aos jogadores que pagassem o valor estipulado em moeda real. Essa estratégia de troca de bens virtuais por dinheiro do mundo real (*Real Money Trade* – RMT) foi incorporada pelas próprias empresas desenvolvedoras dos jogos a fim de contrabalancear a gratuidade que ordinariamente é oferecida para jogar, ultrapassando a prática de jogo por assinatura (LEITINHO; FARIAS, 2018). De maneira que, atualmente, em jogos *online*, a existência de bens virtuais que possibilitam a melhoria do personagem é usual, de sorte que um jogador que obteve o recurso estará em vantagem quando comparado aos demais *players* de mesmo nível.

Nesse cenário, Souza e Freitas (2017) concluíram, em sua pesquisa acerca dos atributos dos jogos que influenciam os consumidores a jogar e pagar por eles, que desafio, desvio, diversão, fantasia e interação social influenciam a intenção de jogar e pagar pelos jogos, enquanto a competição tem um efeito negativo na intenção de jogar. Ademais, não foram verificadas causalidades significativas dos construtos flexibilidade de tempo e excitação na intenção de jogar. Os autores também observaram que as motivações que obtiveram um maior impacto foram a diversão, o desafio e a fantasia, logo, são atributos que deveriam ser considerados pelas organizações desenvolvedoras de jogos. Ou seja, a identificação dos atributos considerados relevantes pelo consumidor de jogos eletrônicos, como objetiva esta pesquisa, podem influenciar na intenção de jogar e pagar pelos jogos.

O valor dessas informações é proporcionalmente aumentado quanto menor for a organização, pois há maior dificuldade de acesso ao entendimento da percepção do consumidor para empresas pequenas, com recursos mais limitados. Conforme o Grupo de Estudos e Desenvolvimento da Indústria de Jogos (GEDIGAMES), em seu relatório mais atual publicado, as organizações brasileiras são de pequeno porte, de forma que 70% delas têm faturamento anual de até R\$ 240.000, 21,6% maior que R\$ 240 mil e menor ou igual a R\$ 2,4 milhões, e apenas 4% maior que R\$ 2,4 milhões e menor ou igual a R\$ 16 milhões. Outro dado referente a essas é que são empresas jovens, atuando no mercado por menos de cinco anos. Logo, não conseguem desenvolver produtos com alto custo de produção de forma competitiva (GEDIGAMES, 2014).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que tange à abordagem, pode-se classificar esta pesquisa como exploratório-descritiva, pois seu propósito imediato é a exploração e descrição de uma realidade, sem intenção de verificar relações de causalidade (LUNE; BERG, 2017). Enquanto a natureza da pesquisa se enquadra como aplicada, haja vista seu caráter prático, ou seja, almejando solucionar problemas circunstanciais da realidade (GIL, 2008).

Objetivando responder a pergunta de pesquisa, utilizou-se a grade de repertório como instrumento. O embasamento teórico da grade de repertório é a psicologia dos construtos pessoais, na qual o entendimento do mundo está associado à categorização dos elementos da percepção, baseada no estabelecimento de similaridades e diferenças entre os elementos percebidos, a fim de formar um quadro referencial delineado pelos construtos que auxiliam a categorização de novas experiências ou estímulos (COOPER; SCHINDLER, 2016).

Esta técnica provê elementos qualitativos que representam a cognição do sujeito e possui como vantagem de sua utilização o fato dos construtos serem elicitados com interferência mínima, permitindo que o resultado seja associado às características do indivíduo e não às do pesquisador (RAMOS; FERREIRA; GIMENEZ, 2011). Ao pesquisador cabe a definição de amplo cenário inicial para a tarefa, que levará o indivíduo a definir os construtos relevantes para aquele cenário, o que, neste caso, refere-se ao cenário de jogos eletrônicos.

A aplicação da técnica pressupõe o contato pessoal com o entrevistado, e no primeiro momento, denominado elicitação de construtos, o respondente foi convidado a apontar os cinco principais jogos eletrônicos que utiliza atualmente ou que já utilizou. O estudo de Gimenez, Hayashi Júnior e Grave (2007) apontou que os construtos elicitados através da grade de repertório se relacionam aos atributos pessoais do entrevistado, como estilo cognitivo e personalidade.

Após a elaboração desta listagem, que contempla os cinco principais jogos eletrônicos de entretenimento em uso ou usados pelo respondente, o entrevistador dividiu-os em tríades, gerando um total de cinco tríades, segundo o quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Formação das tríades na Grade de Repertório.

JOGOS ESCOLHIDOS PELO ENTREVISTADO: <i>Game 1, Game 2, Game 3, Game 4 E Game 5.</i>			
TRÍADE 1	<i>Game 1</i>	<i>Game 2</i>	<i>Game 3</i>
TRÍADE 2	<i>Game 2</i>	<i>Game 3</i>	<i>Game 4</i>
TRÍADE 3	<i>Game 3</i>	<i>Game 4</i>	<i>Game 5</i>
TRÍADE 4	<i>Game 4</i>	<i>Game 5</i>	<i>Game 1</i>
TRÍADE 5	<i>Game 5</i>	<i>Game 1</i>	<i>Game 2</i>

Fonte: Os autores.

Em seguida o respondente discriminou uma característica que fosse semelhante aos dois primeiros jogos, e ao mesmo tempo essa mesma característica fosse diferente do terceiro jogo, dentro de cada tríade, segundo quadro 2:

Quadro 2 – Formação das categorias na Grade de Repertório.

	SEMELHANTE	SEMELHANTE	DIFERENTE	CARACTERÍSTICA
TRÍADE 1	Game 1	Game 2	Game 3	Característica T1
TRÍADE 2	Game 2	Game 3	Game 4	Característica T2
TRÍADE 3	Game 3	Game 4	Game 5	Característica T3
TRÍADE 4	Game 4	Game 5	Game 1	Característica T4
TRÍADE 5	Game 5	Game 1	Game 2	Característica T5

Fonte: Os autores.

Essa análise tem o intuito de criar características que externalizam a percepção do respondente sobre jogos eletrônicos de entretenimento. As características apresentadas pelo entrevistado representam os construtos utilizados para o entendimento de sua escolha.

Este procedimento é coerente com a ideia de que a tomada de decisão é construída cognitivamente, e que mesmo participando objetivamente de espaços comuns, cada indivíduo percebe e dá significados diferentes às pressões provenientes do ambiente. Apesar de configurar-se como instrumento de avaliação proveniente da psicologia, tal técnica não é considerada um teste psicológico, sendo seu uso acessível a profissionais de outras áreas (NASCIMENTO; SILVA; DACORSO, 2015).

Kelly (1955) desenvolveu a técnica da grade de repertório a fim de buscar entender os aspectos cognitivos na forma como cada entrevistado enxerga o mundo, pois se o intuito fosse apenas de extrair as características dos jogos citados pelos respondentes, bastaria consultar a sinopse que cada jogo contém. Contudo, a intenção da pesquisa é expor a percepção do jogador de jogos eletrônicos respondentes além das características básicas e óbvias que ele descreveria em uma análise superficial e individual de cada jogo.

A população escolhida para a realização deste estudo foi a de usuários razoavelmente experientes de jogos eletrônicos, ou seja, que utilizam ou já utilizaram pelo menos cinco jogos eletrônicos. Pois é mais relevante a quantidade de diferentes jogos usados pelo entrevistado que a frequência a qual ele joga. Haja vista que os usuários que jogam ou já jogaram ao menos cinco jogos eletrônicos de entretenimento têm a experiência suficiente para fazer comparações entre os *games*, expor sobre suas diferenças e similaridades, pontos fortes e fracos, etc. Enquanto alguém que joga todos os dias o mesmo jogo não tem o conhecimento amostral mínimo para realizar a confrontação necessária requerida por esta análise.

Ainda, a fim de elicitare as variáveis consideradas relevantes por usuários pagantes de jogos eletrônicos de entretenimento, além de todos os respondentes serem usuários razoavelmente experientes de jogos eletrônicos, também são pagantes. Ou seja, gastaram pelo menos R\$ 100,00 em jogos eletrônicos de entretenimento nos últimos seis meses, contados da data de sua entrevista. A seleção dos participantes da pesquisa se deu pela técnica de bola de neve, na qual foram escolhidos, inicialmente, usuários próximos do pesquisador e após cada entre-

vista foi solicitado que cada usuário fizesse a indicação de outro, com mesmo perfil (COOPER; SCHINDLER, 2016).

Haja vista que o objetivo geral do artigo é identificar as variáveis consideradas relevantes por usuários pagantes experientes de jogos eletrônicos de entretenimento que refletem os valores de Schwartz, inicia-se a fase da metodologia que visa transformar as características apontadas pelos respondentes da grade de repertório em variáveis, e posteriormente correlacionar essas variáveis, que são consideradas relevantes por usuários pagantes experientes de jogos eletrônicos de entretenimento, com os valores básicos de Schwartz citados acima no referencial teórico.

Logo, após a coleta de dados, as características consideradas relevantes por usuários pagantes experientes de jogos eletrônicos de entretenimento, fruto do resultado da grade de repertório, foram agrupadas em variáveis que continham características sinônimas ou de sentido similar, com o objetivo extinguir a duplicidade de termos semelhantes. Por exemplo, as características "raiva", "medo" e "nervosismo" podem ser agrupadas em uma variável denominada "sentimentos negativos". O agrupamento das características em variáveis foi organizado segundo exemplo do quadro 3 abaixo:

Quadro 3 - Exemplos da compilação das características apontadas pelos respondentes em categorias de similaridade.

VARIÁVEL	CARACTERÍSTICAS DAS TRÍADES DITAS PELOS RESPONDENTES
Sentimentos Negativos	Raiva, medo, nervosismo.
Variável 2	Característica 4, Característica 5.

Fonte: O autor.

Por fim, essas variáveis que agrupam as características decorrentes da fase anterior foram correlacionadas com os valores pessoais básicos de Schwartz, segundo exemplo no quadro 4, respondendo a pergunta de pesquisa proposta na introdução do artigo.

Quadro 4 - Exemplos da correlação entre as variáveis consideradas relevantes por usuários pagantes de jogos eletrônicos de entretenimento e os dez valores pessoais básicos de Schwartz

VARIÁVEL	VALOR BÁSICO DE SCHWARTZ
Companheirismo	Benevolência
Autonomia para seguir vários caminhos	Autodireção

Fonte: O autor.

Por fim, as variáveis presentes nesse último quadro, que foram correlacionadas com os valores pessoais básicos de Schwartz, são as variáveis consideradas relevantes por usuários pagantes experientes de jogos eletrônicos de entretenimento que refletem os valores de Schwartz. Quando houve duas ou mais variáveis correlacionadas com um único valor, inseriu-se no resultado aquela que mais se aproximou da descrição teorizada por Schwartz exposta no referencial teórico.

4 RESULTADOS

As entrevistas individuais com quinze jogadores respondentes da grade de repertório resultaram em 75 características totais, com repetições de termos. Haja vista que cada um elencou 5 jogos, distribuídos em 5 tríades, e expôs uma característica que fosse em comum com os dois primeiros e distinta do terceiro, dentro de cada tríade. Assim, os termos citados e a quantidade de vezes que foram falados por respondentes diferentes estão discriminados segundo quadro 5 abaixo.

Quadro 5 - Características das tríades ditas pelos respondentes.

Nº DE VEZES FALADAS POR RESPONDENTES DIFERENTES	CARACTERÍSTICAS
1	Nostalgia.
1	Jogar pela segunda vez depois de anos.
4	<i>Singleplayer.</i>
7	<i>Multiplayer.</i>
1	Individual.
1	Exploração.
1	Aventura.
1	Console.
1	Possuir o jogo.
1	Trilha sonora.
1	Música
1	Casual.
1	Despretensioso.
1	Envolve o que gosta.
1	Esquema de fases.
1	Jogo de níveis.
1	Evolução.
1	Fantasia.
1	Mitologia.
1	Fantasia medieval.
2	Competitivo.
1	Desafio.
1	Dificuldade.
1	Narrativa.
2	RPG (<i>Role Playing Game</i>).
1	Jogar por muito tempo.
1	Compromisso.

Nº DE VEZES FALADAS POR RESPONDENTES DIFERENTES	CARACTERÍSTICAS
1	Realista.
1	Ambientação.
1	Visual.
2	3D.
1	Bom gráfico.
1	Câmera longe.
2	Terceira pessoa.
1	<i>Free to play.</i>
2	Estratégia.
1	Buscar recursos.
1	Trabalho em grupo.
1	Colaborativo.
6	<i>Online.</i>
1	MMO (<i>Massively Multiplayer Online Game</i>).
1	Personagem principal.
1	Ser o herói.
1	Futurismo.
2	Esporte.
1	Jogabilidade.
1	Facilidade de jogar.
1	Ação.
1	Agilidade.
1	<i>Sandbox.</i>
1	Seguir vários caminhos.
1	Combate.
2	Tiro.
1	Bonificação.

Fonte: Os autores.

Todavia, verificou-se similaridade ou sinônimos entre características de respondentes distintos. Dessa forma, compilaram-se os 75 elementos em categorias de sentido próximos, a fim de desconsiderar as respostas repetidas ou equivalentes. A matriz abaixo apresenta a compilação dos termos ditos pelos entrevistados de acordo com as categorias em que foram alocados, apresentando as variáveis relevantes para jogadores pagantes experientes de jogos eletrônicos, conforme quadro 6.

Quadro 6 - Compilação das características apontadas pelos respondentes em categorias de similaridade (variáveis).

VARIÁVEL	CARACTERÍSTICAS DAS TRÍADES DITAS PELOS RESPONDENTES
Nostalgia	Nostalgia, jogar pela segunda vez depois de anos.
Ter contato com outras pessoas	<i>Singleplayer, multiplayer, individual.</i>
Descobertas	Exploração, aventura.
Dispositivo em que o <i>game</i> é jogado	Console.
Ser dono do jogo	Possuir o jogo.
Trilha sonora	Trilha sonora, Música.
Jogar sem preocupação	Casual, despretensioso.
Relacionado a meus interesses pessoais	Envolve o que gosta.
Composto por níveis	Esquema de fases, jogo de níveis, evolução.
Fantasia	Fantasia, mitologia, Fantasia medieval.
Competitivo	Competitivo.
Desafiador	Desafio, dificuldade.
Possuir história interessante	Narrativa, RPG (<i>Role-Playing Game</i>).
Compromisso	Jogar por muito tempo, compromisso.
Ter bons gráficos	Realista, ambientação, visual, bom gráfico, 3D.
Câmera bem posicionada	Câmera longe, terceira pessoa.
Jogar gratuitamente	<i>Free to play.</i>
Estratégia	Estratégia.
Necessário coletar recursos	Buscar recursos.
Companheirismo	Trabalho em grupo, colaborativo.
<i>Online</i>	<i>Online, MMO (Massively Multiplayer Online Game).</i>
Personagem principal	Personagem principal, Ser o herói.
Futurismo	Futurismo.
Esporte	Esporte.
Jogabilidade	Jogabilidade, facilidade de jogar.
Ação	Ação, agilidade
Autonomia para seguir vários caminhos	<i>Sandbox</i> , seguir vários caminhos.
Violência	Combate, tiro.
Bonificação	Bonificação.

Fonte: Os autores.

Desta maneira, encontrou-se as variáveis consideradas relevantes por usuários pagantes experientes de jogos eletrônicos de entretenimento acordante o instrumento de pesquisa grade de repertório. Por fim, correlacionou-se essas variáveis encontradas nos resultados da etapa anterior com os valores básicos de Schwartz citados acima no referencial teórico.

Quadro 7 – Correlação entre as variáveis consideradas relevantes por usuários experientes pagantes de jogos eletrônicos de entretenimento e os dez valores pessoais básicos de Schwartz

VARIÁVEL	VALOR BÁSICO DE SCHWARTZ
Ter contato com outras pessoas	Universalismo
Bonificação	Poder
Jogar sem preocupação	Segurança
Relacionado a meus interesses pessoais	Hedonismo
Compromisso	Conformidade
Desafiador	Estimulação
Competitivo	Realização
Nostalgia	Tradição
Companheirismo	Benevolência
Autonomia para seguir vários caminhos	Autodireção

Fonte: O autor.

Quando houve duas ou mais variáveis correlacionadas com um único valor, inseriu-se no quadro 7 aquelas que mais se aproximou da descrição teorizada por Schwartz exposta no referencial teórico.

5 CONCLUSÃO

O estudo verificou que a metodologia aplicada na pesquisa expôs resultados inovadores para a temática de consumidores pagantes experientes de jogos eletrônicos de entretenimento. Haja vista que foram variáveis como nostalgia, trilha sonora e música foram, embora citados apenas uma vez por respondentes diferente, consideradas relevantes para os jogadores experientes entrevistados. Esses termos não foram encontrados em trabalhos pesquisados nas bases *Web of Science* e *Scopus*.

Ainda se verificou termos contidos nas próprias descrições dos jogos, como Ação, Online, MMO (*Massively Multiplayer Online Game*), Estratégia, RPG (*Role-Playing Game*), Exploração e Aventura. Esses termos foram as características respondidas mais rapidamente quando consideradas similar entre os dois primeiros jogos e distinta do terceiro, dentro da tríade.

Constatou-se também a coerência entre as variáveis consideradas relevantes por usuários pagantes experientes de jogos eletrônicos de entretenimento e os dez valores pessoais básicos de Schwartz, sendo possível até relacionar mais de uma variável com um único valor. Porém, para efeito desta pesquisa, elegeu-se uma variável para cada valor de acordo com a maior aproximação da variável a descrição teorizada por Schwartz, exposta acima no referencial teórico.

Por fim, acredita-se que a pesquisa colaborou com inovação acerca da percepção dos consumidores de jogos eletrônicos de entretenimento acerca desse produto graças a metodologia aplicada.

REFERÊNCIAS

- BEATTY, S. E.; KAHLE, L. R.; HOMER, P.; MISRA, S. Alternative Measurement Approaches to Consumer Values: The List of Values and the Rokeach Value Survey. **Psychology and Marketing**, v. 2, n. 3, p. 181-200, 1985.
- CAETANO, M. L. S.; Brito, M. L. A.; Silva, S. M.; Araújo, M. V. P. Clareza, atualização, acesso às informações e estética em sites de Organizações Não Governamentais. **Research, Society and Development**, v. 2, p. 80-92, 2016.
- CHEN, C. Y. Is the video game a cultural vehicle? **Games and Culture**, v. 8, n. 6, p. 408-427, 2013.
- CHURCHILL, G. A.; PETER, J. P. **Marketing: Criando valor para os clientes**. 2.ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2000.
- CLAWSON, C. J.; VINSON, D. E. Human values: A historical and interdisciplinary analysis. **Advances in consumer research**, p. 396-402, 1978.
- COBRA, M. **Administração de Marketing no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. Métodos de pesquisa em administração. Porto Alegre: Bookman, 2016.
- GEDIGAMES, Grupo de Estudos e Desenvolvimento de Indústria de Games. Relatório Final: **Mapeamento da indústria brasileira e global de jogos digitais**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIMENEZ, F. A. P.; HAYASHI JR, P.; GRAVE, P. S. Isomorfismo mimético em estratégia: uma ferramenta para investigação. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 8, n. 4, p. 35-39, 2007.
- KELLY, G. A. **The Psychology of Personal Constructs**. New York: W. W. Norton, 1955.
- LAS CASAS, Alexandre Luzzi. **Administração de Marketing: Conceitos, Planejamento e Aplicações à Realidade Brasileira**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2010.
- LEHDONVIRTA, V. Virtual item sales as a revenue model: identifying attributes that drive purchase decisions. **Electron Commer Res** 9, 97-113, 2009.
- LEITINHO, Ricardo Ribeiro; FARIAS, Josivania Silva. A motivação hedônica no consumo de bens virtuais cosméticos em jogos online. **REMARK: Revista Brasileira de Marketig**, v. 17, p. 65-79, 2018.
- LI, Z. Motivation of virtual goods transactions based on the theory of gaming motivations. **Journal of Theoretical and Applied Information Technology**, 43(2), 254-260, 2012.
- LUNE, H.; BERG, B. L. **Qualitative Research Methods for the Social Sciences**, 2017.
- MEDEIROS, J. F.; CRUZ, C. M. L.; VIDOR, G. Inovação Ambiental Sustentável: Atributos Esperados e Risco Percebido na Compra de Produtos Verdes. **Amazônia, Organizações e Sustentabilidade**, v. 4, n. 1, p. 109-126, 2015.
- MOREIRA, P. R. B.; TEIXEIRA, A.; LOCATELLI, O. Valores motivacionais nas organizações: um estudo com diferentes grupos de trabalho de servidores públicos da educação. **Iberoamerican Journal of Strategic Management - IJSM**, v. 19, n.3, p. 116-145, 2020.
- NASCIMENTO, A. M.; SILVA, D. E. P. DA; DACORSO, A. L. R. Adoção de Redes Sociais Virtuais: Construtos Mentais utilizados por usuários experientes. **Revista Gestão e Tecnologia**, v. 15, n. 1, p. 154-173, 2015.

- NEWZOO. **Infographic: The Brazilian Games Market**. 2013. Disponível em: <<https://newzoo.com/insights/infographics/infographic-the-brazilian-games-market/>>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- NEWZOO. **Latest market estimates: Key numbers**. 2019. Disponível em: <<https://platform.newzoo.com/key-numbers/>>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- PAYNE, J.; BETTMAN, J. R.; JOHNSON, E. J. **Consumer decision making**. Handbook of consumer behaviour, p. 50-84, 1991.
- RAMOS, S. C.; FERREIRA, J. M.; GIMENEZ, F. A. P. Cognição no ambiente competitivo: um estudo dos construtos mentais utilizados por proprietários de pequenas empresas. **RAC**, v. 15, n. 3, p. 392-412, 2011.
- SANTANA, C. M.; BRITO, M. L. A. Decisões de compra em uma empresa de perfumaria. **E-Acadêmica**, v. 1, n. 1, e4, 2020.
- SCHWARTZ, S. H. An Overview of the Schwartz Theory of Basic Values. **Online Readings in Psychology and Culture**, 2, 1, 2012.
- SCHWARTZ, S. H.; BARDI, A. Influences of adaptation to communist rule on value priorities in Eastern Europe. **Political Psychology**, 18, 385-410, 1997.
- SCHREIBER, D.; BOHNENBERGER, M. C. A Racionalidade Limitada e a Percepção Seletiva no Processo Decisório na Área de P&D. **Revista de Gestão e Projetos**, v. 8, n. 2, p. 58-70, 2017.
- SHAW, A. What is video game culture? Cultural studies and game studies. **Games and Culture**, v.5, n. 4, p. 403-424, 2010.
- SIMON, H. A. **Bounded Rationality and Organizational Learning**. Organization Science, 2 (1), 125-134, 1991.
- SIOUX GROUP. **Pesquisa Game Brasil 2018**. 2018. Disponível em: <<https://www.pesquisagamebrasil.com.br/>>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- SOUZA, L. L. F.; FREITAS, A. A. Consumer Behavior of Electronic Games' Players: A Study on the Intentions to Play and to Pay. **RAUSP Management Journal**, v. 52, n. 4, p. 419-430, 2017.
- SOUZA, L.; FREITAS, A. A.; HEINECK, L. F.; WATTES, J. L. Groups of Gamers: Market Segmentation of Brazilian Electronic Gamers. **Brazilian Business Review**, v. 18, n. 2, p. 177-195, 2021.
- YÜCE, A.; BÜYÜKAKGÜL; KATIRCI, H.; YÜCE, S. G. The Other Side of the Coin: Examining Mobile Games as a Leisure Constraints. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 7, n. 2, p. 193-206, 2018.

ENSINO DA ÉTICA NO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

TEACHING ETHICS IN THE ACCOUNTING SCIENCES COURSE

DANIELLE ALVES PINHEIRO TORQUATO
danitorquato12@hotmail.com

EDZANA ROBERTA FERREIRA DA CUNHA VIEIRA LUCENA
edzana@hotmail.com

YURI GOMES PAIVA AZEVEDO
yuri_azevedo@live.com

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo investigar se existem diferenças na percepção de discentes e docentes acerca da educação da ética no curso de Ciências Contábeis. A amostra deste trabalho consistiu em 153 alunos e 24 professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo as respostas obtidas por meio da aplicação de questionários. Para avaliar se existiram diferenças significativas entre as respostas dos participantes, foi utilizado o teste *U* de Mann-Whitney. Os principais resultados revelaram que existem diferenças significativas entre a percepção dos alunos e corpo docente acerca da importância do ensino da ética à luz de variados pontos de discussão, como a relação entre o ensino contábil e questões morais, o reconhecimento de questões contábeis com implicações éticas, o desenvolvimento de um senso de responsabilidade moral, o desenvolvimento de habilidades necessárias para lidar com conflitos ou dilemas éticos e a importância de lidar com as incertezas da profissão contábil.

Palavras-chave: Ética na educação contábil; Percepção docente e discente; Tomada de decisão.

ABSTRACT

This paper aims to investigate whether there are differences in students' and faculty members' perception about ethics in accounting education. The sample of this work consists of 153 students and 24 professors from the Federal University of Rio Grande do Norte, and the answers were obtained through the application of questionnaires. To assess whether there are significant differences between the participants' responses, the Mann-Whitney U test was used. The main results reveal that there are significant differences between the students' and faculty members' perception about the importance of teaching ethics in light of various points of discussion, such as the relationship between accounting teaching and moral issues, the recognition of accounting issues with ethical implications, the development of a sense of moral responsibility, the development of skills needed to deal with conflicts or ethical dilemmas, and the importance of dealing with the uncertainties of the accounting profession.

Keywords: Ethics in accounting education; Teacher and student perception; Decision-making.

1 INTRODUÇÃO

A contabilidade, a nível global, é uma profissão essencial no suporte do sistema econômico, tendo em vista que a sobrevivência deste sistema ocorre em função de práticas contábeis empregadas na geração de informações íntegras que colaboram nas tomadas de decisões (Feil, 2016). Desse modo, para a manutenção de um sistema econômico saudável, os profissionais contábeis necessitam de comprometimento com valores éticos e morais (Davoodifar, 2015; Arfaoui, Damak-Ayadi, Ghram, & Bouchekoua, 2016).

No entanto, para que os futuros contadores possam obter o conhecimento necessário acerca dos valores morais de integridade, possuindo, assim, a confiança e liderança sobre confrontos éticos, considera-se necessária uma educação ética efetiva. Essa perspectiva é corroborada por estudos na área que descrevem que o aumento de consciência nas ações e decisões éticas está ligado ao papel da educação da ética profissional (Tormo-Carbo, Segui-Mas, & Oltra, 2016), bem como que uma das possibilidades para aprimorar a formação dos profissionais de contabilidade é a intensificação da educação continuada com base nos princípios éticos (Santos & Jesus, 2002).

Diante da importância da postura ética no exercício profissional do contador, estudos na área têm investigado, no contexto brasileiro, a percepção acerca do processo de ensino da ética aplicada à Contabilidade, tanto sob a ótica dos discentes (Diehl, Freitas, & Macagnan, 2011; Lima, Prazeres, Araújo, & Araújo, 2014; Campos, Silva, Silva, & Araujo, 2020), quanto sob a ótica dos docentes (Andrade, Avelino, & Santos, 2018). No entanto, verifica-se que existe uma lacuna na literatura nacional no que tange ao comparativo entre percepção dos discentes e docentes, sob a ótica de que podem existir diferenças significativas entre a percepção dessas partes, ao passo que os membros do corpo docente podem perceber o ensino da ética em contabilidade como mais relevante que os discentes (Adkins & Radtke, 2004).

Nessa perspectiva, tendo em vista a demanda por estudos futuros que desenvolvam investigações em outras instituições de ensino superior a fim de analisar a percepção dos alunos e docentes (Andrade et al., 2018; Diehl et al., 2011; Lima et al., 2014; Campos et al., 2020), o presente estudo busca investigar se existem diferenças nas percepções de estudantes e professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) do curso de Ciências Contábeis quanto ao ensino da ética em contabilidade.

Considera-se relevante ressaltar que na instituição investigada, diferentemente da maioria das instituições de ensino superior do Brasil, a disciplina de ética não é obrigatória, fazendo-se relevante investigar a percepção acerca do ensino de ética ao passo que é facultada aos discentes a opção por cursar ou não esta disciplina. Essa perspectiva é baseada nas evidências de Morgan, Fonseca e Fernandes (2019), que indicam que a oferta da disciplina de ética é obrigatória em aproximadamente 91% das Universidades Federais do Brasil.

Nesse sentido, este estudo pode contribuir com a literatura na área que demanda por estudos que analisem a percepção dos alunos e docentes em outras instituições de ensino superior (Andrade et al., 2018; Diehl et al., 2011; Lima et al., 2014; Campos et al., 2020). De forma complementar, mediante a preocupação acerca do ensino da ética contábil para o contexto profissional, conforme elencado por Suave, Altoé e Ferreira (2021), esse estudo também fornece informações úteis a respeito do ensino da ética no curso de ciências contábeis entre docentes

e acadêmicos da UFRN, levando em consideração suas perspectivas quanto a importância de a disciplina ser obrigatória no Projeto Pedagógico do Curso.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, o ensino em contabilidade tem como guias as regulamentações e proposições nacionais e internacionais, sendo orientado pelas diretrizes curriculares realizadas pelo Ministério da Educação (MEC), além das sugestões por órgãos nacionais, como Conselho Federal de Contabilidade (CFC), e órgãos internacionais, como o IFAC (*International Federation of Accountants Certified*) e o IASB (*International Accounting Standards Board*) (Pinho & Rodrigues, 2016).

O primeiro esforço para incorporar o conteúdo de ética veio nos atos normativos da Resolução do Conselho Federal de Educação (CFE) de 1992, quando inseriram na categoria “formação complementar” a disciplina “ética geral e profissional”. Porém, logo após, em 16 de dezembro de 2004, na Resolução CNE/CES que Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis (CC), já não constava tal matéria (Morgan et al., 2019).

Posto isso, nota-se que de um lado tem-se a ausência do conteúdo ética como obrigatória pela regulamentação brasileira e no Currículo Mundial (CM), onde a ética encontra-se diluída entre os módulos. Porém, por outro lado, tem-se a recomendação do Conselho Federal de Contabilidade que, em 2009, publicou o que chamou de proposta nacional de conteúdo para o curso de graduação em Ciências Contábeis.

Nesse projeto, a disciplina de ética recebe o nome de “Ética e Legislação Profissional”, sendo recomendada uma carga horária de 60h e classificada na categoria de “Conteúdo de Formação Básica”. Importante destacar que essa nomenclatura dada à categoria de “Conteúdo de Formação Básica”, aparece na Resolução CNE/CES nº 10/2004, editada pelo MEC, onde preceitua que os conteúdos de formação básica compreendem os estudos relacionados com outras áreas de conhecimento, como administração, economia, direito, métodos quantitativos, matemática e estatística.

Acerca dessa temática, ainda na pesquisa de Morgan et al. (2019), verifica-se empiricamente que, apesar da disciplina ética não ser obrigatória nas Instituições de Ensino Superior (IES), o conteúdo “ética” é oferecido em uma disciplina específica em mais da metade (55%) das instituições participantes da pesquisa.

Considera-se essa oferta como relevante tendo em vista que estudos empíricos sobre educação ética em cursos de contabilidade demonstraram que a educação ética apresenta impacto essencial na conduta e percepção da ética dos futuros profissionais (Feil, Diehl, & Schuck, 2017), reduz a propensão ao envolvimento em trapaças acadêmicas (Luz, Wagnitz, & Rengel, 2021), sendo relevante no processo de aprendizagem, tanto nos aspectos práticos, quanto nos aspectos teóricos, cabendo às IES incentivar os alunos a condutas éticas, além de estimulá-los a conhecer o Código de Ética Profissional de Contabilidade (CEPC) (Freitas, Diehl, & Macagnan, 2011).

De forma complementar, estudos na área também ressaltam a importância de inclusão do CEPC na formação acadêmica: os estudos sobre o código de ética desde o início da graduação consolidam a excelência profissional dos contadores (Martins & Bencke, 2018), a conscientização do profissional e sua busca por condutas éticas perante as organizações estão diretamente refletidas em uma boa formação acadêmica (Santos & Jesus, 2002), bem como a visão de que os alunos consideram que a ética é essencial no ambiente profissional, porém, encontram limitações na aplicação dos princípios do código de ética (Lima et al., 2014).

No âmbito internacional, Okougbo, Okike e Alao (2021) ressaltam a relevância do ensino da ética no âmbito da graduação, uma vez que esta prática está positivamente associada à consciência ética dos estudantes. Assim, os autores recomendam que o ensino da ética seja realizado a partir de uma disciplina específica, em vez de ser abordada aos poucos no decorrer de outras disciplinas da grade curricular. Portanto, tratando-se da relevância da educação ética na contabilidade, primordial pontuar que um dos campos mais carentes quanto à aplicação da ética é no exercício profissional. Desse modo, intensificar a ética no que diz respeito ao ensino se torna ainda mais significativo, visto que os profissionais de amanhã demandam uma formação sólida e, acima de tudo, realizada com princípios morais e éticos, primordiais para um bom profissional (Fontes & Batista, 2005). Isto posto, constata-se a necessidade das IES aplicarem uma educação ética efetiva, a fim de preparar profissionais capazes de tomar decisões em preceitos éticos e morais.

Esta perspectiva está pautada na visão de que, embora seja incontestável a importância da ética na contabilidade, ainda há profissionais que enfrentam em seu dia a dia problemas pessoais e profissionais ocasionados pela ausência da ética. Tal situação se torna recorrente devido ao fato que o contador, por ser um fornecedor de informações que facilitam a tomada de decisões dentro da organização, acaba se tornando vulnerável a cometer atos ilícitos (Berlatto, Coleoni, Bortolini, Pistore, & Belusso, 2015).

Por conseguinte, é oportuno destacar que a prática da ética traz para o profissional contábil uma perspectiva de valorização e crescimento, propiciando, assim, maior reconhecimento, credibilidade e confiança (Santos & Jesus, 2002). Nesse contexto, verifica-se que uma das chaves para o sucesso é a maior ênfase do profissional contábil em adotar uma postura ética, de forma complementar à adoção de um perfil dinâmico, proativo, inovador, estratégico e flexível a mudanças (Cardoso, Souza, & Almeida, 2006).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais, de acordo com o modelo descrito por Raupp e Beuren (2012), apresenta o delineamento da pesquisa em três categorias: abordagem do problema, natureza da pesquisa e procedimentos. Nesse sentido, o presente estudo caracteriza-se como quantitativo em relação à abordagem do problema, tendo em vista a utilização de técnicas estatísticas para a análise dos dados.

Quanto à natureza da pesquisa, este estudo caracteriza-se como descritivo, buscando analisar se existem diferenças nas percepções de estudantes e professores do curso de Ciências Contábeis quanto ao ensino da ética. Por fim, em relação aos procedimentos, caracteriza-se

como *survey*, tendo em vista que, para atingir o objetivo proposto, foram aplicados dois tipos de questionários distintos elaborados com base em Adkins e Radtke (2004), sendo um deles destinado ao corpo docente e o outro aos discentes do curso de Ciências Contábeis da UFRN.

Os questionários foram disponibilizados nos meses de maio a agosto do ano de 2020, na ferramenta *Google Docs*, sendo compartilhado o *link* para obtenção de respostas por meio de publicação em fórum discente do curso de Ciências Contábeis, e-mails dos professores disponibilizados pelo Departamento de Ciências Contábeis, assim como por envio eletrônico em redes sociais, através do aplicativo *Whatsapp* para os grupos contendo os alunos e grupos de professores do curso de Ciências Contábeis da UFRN. Essa estratégia de coleta de dados se deu pelo fato do período de pandemia e, conseqüentemente, do ensino remoto emergencial impossibilitar a aplicação presencial dos questionários.

Os questionários enviados separadamente para docentes e discentes são compostos por três seções, elaborado com base em Adkins e Radtke (2004). A primeira seção buscou informações sobre o perfil, características e meio social dos entrevistados, possuindo três questões para os discentes (gênero, idade e período) e cinco para os docentes (gênero, idade, titulação, tipo de contrato/vínculo e dedicação exclusiva ou não).

A segunda seção buscou identificar a percepção dos respondentes acerca do tema educação da ética na contabilidade, dispondo de quatro assertivas voltadas individualmente para cada grupo, professores e alunos, apresentando questões com respostas fechadas (alternativas: sim, não ou não sei). No caso dos discentes, foram questionados aspectos como: i) em alguma disciplina, você ouviu falar sobre ética, durante a graduação em Ciências Contábeis?; ii) você tem algum interesse em pagar a disciplina de Ética na contabilidade?; iii) você acredita que é apropriado que os professores de curso de graduação em Ciências Contábeis lecionem conteúdos sobre ética durante o curso?; iv) você acha que ter uma disciplina sobre ética o ajudaria resolver questões morais e éticas enfrentadas pela profissão contábil e pela comunidade empresarial em geral?

No caso dos docentes, foram questionados aspectos como: i) você já abordou o tema ética em suas disciplinas?; ii) você acredita ser importante uma matéria específica sobre Ética na grade curricular do curso?; iii) você acredita que é apropriado que os professores de contabilidade ensinem ética durante suas disciplinas no curso?; iv) você acha que ter uma disciplina obrigatória sobre ética na UFRN ajudaria seus alunos a resolverem questões morais e éticas enfrentadas pela profissão contábil e a ambiente empresarial em geral?

Por fim, a terceira e última seção é igualitária para os dois grupos, sendo composta por dez assertivas, estando essas divididas em dois grupos. As quatro primeiras questões visam avaliar a importância percebida acerca da ética em quatro áreas em geral: meio empresarial, educacional, como também a relevância da ética nas tomadas de decisões no âmbito pessoal e organizacional, sendo elas: i) a ética no ambiente empresarial é importante; ii) a ética nos cursos de Ciências Contábeis é importante; iii) a ética é importante em suas decisões pessoais; iv) a ética é importante na tomada de decisão em seu trabalho.

As outras seis assertivas foram referentes ao valor da ética contábil no ensino, sendo elas: v) é importante relacionar o ensino contábil a questões morais; vi) é importante reconhecer questões contábeis que tenham implicações éticas; vii) é importante desenvolver um senso de responsabilidade moral; viii) é importante desenvolver as habilidades necessárias para lidar

com conflitos ou dilemas éticos; ix) é importante aprender a lidar com as incertezas da profissão contábil; x) é importante entender a história e a estrutura de todos os aspectos da ética na contabilidade.

Todas as perguntas da terceira seção dispõem de respostas que obedecem a uma escala *Likert* de cinco pontos, variando de “discordo totalmente” até “concordo totalmente”. Echauri, Minami e Sandoval (2012) afirmam que, para a coleta de dados em estudos quantitativos, a escala *Likert* configura uma alternativa primordial, evidenciando informações sobre atitudes, avaliações e opiniões de uma população sobre um problema específico.

Ressalta-se que foram realizadas adaptações nos questionários propostos por Adkins e Radtke (2004). A primeira adaptação está relacionada ao *range* da escala *Likert*, uma vez que no estudo de Adkins e Radtke (2004) propõe-se uma escala *Likert* decrescente de 7 pontos, ou seja, do tipo quanto maior, menos importante, uma vez que a escala varia entre “importante” (1) e “não importante” (7), sem a descrição das categorias intermediárias ao longo dos intervalos desse *range*. No atual estudo, considera-se que a tradicional escala crescente e com *range* de “discordo totalmente” (1) até “concordo totalmente” (5) seria interpretado mais facilmente pelos discentes, reduzindo, assim, a possibilidade de eventuais erros na interpretação da escala, bem como por serem detalhadas a descrição das categorias dos intervalos do *range* (“discordo parcialmente”, “indiferente” e “concordo parcialmente”).

A segunda adaptação está relacionada às questões referentes ao perfil dos respondentes, em que optou-se por reduzir o questionário a partir da exclusão de questões como origem étnica, índice de rendimento acadêmico e número de disciplinas concluídas de contabilidade, tendo em vista que o questionário proposto por Adkins e Radtke (2004) foi elaborado com um escopo mais abrangente, para cursos na área de negócios, logo, os discentes poderiam estar vinculados a outros cursos, e não apenas ao de Ciências Contábeis.

De forma complementar, foram realizadas outras alterações a fim de incluir particularidades do contexto brasileiro, como o vínculo de dedicação exclusiva para professores. Por fim, sabendo que a disciplina de Ética é oferecida de forma optativa na instituição de ensino superior investigada, adaptou-se o questionamento: “Existe alguma disciplina/curso de ética ofertada em sua instituição de ensino?” para “Você tem algum interesse em pagar a disciplina de Ética na contabilidade?”.

Ressalta-se que apesar da adaptação do questionário de Adkins e Radtke (2004), procedeu-se à realização do teste Alfa de Cronbach a fim de validar o questionário deste estudo. O Alfa de Cronbach é considerado um índice de confiabilidade para a validação de questionários, em que valores acima de 0,7 indicam um bom nível de consistência interna (Hair, Anderson, Tathan, & Black, 2005). Dessa forma, tendo em vista que os questionários, tanto dos discentes (0,7092), quanto dos docentes (0,7067), apresentaram Alfa de Cronbach superiores a 0,7, ainda que bem próximos ao limite entre o nível bom e o nível moderado, verifica-se que ambos os questionários se apresentam válidos em termos de consistência interna.

A amostra do estudo é composta por discentes e docentes do Curso de Ciências Contábeis da UFRN, definida por conveniência e acessibilidade. A amostra totalizou 153 alunos, correspondente a 21,25% de uma população de 720 alunos ativos dos turnos matutino e noturno. Acerca do corpo docente, foi atingida uma amostra de 23 professores, correspondente a 85% de uma população de 37 professores efetivos e substitutos.

Após os discentes e os docentes responderem aos instrumentos de coleta de dados, os dados foram analisados, interpretados e organizados em planilhas do Microsoft Office Excel para o cálculo das distribuições de frequência relativas e absolutas. Posteriormente, a fim de avaliar se há diferenças significativas entre a percepção dos discentes e docentes sobre a ética na educação, foi utilizado o teste *U* de *Mann-Whitney*.

O teste *U* de *Mann-Whitney* é um teste não paramétrico que pode ser aplicado para comparar duas amostras não pareadas quando as variáveis são qualitativas ordinais, como no caso da escala *Likert* (Fávero & Belfiore, 2017). A hipótese nula do teste é que não existem diferenças significativas entre a mediana dos grupos, ou seja, $H_0: \mu_1 = \mu_2$, sendo a hipótese alternativa $H_1: \mu_1 \neq \mu_2$. Logo, caso o *p-valor* do referido teste seja significativo ao nível de 5%, conclui-se a rejeição da hipótese nula, indicando que existem diferenças significativas entre as medianas das opiniões dos alunos e professores acerca da ética em educação contábil.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1 Análise descritiva dos respondentes

A análise descritiva dos respondentes ocorreu através do cálculo das frequências relativas e absoluta dos dados obtidos nos questionários, na seção 1, dos docentes e discentes.

Tabela 1: Perfil sociodemográfico dos respondentes

Variável	Resposta	Alunos		Professores	
		Freq.	%	Freq.	%
Gênero	Feminino	82	53,6%	9	37,5%
	Masculino	70	45,8%	15	62,5%
	Outro	1	0,7%	-	-
	Total	153	100%	24	100%
Faixa etária		Freq.	%	Freq.	%
	Até 20 anos	38	24,8%	0	0,0%
	21 A 30 anos	91	59,5%	3	12,5%
	31 a 40 anos	13	8,5%	5	20,8%
	Acima dos 40	11	7,2%	16	66,7%
Total	153	100%	24	100%	
Período do curso		Freq.	%	Freq.	%
	1 Período	26	17%	-	-
	2 Período	10	6,5%	-	-
	3 Período	19	12,4%	-	-
	4 Período	17	11,1%	-	-
	5 Período	15	9,8%	-	-
	6 Período	13	8,5%	-	-
	7 Período	12	7,8%	-	-
	8 Período	4	2,6%	-	-
	9 Período	13	8,5%	-	-
10 Período	24	15,7%	-	-	
Total	153	100%	-	-	

		Freq.	%	Freq.	%
Tipo de vínculo	Efetivo	-	-	22	91,7%
	Substituto	-	-	2	8,3%
	Total	-	-	24	100%
		Freq.	%	Freq.	%
Titulação	Doutor	-	-	17	70,8%
	Mestre	-	-	7	29,2%
	Especialista	-	-	-	-
	Graduado	-	-	-	-
	Total	-	-	24	100%
		Freq.	%	Freq.	%
Dedicação exclusiva	Sim	-	-	16	66,7%
	Não	-	-	8	33,3%
	Total	-	-	24	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base nos dados obtidos junto aos alunos participantes da pesquisa, verifica-se que há uma maior predominância de mulheres do que homens na amostra, sendo os quantitativos de 82 (53,6%) e 70 (45,8%), respectivamente. Esse resultado encontra-se em linha com estudos anteriores na área, em que participantes do gênero feminino também são maioria (Feihl et al., 2016; Freitas, Diehl, & Macagnan, 2011; Lima et al., 2014; Luz et al., 2021; Martins & Bencke, 2018).

Além das opções anteriores, ressalta-se que a questão de gênero também ofereceu a opção "outros", para aquelas pessoas que não se classificam como gênero masculino ou feminino; essa alternativa obteve como resposta um total de 0,7% da amostra. Já na amostra dos membros do corpo docente, das quais foram coletados 24 questionários, o maior público dos professores enquadra-se no gênero masculino, com 62,5%, e com 39,2% o gênero feminino.

A faixa etária predominante entre os estudantes encontra-se entre os 21 a 30 anos, com 59,9%, e na sequência decrescente, com 24,8% a idade até 20 anos, 8,5% a idade entre 31 a 40 anos e, por fim, com 7,2% a idade acima dos 40 anos. No que se refere à idade média, segundo a Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) graduandos (as) das IFES (2018), apresentou uma média de faixa etária de 24,4 anos, corroborando com os dados deste estudo.

Quanto ao intervalo de idades dos docentes, como já esperado, existe diferença entre alunos e professores. A faixa etária dominante entre os docentes encontra-se acima dos 40 anos, com percentual de 66,7%. Logo em seguida na sequência decrescente, com 20,8%, a idade entre 31 a 40 anos e com 12,5%, docentes entre 21 a 30 anos. Assim, verifica-se que a maioria dos docentes participantes deste estudo possuem uma maior idade em comparação com os docentes participantes do estudo realizado por Andrade, Avelino e Santos (2018), tendo em vista a predominância de docentes com faixa etária entre 31 a 40 anos no referido estudo.

Em relação ao período em que os alunos da amostra coletada se encontram, a maior parte está concentrada no primeiro período do curso, com 17% da amostra. Logo em seguida, com 15,7%, o décimo período. Assim sendo, a amostra apresenta-se bem diversificada entre os períodos.

Os dados evidenciam que, dos 24 professores da amostra, 91,7% são docentes efetivos e 8,3% são substitutos. Além disso, foi questionado quanto à sua titulação, indicando que 70,8% possui doutorado e 29,2% mestrado. Outrossim, do total da amostra, 66,7% afirmou que seu contrato junto à UFRN é de dedicação exclusiva e 33,3% informou que não, que além de exercerem a docência, desempenham ainda outra função.

4.2 Análise da percepção dos respondentes sobre a educação ética

Neste tópico, são expostas as respostas referentes às assertivas da segunda seção do questionário, as quais envolvem questões pertinentes ao tema educação da ética na contabilidade, tanto sob a ótica dos discentes, quanto dos docentes, conforme evidenciado na Tabela 2.

Tabela 2: Frequência das respostas relacionadas ao tema educação da ética na contabilidade

Questões	Grupo	Respostas			
		Sim	Não	Não sei	Total
Em alguma disciplina, você ouviu falar sobre ética, durante a graduação em Ciências Contábeis?	Alunos	118 (77,1%)	19 (12,4%)	16 (10,5%)	153 (100%)
Você já abordou o tema ética em suas disciplinas?	Professores	23 (95,8%)	1 (4,2%)	N/A	24 (100%)
Você tem algum interesse em pagar a disciplina de Ética na contabilidade?	Alunos	110 (71,9%)	20 (13,1%)	23 (15%)	153 (100%)
Você acredita ser importante uma matéria específica sobre Ética na grade curricular do curso?	Professores	16 (66,7%)	7 (29,2%)	1 (4,2%)	24 (100%)
Você acredita que é apropriado que os professores de curso de graduação em Ciências Contábeis lecionem conteúdos sobre ética durante o curso?	Alunos	145 (94,8%)	3 (2%)	5 (3,3%)	153 (100%)
Você acredita que é apropriado que os professores de contabilidade ensinem ética durante suas disciplinas no curso?	Professores	24 (100%)	N/A	N/A	24 (100%)
Você acha que ter uma disciplina sobre ética na UFRN o ajudaria resolver questões morais e éticas enfrentadas pela profissão contábil e pela comunidade empresarial em geral?	Alunos	114 (74,5%)	14 (9,2%)	25 (16,3)	153 (100%)
Você acha que ter uma disciplina obrigatória sobre ética na UFRN ajudaria seus alunos a resolverem questões morais e éticas enfrentadas pela profissão contábil e a ambiente empresarial em geral?	Professores	17 (70,8%)	6 (25%)	1 (4,2%)	24 (100%)

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme resultados apresentados na Tabela 2, verifica-se que, na amostra dos docentes, 95,8% afirmou que já abordaram a temática ética em suas disciplinas, enquanto 77,1% dos alunos relatou que já ouviram falar sobre ética durante o curso de Ciências Contábeis. Ainda nessa lógica, foi questionado aos alunos quanto ao seu interesse em pagar uma disciplina de ética, obtendo o percentual de 71,9% declarando interesse, enquanto pouco mais da metade dos docentes relataram ser importante uma matéria específica de ética na grade curricular do curso.

De forma geral, esses dois achados encontram-se em linha com o estudo de Adkins e Radtke (2004), o qual evidencia que 71,6% da amostra dos alunos afirmou já ter cursado uma disciplina de ética na faculdade, bem como que 50,4% dos discentes mencionaram ter interesse em se inscrever em uma disciplina específica de ética.

No tocante às assertivas *“Você acredita que é apropriado que os professores de curso de graduação em Ciências Contábeis lecionem conteúdos sobre ética durante o curso”* e *“Você acha que ter uma disciplina sobre ética na UFRN o ajudaria (seus alunos) a resolver questões morais e éticas enfrentadas pela profissão contábil e pela comunidade empresarial em geral?”*, verifica-se que a maioria dos alunos e professores que compõem a amostra responderam sim para as duas assertivas, 94,8% e 100%, respectivamente, para a primeira pergunta e 74,5% e 70,8%, respectivamente, para a segunda pergunta. Dessa forma, tanto os alunos quanto os professores participantes acreditam ser apropriado que os docentes lecionem o tema ética em suas disciplinas, e que ter uma disciplina de ética ajudaria os alunos a resolverem questões morais e éticas enfrentadas pela profissão contábil.

Essa evidência de que a maioria dos discentes considera apropriado que os professores lecionem conteúdos sobre ética durante o curso também corrobora o estudo de Lima et al. (2014), uma vez que a maioria dos participantes do referido estudo concorda com tal afirmação, indicando que o processo de ensino e aprendizagem da ética pode resultar em reflexos positivos no exercício da profissão contábil, bem como que é de grande valor, tendo em vista que contribui de forma enriquecedora para a formação crítica dos discentes.

Esses resultados também encontram-se em linha com as evidências de Adkins e Radtke (2004), que evidenciam que a maior parte dos alunos e professores acreditam ser apropriado que os professores do curso de graduação em Ciências Contábeis lecionem conteúdos sobre ética durante o curso, 75,2% e 64,7%, alunos e professores, respectivamente. Da mesma maneira, alunos e professores, 66,2% e 59,1%, respectivamente, acreditam que uma disciplina específica de ética ajudaria a resolver questões morais e éticas enfrentadas pela profissão contábil e pela comunidade empresarial em geral.

Por fim, a partir do questionamento dirigido aos professores, é possível identificar que estes acreditam que ter uma disciplina obrigatória sobre ética na UFRN ajudaria seus alunos a resolverem questões morais e éticas enfrentadas pela profissão contábil e a ambiente empresarial em geral. Esse achado contrapõe as evidências apresentadas por Andrade, Avelino e Santos (2018), uma vez que a maioria dos professores participantes do referido estudo consideram que a ética profissional não deveria ser uma disciplina obrigatória na grade curricular do curso de graduação em Ciências Contábeis, tendo em vista que a abordagem pode ser trabalhada de forma transdisciplinar nas disciplinas já existentes. De forma conjunta, esses achados evidenciam que não existe um consenso na literatura acerca da obrigatoriedade ou não da disciplina ética no ensino da contabilidade.

4.3 Importância percebida acerca da ética no meio empresarial, educacional, pessoal e organizacional

A terceira etapa do questionário, conforme evidenciado na Seção 3, é composta por dez assertivas, em que as quatro primeiras questões visam avaliar a importância percebida acerca da ética em quatro áreas em geral: meio empresarial, educacional, como também a relevância da ética nas tomadas de decisões no âmbito pessoal e organizacional, ao passo que as demais seis assertivas foram referentes ao valor da ética contábil no ensino, conforme evidenciado nas Tabelas 3 e 4, respectivamente.

Tabela 3: Frequência das respostas relacionadas a importância percebida acerca da ética no meio empresarial, educacional, pessoal e organizacional

Assertiva	Participante	Discordo Totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo Totalmente	Total
A ética é importante no ambiente empresarial.	Alunos	2	0	1	18	132	153
	%	1,31%	0,0%	0,65%	11,76%	86,27%	100%
	Professores	1	0	0	1	22	24
	%	4,17%	0,0%	0,0%	4,17%	91,67%	100%
A ética é importante nos cursos de Ciências Contábeis.	Alunos	2	0	1	22	128	153
	%	1,31%	0,0%	0,65%	14,38%	83,66%	100%
	Professores	1	0	0	1	22	24
	%	4,17%	0,0%	0,0%	4,17%	91,67%	100%
A ética é importante em suas decisões pessoais.	Alunos	2	0	5	30	116	153
	%	1,31%	0,0%	3,27%	19,61%	75,82%	100%
	Professores	1	0	0	1	22	24
	%	4,17%	0,0%	0,0%	4,17%	91,67%	100%
A ética é importante na tomada de decisão, em seu trabalho.	Alunos	2	0	2	27	122	153
	%	1,31%	0,0%	1,31%	17,65%	79,74%	100%
	Professores	1	0	0	1	22	24
	%	4,17%	0,0%	0,0%	4,17%	91,67%	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao questionar acerca da importância da ética no ambiente empresarial, 86,27% e 91,67% dos alunos e professores pesquisados, respectivamente, concorda totalmente com a afirmação de que a ética é importante no ambiente empresarial, enquanto que 11,76% e 4,17% concorda parcialmente. Assim, o percentual total de concordância é de 98,03% e 95,84% para discentes e docentes, respectivamente. Apenas 1 aluno, 0,65%, considera indiferente, e 1,32% dos alunos e 4,17% dos professores julgam discordar totalmente com a afirmativa.

Quanto à importância da ética nos cursos de Ciências Contábeis, a maioria dos alunos e professores concordou totalmente com o enunciado, obtendo o percentual de 83,66% e 91,67%, respectivamente; 14,38% e 4,17% apenas concordam; somente 0,65% dos alunos afirmam ser indiferente; e, por fim, 1,31% dos alunos e 4,17% dos professores julgam discordar totalmente com a questão.

Verifica-se, então, que esses achados estão em linha com evidências de estudos anteriores, como o estudo realizado por Freitas, Diehl e Macagnan (2011) e Lima et al. (2014), que evidenciam que a maioria dos discentes do curso de ciências contábeis consideram a ética como fundamental para o exercício profissional, bem como com o estudo realizado por Campos et al. (2014), em que a maioria dos discentes que participaram do estudo considera que a disciplina de ética, além de contribuir para a sua formação profissional, também propicia uma melhor compreensão de como estes devem se comportar futuramente diante dos dilemas éticos da profissão.

No que diz respeito à afirmativa que questionava sobre a importância da ética em suas decisões pessoais, a maioria das duas amostras concorda totalmente com a assertiva, com 75,82% e 91,67%, alunos e professores, respectivamente, com 19,61% e 4,17% apenas concordam, nada obstante 3,27% dos alunos consideram indiferentes, e por fim, 1,31% dos alunos e 4,17% dos professores afirmam discordar totalmente com a questão.

No que tange a importância da ética na tomada de decisão em seu local de trabalho, a maioria das duas amostras também concordam totalmente com a afirmativa, sendo 79,74% e 91,67% dos alunos e professores, respectivamente. Em seguida 17,65% e 4,17% somente concordam, seguidamente apenas 1,31% da amostra dos alunos consideram indiferentes e, por último, 1,31% dos alunos e 4,17% dos professores declaram discordar totalmente da importância da ética no âmbito do trabalho em relação a tomada de decisões.

De maneira geral, verifica-se que esses resultados encontram-se em linha com as evidências de Adkins e Radtke (2004), que evidenciam que tanto alunos, como professores, consideram a ética importante na tomada de decisões em seu trabalho, nas suas decisões pessoais, bem como consideram a ética importante no curso de contabilidade.

A Tabela 4 evidencia as respostas das seis assertivas referentes ao valor da ética contábil no ensino incluídas na terceira seção do questionário.

Tabela 4: Frequência das respostas acerca do valor da ética contábil

Assertiva	Participante	Discordo Totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo Totalmente	Total
É importante relacionar o ensino contábil a questões morais	Alunos	3	2	3	52	93	153
	%	1,96%	1,31%	1,96%	33,99%	60,78%	100%
	Professores	0	0	0	3	21	24
	%	0,0%	0,0%	0,0%	12,50%	87,50%	100%
É importante reconhecer questões contábeis que tenham implicações éticas.	Alunos	2	2	3	45	101	153
	%	1,31%	1,31%	1,96%	29,41%	66,01%	100%
	Professores	0	0	0	2	22	24
	%	0,0%	0,0%	0,0%	8,33%	91,67%	100%
É importante desenvolver um senso de responsabilidade moral.	Alunos	2	2	2	36	111	153
	%	1,31%	1,31%	1,31%	23,53%	72,55%	100%
	Professores	0	0	0	2	22	24
	%	0,0%	0,0%	0,0%	8,33%	91,67%	100%
É importante desenvolver habilidades necessárias para lidar com conflitos ou dilemas éticos.	Alunos	2	2	2	39	108	153
	%	1,31%	1,31%	1,31%	25,49%	70,59%	100%
	Professores	0	0	0	2	22	24
	%	0,0%	0,0%	0,0%	8,33%	91,67%	100%
É importante lidar com as incertezas da profissão contábil.	Alunos	2	2	3	44	102	153
	%	1,31%	1,31%	1,96%	28,76%	66,67%	100%
	Professores	0	0	0	4	20	24
	%	0,0%	0,0%	0,0%	16,67%	83,33%	100%
É importante entender a história e a estrutura de todos os aspectos da ética na contabilidade.	Alunos	2	5	19	50	77	153
	%	1,31%	3,27%	12,42%	32,68%	50,33%	100%
	Professores	0	1	1	6	16	24
	%	0,0%	4,17%	4,17%	25,00%	66,67%	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Questionados acerca da importância de relacionar o ensino contábil a questões, a maioria dos dois grupos concordaram totalmente, obtendo o percentual de 60,78% e 87,50% de alunos e professores, respectivamente, posteriormente com 33,99% e 12,50% dos respondentes apenas concordaram. A amostra dos professores não obteve respostas nas outras opções do questionário, todavia os alunos com 1,96% afirmaram indiferente quanto a questão, 1,31% discordam e por fim 1,96% discordam totalmente.

Outro item abordado referiu-se à importância de reconhecer questões contábeis que tenham implicações éticas. Na amostra dos alunos, 66,01% concordam totalmente, 29,41% concordam, 1,96% consideram a questão indiferente, 1,31% discordam e 1,31% discordam totalmente. Já na amostra dos professores, a maioria dos membros do corpo docente concordou totalmente com a assertiva, com percentual de 66,01%, e 29,41% apenas concordam.

Ainda nessas questões para avaliar as percepções de alunos e professores acerca da ética, foi questionada a importância de desenvolver um senso de responsabilidade moral. Na amostragem dos alunos, a maior parte, sendo ela de 72,55%, concorda totalmente, 23,53% concorda, 1,31% julga indiferente, 1,31% somente discorda e finalmente 1,31% discorda totalmente com a afirmativa. Contudo, 91,67% dos professores concorda totalmente com a importância de desenvolver um senso de responsabilidade moral, e apenas 8,33% concordam.

Em linhas gerais, verifica-se que essas evidências encontram-se em linha com os resultados da pesquisa realizada por Adkins e Radtke (2004), que demonstram que tanto alunos como membros de corpo docentes consideram importante relacionar o ensino contábil às questões morais, reconhecer questões contábeis que tenham implicações éticas, bem como julgam importante desenvolver um senso de responsabilidade moral.

Concernente à questão que aborda a importância de desenvolver habilidades necessárias para lidar com conflitos ou dilemas éticos, a maioria da amostra dos alunos concordou totalmente com a assertiva, num percentual de 70,59%, enquanto 25,49% somente concordou, 1,31% julgou indiferente quanto a questão, 1,31% discordou e 1,31% discordou totalmente. Já a amostra dos docentes, 91,67% concordou totalmente, e somente 8,33% concordou com a questão.

Considera-se essa reflexão como relevante, ao passo que estudos anteriores demonstram que parte dos discentes de ciências contábeis nem sempre apresentam conduta correta face à dilemas éticos, como no estudo realizado por Campos et al. (2014). Assim, torna-se relevante perceber o valor da ética contábil, bem como do desenvolvimento de habilidades necessárias para lidar com conflitos ou dilemas éticos por parte destes futuros profissionais.

A penúltima assertiva tratou da importância de lidar com as incertezas da profissão contábil, em que 66,67% da amostra dos alunos concordou totalmente com a pergunta, 28,76% apenas concordou, 1,96% considerou indiferente, 1,34% discordou e por fim 1,31% discordou totalmente. Entretanto, a amostra dos docentes 83,33% declarou concordar totalmente com a assertiva, e com 16,67% só concordou.

Por fim, a Tabela 4 mostra que um pouco mais da metade da amostra dos alunos e professores concordam totalmente com a importância de entender a história e a estrutura de todos os aspectos da ética na contabilidade, em que 50,33% e 66,67% alunos e professores, respectivamente, 32,68% e 25% concordaram, 12,42% e 4,17% consideram indiferentes, 3,27% e 4,17% discordaram com a assertiva e finalmente 1,31% da amostra dos alunos discordaram totalmente.

Por fim, verifica-se que estas evidências também encontram-se em linha com os achados de Adkins e Radtke (2004), que evidenciam que tanto alunos quanto os professores acreditam ser importante desenvolver habilidades necessárias para lidar com conflitos ou dilemas éticos, lidar com as incertezas da profissão contábil, bem como consideram relevante entender a história e a estrutura de todos os aspectos da ética na contabilidade.

4.4 Teste *U* de Mann-Whitney

O teste *U* de *Mann-Whitney* foi aplicado com a finalidade de analisar se existem diferenças estatísticas entre discentes e docentes acerca das suas concepções a respeito da educação ética. Deste modo, analisamos a Tabela 5, a qual demonstra os resultados obtidos através dos Testes *U* de *Mann-Whitney* das respostas de alunos e professores referentes às quatro questões sobre a importância da ética em quatro contextos diferentes: ambiente empresarial, educação, decisões pessoais e decisões pessoais no ambiente empresarial.

Tabela 5: Resultados dos Testes *U* de Mann-Whitney das respostas dos alunos e professores participantes acerca das questões conceituais sobre a importância da ética.

Questões	Alunos Média (Desvio Padrão)	Professores Média (Desvio Padrão)	Estatística <i>z</i>	<i>P</i> valor
A ética é importante no ambiente empresarial.	4,82 (0,567)	4,79 (0,833)	-0,669	0,503
A ética é importante nos cursos de Ciências Contábeis.	4,79 (0,581)	4,79 (0,833)	-0,941	0,346
A ética é importante em suas decisões pessoais.	4,69 (0,664)	4,79 (0,833)	-1,645	0,101
A ética é importante na tomada de decisão, em seu trabalho.	4,75 (0,613)	4,79 (0,833)	-1,308	0,191

Fonte: Dados da pesquisa.

Em termos relativos, para a amostra dos alunos, a ética é mais importante no ambiente empresarial. Todavia, no contexto das decisões pessoais no ambiente empresarial, os alunos consideram a alternativa de menor importância. Já para a amostra dos membros do corpo docente, as quatro assertivas foram consideradas iguais em termos de importância.

No entanto, verifica-se que os resultados dos testes *U* de *Mann-Whitney* mostraram, ao nível de significância de 5%, que não há diferença de percepções entre os dois grupos, tendo em vista os *p-values* maiores que 0,05, que indicam que as diferenças das medianas das respostas dos alunos e professores não são significativas.

Nesse sentido, verifica-se que este estudo traz novas evidências em comparação ao estudo realizado por Royae, Ahmadi e Jari (2013), uma vez que estes não encontraram significância estatística entre as questões apresentadas na Tabela 5 e as respostas dos professores, rejeitando, assim, a hipótese de que os membros do corpo docente atribuem uma maior importância à ética na educação contábil, quando comparados aos alunos.

Esses resultados também diferenciam-se dos resultados obtidos na pesquisa de Adkins e Radtke (2004), tendo em vista que esses encontraram diferenças significativas entre as respostas dos alunos e docentes no que diz respeito à ética no ambiente empresarial e à ética nos cursos de Ciências Contábeis, indicando que os alunos percebem a ética nesses dois ambientes mais importantes do que os membros do corpo docente.

De forma complementar, a Tabela 6 apresenta os resultados dos Testes *U* de *Mann-Whitney* das respostas dos alunos e professores participantes acerca das questões relativas à importância da educação ética contábil.

Tabela 6: Resultados dos Testes *U* de *Mann-Whitney* das respostas dos alunos e professores participantes acerca das questões relativas à importância da educação ética contábil.

Questões	Alunos Média (Des. Padrão)	Professores Média (Des. Padrão)	Estatística z	P valor
É importante relacionar o ensino contábil a questões morais.	4,50 (0,779)	4,88 (0,338)	-2,568	0,010
É importante reconhecer questões contábeis que tenham implicações éticas.	4,58 (0,723)	4,92 (0,282)	-2,549	0,010
É importante desenvolver um senso de responsabilidade moral.	4,65 (0,702)	4,92 (0,282)	-2,034	0,042
É importante desenvolver habilidades necessárias para lidar com conflitos ou dilemas éticos.	4,63 (0,706)	4,92 (0,282)	-2,190	0,028
É importante lidar com as incertezas da profissão contábil.	4,58 (0,722)	4,83 (0,381)	-1,697	0,089
É importante entender a história e a estrutura de todos os aspectos da ética na contabilidade.	4,27 (0,898)	4,54 (0,779)	-1,527	0,126

Fonte: Dados da pesquisa.

Entre as seis assertivas, a considerada mais importante para os alunos foi "*É importante desenvolver um senso de responsabilidade moral*", enquanto para os docentes foram "*É importante reconhecer questões contábeis que tenham implicações éticas*", "*É importante desenvolver um senso de responsabilidade moral*" e "*É importante desenvolver habilidades necessárias para lidar com conflitos ou dilemas éticos*". Todas as três questões obtiveram uma média de 4,92. Todavia, a menos importante para ambos os grupos foi "*É importante entender a história e a estrutura de todos os aspectos da ética na contabilidade*", provavelmente devido à preferência da aplicabilidade do tema.

Em todas as questões referentes à Tabela 6, apenas uma não apresentou diferença significativa entre as percepções dos alunos e professores – a última questão, sobre a "*importância de entender a história e a estrutura de todos os aspectos da ética na contabilidade*" –, enquanto as outras cinco apresentaram uma diferença significativa, seja ao nível de significância de 1%, 5% ou 10%, indicando que os membros de corpo docente acreditam que as questões éticas são mais relevantes do que os alunos. Em linhas gerais, esse resultado sugere que os membros do corpo docente, possivelmente por possuírem um conhecimento mais profundo sobre a ética profissional, além de possuir experiência no ramo organizacional, dispõem de uma maior consciência acerca dos objetivos da ética na educação contábil.

De maneira similar, os resultados aqui apresentados fornecem evidência distintas as evidências de Adkins e Radtke (2004), ao passo que estes indicaram que os alunos consideram a ética empresarial e os objetivos da educação de ética contábil como mais importantes que os

membros do corpo docente, diferentemente desse estudo, que apresenta como resultados que os membros do corpo docente percebem, de forma geral, os objetivos da educação de ética contábil como mais importantes que os discentes, sendo essas diferenças, em sua maior parte, estatisticamente significantes.

Porém, é possível identificar que não existe um consenso na literatura na área, tendo em vista que os achados deste estudo corroboram evidências do estudo realizado por Singh e Vasudeva (2016), que além de demonstrarem que os professores atribuem maiores médias quando comparados aos alunos em relação à percepção dos benefícios do ensino da educação ética contábil para melhor enfrentar questões éticas relacionadas à profissão contábil, também evidenciam que essa diferença entre professores e estudantes é estatisticamente significativa, tendo como base o resultado do teste *U* de *Mann Whitney*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar se existem diferenças nas percepções de estudantes e professores do curso de Ciências Contábeis quanto ao ensino da ética. Para atingir esse objetivo, foram aplicados questionários separadamente para alunos e professores, para que, posteriormente, fosse examinado se existem diferenças entre as respostas de alunos e professores no que tange à percepção acerca das questões relativas à importância de preceitos éticos em quatro contextos diferentes: ambiente empresarial, educação, decisões pessoais e decisões pessoais no ambiente empresarial, bem como acerca da importância da educação da ética no ensino de contabilidade.

Os principais resultados evidenciam que tanto os alunos quanto os professores acreditam ser apropriado que os docentes lecionem o tema ética em suas disciplinas e ter uma disciplina de ética ajudaria os alunos a resolverem questões morais e éticas enfrentadas pela profissão contábil. Essa discussão lança debate na perspectiva de que, apesar da disciplina ética não ser obrigatória nas instituições de ensino superior, os alunos quanto os professores consideram relevante que esse conteúdo seja lecionado.

No tocante à percepção acerca das questões relativas à importância de preceitos éticos no ambiente empresarial, educação, decisões pessoais e decisões pessoais no ambiente empresarial, foi verificado que não há diferença de percepções entre os dois grupos. Por outro lado, em relação às questões acerca da importância da educação da ética no ensino de contabilidade, foi verificado, de forma geral, que existem diferenças estatisticamente significante entre as respostas dos alunos e membros do corpo docente no que tange à relação entre ensino contábil e questões morais, reconhecimento de questões contábeis que tenham implicações éticas, desenvolvimento de um senso de responsabilidade moral, bem como do desenvolvimento de habilidades necessárias para lidar com conflitos ou dilemas éticos.

Em síntese, os resultados demonstraram que os membros do corpo docente percebem essas questões éticas como mais relevantes quando comparado com os discentes. Esse resultado pode ter ocorrido devido ao maior conhecimento e compressão sobre a ética na profissão contábil, em que os membros do corpo docente, possivelmente por possuírem um conheci-

mento mais profundo sobre a ética profissional, bem como experiência no ramo organizacional, dispõem de uma maior consciência acerca dos objetivos da ética na educação contábil.

Nesse sentido, este estudo contribui para a literatura nacional que, a partir da nossa revisão da literatura, até o presente momento não examinou se existem diferenças significativas na percepção de discentes e docentes acerca da educação da ética no curso de Ciências Contábeis. Entretanto, apesar das contribuições, ressaltamos que este estudo também possui limitações. Acredita-se que a amostragem por acessibilidade impede a generalização dos achados para discentes e docentes de outras instituições de ensino superior. Assim, destaca-se que os resultados se limitam apenas para a amostra analisada.

Para futuras pesquisas, recomenda-se que seja comparada a percepção de discentes de graduação com os de pós-graduação, bem como que sejam analisados possíveis fatores que possam explicar a percepção acerca da educação da ética no curso de Ciências Contábeis.

REFERÊNCIAS

- Adkins, N. & Radtke, R. R. (2004). Students' and Faculty Members' Perceptions of the Importance of Business Ethics and Accounting Ethics Education: Nell Adkins Is There an Expectations Gap? *Journal of Business Ethics*, 51, 279-300.
- Andrade, H. J. M., Avelino, B. C., & Santos, D. (2018). Para além dos números: A percepção dos docentes do curso de ciências contábeis de uma instituição pública de ensino superior de Minas Gerais acerca da ética profissional. *Revista Contabilidade e Controladoria*, 10(1), 8-25.
- Arfaoui, F., Damak-Ayadi, S., Ghram, R., & Bouchekoua, A. (2016). Ethics Education and Accounting Students' Level of Moral Development: Experimental Design in Tunisian Audit Context. *Journal of Business Ethics*, 138(1), 161-173.
- Berlatto, O., Coleoni, A. S., Bortolini, C., Pistore, C. S., & Belusso, F. M. (2015). As contribuições da ética ao profissional da contabilidade. *Revista de Gestão e Contabilidade da UFPI*, 2(1), 191-198.
- Campos, A. F. R., Silva, A. A. V. R., Silva, M. C. Neta, & Araujo, V. S. (2020). Dilemas éticos e a importância da disciplina de ética: Percepção dos discentes do curso de Ciências Contábeis de instituição de ensino superior. *Revista Fatec Zona Sul - Refas*, 7(2), 1-16.
- Cardoso, J. L., Souza, M. A., & Almeida, L. B. (2006). Perfil do contador na atualidade: Um estudo exploratório. *Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos*, 3(3), 275-284.
- Davoodifar, M. H. (2015). Challenging Ethic Facing the Professional Accounting in the Today World. *Journal of Applied Environmental and Biological Sciences*, 5(4), 89-94.
- Diehl, C. A., Freitas, A. C., & Macagnan, C. B. (2011). A percepção sobre ética de estudantes de curso de graduação em Ciências Contábeis. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 5(1), 21-49.
- Echauri, A. M. F., Minami, H., & Sandoval, M. J. I. (2012). La Escala de Likert en la evaluación docente: acercamiento a sus características y principios metodológicos. *Perspectivas Docentes*, 50, 31-40.
- Fávero, L. P. & Belfiore, P. (2017). *Manual de Análise de Dados: Estatística e Modelagem Multivariada com Excel, SPSS e Stata*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Feil, A. A. (2016). Análise das variáveis intervenientes na tomada de decisão ética do profissional contábil. *Enfoque Reflexão Contábil*, 35(1), 75-93.
- Feil, A. A., Diehl, L., & Schuck, R. J. (2017). Ética profissional e estudantes de contabilidade: análise das variáveis intervenientes. *Cadernos EBAPE.BR*, 15(2), 256-273.
- Fontes, C. L., & Batista, H. M. (2005). Ética na docência: um estudo nas instituições de ensino superior de Natal/RN. *Contabilidade Vista & Revista*, 16(1), 9-30.

- Freitas, A. C., Diehl, C. A., & Macagnan, C. B. (2011). A percepção sobre ética de estudantes de curso de graduação em Ciências Contábeis. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 5(1), 21-49.
- Hair, J. F. Jr., Anderson, R. E., Tathan, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. (5a. ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Lima, M. E. B., Prazeres, R. V., & Araújo, J. G. N. (2014). Ética em contabilidade: Um estudo sobre a percepção dos discentes acerca da ética profissional. *Revista de Gestão e Contabilidade da UFPI*, 1(2), 121-134.
- Luz, I. P., Wagnitz, P. R., Rengel, R. (2021). Influência do clima ético na conduta de trapaça acadêmica mediada pelo interesse próprio: Um estudo com discentes de contabilidade. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 20, 1-19.
- Martins, P. J., & Bencke, F. F. (2018). Ética geral e profissional em contabilidade: um estudo sobre a postura de discentes e profissionais em contabilidade. *Revista de Contabilidade da UFBA*, 12(2), 150-165.
- Morgan, B. F., Fonseca, M. W. A., & Fernandes, J. L. T. (2019). Análise da Disciplina de Ética na Educação Contábil do Brasil. *Revista de Ciências Contábeis*, 10(19), 1-17.
- Okougbo, P. O., Okike, E. N., & Alao, A. (2021). Accounting ethics education and the ethical awareness of undergraduates: An experimental study. *Accounting Education*, 30(3), 258-276.
- Pinho, R. C. S., & Rodrigues, M. D. N. (2016). Análise comparativa dos conteúdos das disciplinas de custos dos cursos de ciências contábeis das Universidades Federais brasileiras com o currículo mundial. *Revista Ambiente Contábil*, 8(2), 76-91.
- Raupp, F. M.; Beuren, I. M. (2012). *Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade: Teoria e Prática*. (3a. ed.). São Paulo: Atlas.
- Royae, R., Ahmadi, S. A., & Jari, A. (2013). Students' and faculty members' perceptions of the importance of business ethics and accounting ethics education: Iranian case. *Asian Journal of Business Ethics*, 2, 163-171.
- Santos, L. M., & Jesus, M. L. (2002). A importância da ética na formação do profissional de contabilidade. *Pensar Contábil*, 4(14), 4-11.
- Singh, A. K., & Vasudeva, S. (2016). Benefits and shortcomings of ethics education: An empirical analysis of perception of accounting students and faculty members in India. *Indian Journal of Accounting*, 48, 37-49.
- Suave, R., Altoé, S. M. L., & Ferreira, M. M. (2021). Pesquisas experimentais aplicadas à educação contábil: panorama atual e oportunidades no cenário brasileiro. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 18(47), 155-176.
- Tormo-Carbó, G., Seguí-Mas, E., & Oltra, V. (2016). Accounting Ethics in Unfriendly Environments: The Educational Challenge. *Journal of Business Ethics*, 131, 161-175.

FERRAMENTA DE ADMINISTRAÇÃO APLICADA EM SERVIÇOS DE SAÚDE: UM ESTUDO COM PROFISSIONAIS ATUANTES COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

ADMINISTRATION TOOL APPLIED IN HEALTH SERVICES:
A STUDY WITH PROFESSIONALS WORKING WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

LEANDRO CEARENÇO LIMA
leandrolima.panamericano@gmail.com

MARLUSA DE SEVILHA GOSLING
mg.ufmg@gmail.com

FREDERICO CESAR MAFRA PEREIRA
professorfrederico@yahoo.com.br

DANIELLE DE OLIVEIRA CHAGAS LIMA
danichagas24@gmail.com

RESUMO

Objetivos: entender e propor a aplicação do Business Model Canvas - BMC como ferramenta de modelagem de negócios para psicólogos que atuam na intervenção precoce em crianças no espectro autista. **Metodologia:** foi utilizada a abordagem qualitativa com revisão não sistemática da literatura, as amostras foram não probabilísticas de seleção intencional, foram aplicadas técnicas de análise de conteúdo. **Resultados:** contribuição para maior compreensão do contexto da área de atuação na intervenção precoce do TEA e na proposta de ferramenta de aplicação prática. **Considerações finais:** além de aplicação prática, a ferramenta pode auxiliar os futuros profissionais da psicologia e aqueles que já atuam com intervenção de crianças com TEA, esta pesquisa é um esforço inicial que abre precedente para sugerir novos estudos de aplicação do BMC em outras áreas e em outros contextos.

Palavras-chave: Atuação do Psicólogo; Intervenção precoce no TEA; Ferramenta de Administração; Business Model Canvas.

ABSTRACT

Goals: to understand and propose the application of the Business Model Canvas - BMC as a business modeling tool for psychologists who work in early intervention in children on the autistic spectrum. **Methodology:** a qualitative approach was used with a non-systematic review of the literature, the samples were non-probabilistic of intentional selection and content analysis techniques were applied. **Results:** contribution to a better unders-

tanding of the context of the area of action in the early intervention of ASD and in the proposal of a practical application tool. Final considerations: in addition to practical application, the tool can help future psychology professionals and those who already work with intervention of children with ASD, this research is an initial effort that sets a precedent to suggest new studies on the application of the BMC in other areas and in other contexts.

Keywords: *Psychologist's role; Early intervention in ASD; Administration Tool; Business Model Canvas.*

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem crescido o número de diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em crianças no Brasil e no mundo (Christensen et al., 2018, Cunha, 2016, Fadda & Cury, 2019, Ferreira da Silva, Araujo & Dornelas, 2020, Gomes, et al., 2015 e Teixeira, 2017). As estimativas variam, mas acredita-se que aproximadamente 70 milhões pessoas no mundo estejam no espectro autista (ONU, 2010), o que demanda maior número de profissionais atuando na intervenção.

Apenas nos Estados Unidos em 2002 foi identificado 1 caso de autismo para cada 150 crianças de até 8 anos de idade, já em 2006 esse número evoluiu para 1 em cada 110 e em 2008 passou para 1 em cada 88 crianças, no último levantamento publicado em 2014 a incidência de casos era de 1 criança autista a cada 68. (Center for Disease Control and Prevention, 2014).

No Brasil, estudos recentes como o de Fadda e Cury (2019) com base em levantamentos da Associação Americana de Psiquiatria (APA), estimam que aproximadamente 2 milhões de pessoas poderiam ser diagnosticadas com autismo no território brasileiro.

O transtorno do espectro autista é uma síndrome neuropsiquiátrica (Gomes, et al., 2015). De acordo com o Manual de Orientações publicado em 2019 pela Sociedade Brasileira de Pediatria, o autismo é um tipo de transtorno de manifestações comportamentais com possibilidade de diagnóstico cada vez mais precoce. Caracterizado por déficits na comunicação e na interação social, o autismo é marcado por comportamentos repetitivos e/ou interesses restritos que afetam o desenvolvimento global da criança (Christensen et al., 2018).

Esse contexto gera aumento de demanda pelos serviços e impacta diretamente a necessidade de adaptação dos profissionais da psicologia, assim como requer o aprimoramento no uso das ferramentas da administração para os modelos de negócios, uma vez que, um dos maiores desafios no setor da saúde se concentra na gestão. (Burmester & Adair, 2017, Lorenzetti et al. 2014 e Tajra, 2006)

Desse modo, o objetivo do estudo é entender e propor a aplicação do Business Model Canvas (BMC) como ferramenta de modelagem de negócios para psicólogos que atuam ou pretendem atuar na intervenção precoce em crianças no espectro autista.

O motivo da escolha do BMC para utilização nesta pesquisa se deve ao fato do Design da ferramenta ser simples, baseada em um quadro que não necessita ser um profissional especializado no desenvolvimento de projetos. Por ser bastante intuitiva e de fácil representação gráfica, o BMC, se caracteriza como uma ferramenta facilmente aplicável.

Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma revisão narrativa, portanto, uma revisão não sistemática da literatura, recorrendo a livros, artigos científicos e consulta aos órgãos de referência para a temática. Também foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 4 profissionais da psicologia que atuam com crianças com TEA. Por fim, todo o artefato de pesquisa foi analisado com técnicas de análise de conteúdo para propor um modelo de aplicação prática.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo se fundamenta em três constructos basilares. Sendo que o primeiro trata da atuação profissional do psicólogo no Brasil, tema que necessita de atualização constante na literatura, o segundo apresenta a intervenção precoce do TEA, e por fim será apresentado o Business Model Canvas como ferramenta da Administração para aplicação e modelagem proposta.

2.1 A Atuação Profissional do Psicólogo no Brasil

A psicologia foi regulamentada como profissão no Brasil em 1962 pela lei 4.119 (CRPMG, 2015). De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP), em levantamento realizado em 15 de março de 2021, no Brasil existem 389.585 psicólogos registrados, sendo que 52,16% estão concentrados nos estados de São Paulo 113.900 profissionais, Rio de Janeiro 46.478 profissionais e Minas Gerais 42,815 profissionais.

Com a expansão do ensino superior e o aumento de cursos de graduação em Psicologia, disseminados em diversas cidades, ampliou-se a produção de conhecimento sobre o tema nos âmbitos acadêmicos e profissionais. (Prates et al., 2019, p. 98)

Em 2004, no intuito de promover uma formação profissional mais ampla, as Diretrizes Nacionais de Educação delinearão uma regulamentação nos cursos de graduação em psicologia que acompanhassem as transformações das áreas de atuação do psicólogo. (Prates et al., 2019) Nesse sentido, "... o ano de 2004 foi marcante para o campo da formação do psicólogo, pois houve uma ampliação dos conhecimentos psicotécnicos, clínicos, escolares e organizacionais". (Prates et al., 2019, p. 98)

Atualmente a atuação da psicologia se expandiu em 23 áreas (CFP, 2012) e passou a compreender as mais diversas demandas sociais, fazendo uso de recursos teóricos e técnicos com a construção de um amplo e novo perfil do psicólogo. (Rechtman & Bock, 2019)

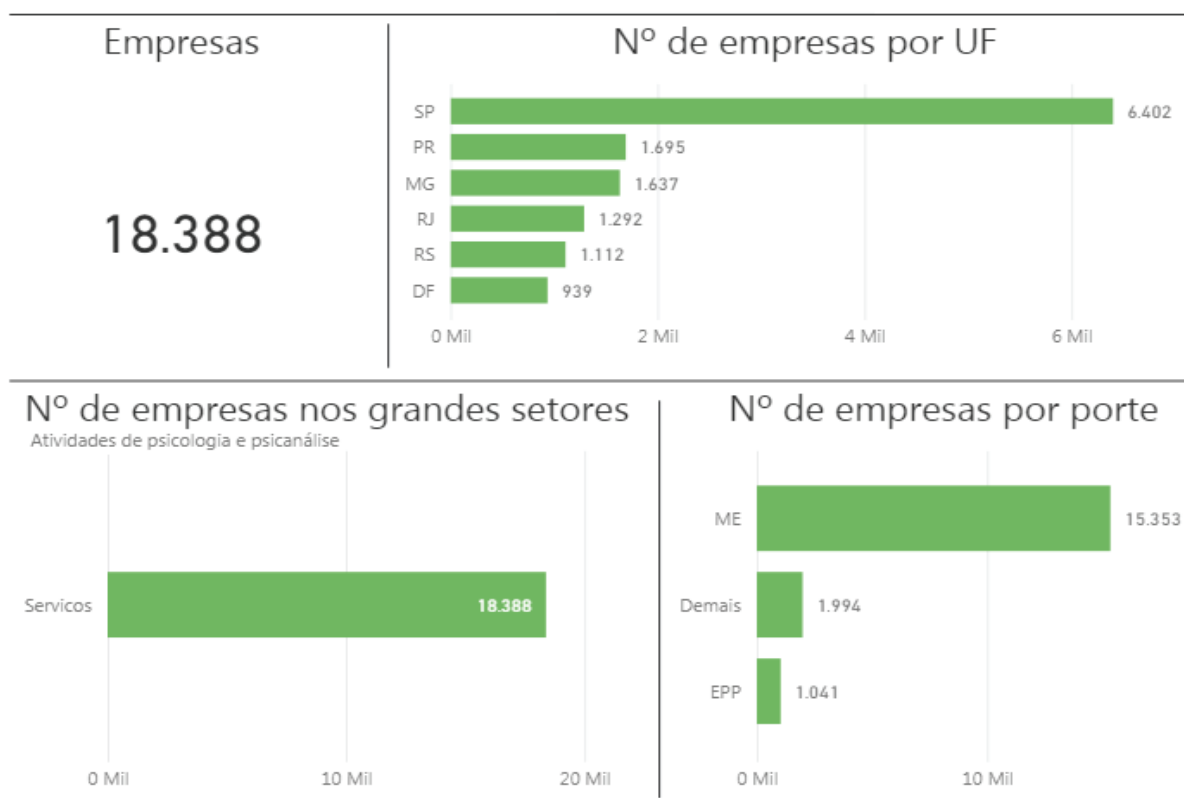
Quadro 1 – Áreas da Psicologia

Áreas de Atuação da Psicologia	
1. Análise do Comportamento	13. Psicologia da Saúde
2. Avaliação e Medidas em Psicologia	14. Psicologia do Desenvolvimento, Psicomotricidade
3. História da Psicologia	15. Psicologia do Esporte
4. Métodos em Psicologia	16. Psicologia do Trabalho e Organizacional
5. Neurociências, Neuropsicologia	17. Psicologia do Trânsito
6. Processos Psicológicos Básicos	18. Psicologia Educacional e Escolar, Psicopedagogia
7. Psicobiologia, Psicologia Evolucionista, Psicologia Animal	19. Psicologia Jurídica
8. Psicologia Ambiental	20. Psicologia Social
9. Psicologia Clínica, Psicanálise	21. Saúde Mental e Psicopatologia
10. Psicologia Cognitiva	22. Temas transversais
11. Psicologia Comunitária	23. Teorias e Sistemas em Psicologia
12. Psicologia da Aprendizagem	

Fonte: Revista áreas psicologia CFP (2012)

Embora o profissional da psicologia não seja obrigado a se registrar como pessoa jurídica, podendo exercer a prestação de serviços como profissional liberal de forma autônoma (CRP-MG, 2016), o painel de empresas do SEBRAE, com dados extraídos da Receita Federal em maio de 2020 aponta que existem 18.388 empresas registradas no Brasil pela Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) 8650-0/03 - atividades de psicologia e psicanálise. (SEBRAE, 2021).

Quadro 2 – Painel de empresas CNAE 8650-0/03 – Atividades de psicologia e psicanálise - SEBRAE



Fonte: SEBRAE (2021) - dados compilados Receita Federal do Brasil (RFB) de 11 de maio de 2020.

De acordo com o manual Guia do psicólogo, a prestação de serviços do psicólogo pode se dar pela abertura de consultório, atendimento domiciliar ou atendimento psicológico mediado por computador (CRP-MG, Guia para exercício profissional, Psicologia, 2015).

Para prestação de serviços de forma autônoma, o profissional deverá estar inscrito junto ao CRP da jurisdição (Estado) em que for atuar, conforme Lei 5766/71, e respeitar todos os aspectos éticos e técnicos das normatizações de sua categoria. Salienta-se que outros órgãos públicos farão exigências a este profissional tais como: o de inscrição junto ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) como prestador de serviços autônomos; a de obtenção de alvará de localização e funcionamento e inscrição como profissional autônomo junto à Prefeitura local; e, ainda, de requisição de alvará sanitário junto à Vigilância Sanitária etc. Essas ações irão gerar recolhimento de tributos/taxas (ex: Imposto Sobre Serviços – ISS) e fiscalização por parte dos respectivos órgãos. Orienta-se, por fim, a busca de informações junto aos órgãos competentes antes do início da prestação de serviços autônomos. (CRP-MG, Guia para exercício profissional, Psicologia, 2015, p. 29)

Do local adequado para a prestação dos serviços:

O local deverá apresentar condições apropriadas ao tipo de serviço psicológico oferecido, bem como ao público atendido (ex: crianças, pessoas idosas, pacientes com necessidades especiais ou em situações psíquicas graves). O local deverá garantir o sigilo profissional e, ainda, ter um armário ou arquivo com trancas para guarda do Registro Documental e material privativo. É necessário ter cuidado com possíveis vazamentos de som, facilitados, por exemplo, por paredes, divisórias, vãos de portas e janelas. O ambiente deverá ser preservado de barulhos externos que possam interferir na qualidade do serviço. O local deverá garantir, ainda, condições adequadas de segurança, ventilação, iluminação, higiene e acomodação aos usuários do serviço em consonância com os critérios estabelecidos pela Vigilância Sanitária. No caso de avaliação psicológica, também deverão ser respeitados os critérios encontrados nos manuais dos testes utilizados. (CRP-MG, Guia para exercício profissional, Psicologia, 2015, p. 29)

Do atendimento domiciliar:

O atendimento domiciliar é uma estratégia de intervenção que poderá acontecer em situações específicas devidamente justificadas e fundamentadas teórica e tecnicamente e de forma complementar ao atendimento nos locais adequados. Essa estratégia de intervenção, que também poderá incluir orientações aos familiares e/ ou responsáveis, deverá ocorrer mediante expressão da vontade da pessoa atendida CRP-MG, Guia para o exercício profissional 31 e em situações de impossibilidade de deslocamento aos locais públicos ou privados de atendimento. Trata-se de uma estratégia que visa o menor prejuízo, já que não é possível garantir condições ideais de sigilo como as proporcionadas em um local adequado de atendimento. Por isso, é fundamental que o profissional tenha capacitação na utilização de técnicas de intervenções individuais e/ou familiares que sejam adequadas a esse tipo de serviço e às condições em que ocorrem de forma a garantir o sigilo e, conseqüentemente, o respeito à intimidade tanto da pessoa atendida, quanto dos familiares envolvidos. (CRP-MG, Guia para exercício profissional, Psicologia, 2015, p. 29)

Do atendimento psicológico mediado por computador:

O atendimento psicológico pela internet está regulamentado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) desde 2005, sendo que a normatização vigente é a Resolução CFP nº 11/2012. Alguns serviços psicológicos – desde que pontuais informativos e focados no tema proposto – podem ser prestados por meios tecnológicos de comunicação a distância, especialmente, as “orientações psicológicas” respeitando o limite de 20 atendimentos. (CRP-MG, Guia para exercício profissional, Psicologia, 2015, p. 29)

2.2 A Intervenção Precoce no Tea

A possibilidade de intervenção precoce no TEA se dá “... graças a sua identificação cada vez mais cedo.” (Lampreia, 2007, p. 2015) percebida pelos marcos desenvolvimento atípico da criança autista (Locatelli & Santos, 2016) que “... podem ser detectadas nos primeiros três anos de vida” (Gomes, et al., 2015, p. 112).

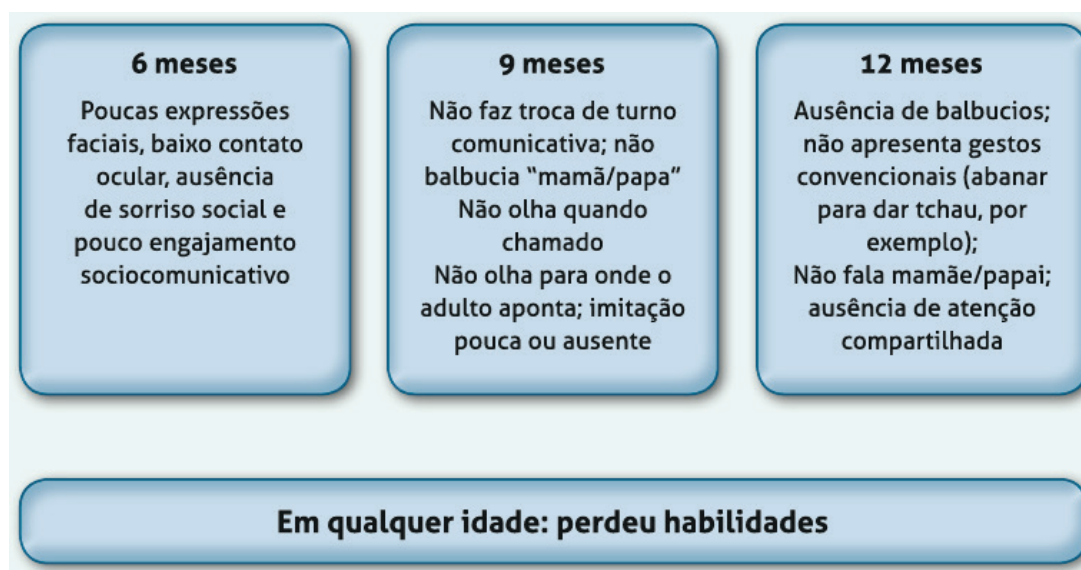
Marcados por atrasos na comunicação social, na linguagem e na presença de comportamentos repetitivos nas crianças entre 12 e 24 meses de idade, a identificação e encaminhamento para intervenção pode ocorrer ainda no primeiro ou segundo ano de vida. (Manual de Orientações - TEA Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019)

O diagnóstico de TEA é essencialmente clínico, feito a partir das observações da criança, entrevista com os pais e aplicação de instrumentos específicos. Os critérios usados para diagnosticar o TEA são descritos no Manual Estatístico de Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria (Gomes, et al., 2015, p. 112).

O TEA é atualmente classificado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) pelo CID-10. Vale ressaltar, no entanto que, uma nova classificação internacional foi apresentada em maio de 2019 e passou a ser reconhecida como CID-11 que será adotada à partir de janeiro de 2022. Essa última versão apresentada reflete os avanços na medicina e nas tecnologias que não estavam elencadas no CID-10 que datava de maio 1990, tal atualização permitirá aos países membros planejar, preparar traduções e formar profissionais de saúde.

Após o diagnóstico por médico neuropediatra, neurologista infantil ou psiquiatra infantil com indicação do CID 10 ou sua atualização CID 11 que classificam o atraso global do desenvolvimento, as principais intervenções recomendadas são para atuar nas áreas comportamentais, de comunicação e motoras (Cunha 2016 e Teixeira, 2017), sendo os primeiros sinais de alerta já aos 6 meses de idade.

Figura 1 – Sinais de alerta do TEA



Fonte: Manual de Orientações TEA - Sociedade Brasileira de Pediatria (2019, p. 3)

A importância da intervenção precoce no TEA se baseia na plasticidade cerebral que é maior, quanto mais jovem for a criança, potencializando assim os efeitos positivos no tratamento. (Lampreia, 2007 e Zanon, Nackes & Bosa, 2014).

Dentre os tratamentos mais adequados, possíveis e eficazes, se destacam as abordagens da *Applied Behavior Analysis* ou Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que podem ser utilizadas por psicólogos (Ferreira da Silva, Araujo & Dornelas, 2020).

O sistema ABA é diretivo, no sentido em que se desenvolvem as potencialidades das crianças, direcionando estas potencialidades por etapas para que ela seja cumprida de forma adequada. Sendo também um método de terapia lúdica, vez que aproveita o espaço para a criança brincar e as referências delas para ensinar, tornando a terapia prazerosa. (Locatelli & Santos, 2016, p. 209)

Outro método possível é o *Picture Exchange Communication System* (PECS), baseado em um sistema de comunicação através de figuras que propõe a utilização de recursos em que a criança faça escolhas a partir de objetos representados sejam eles desenhos, fotografias ou quadros. (Locatelli & Santos, 2016)

Há também o método *Son Rise* desenvolvido pelo *The Autism Treatment Center of America de Massachusetts* na década de 1970, uma técnica mais voltada para os pais, normalmente aplicada no domicílio da criança. (Tolezani, 2010)

Os pais recebem orientações práticas e atitudinais, de modo a conseguirem orientar voluntários que possam ajudá-los na execução. No entanto, este programa também exige a presença de profissionais justamente para que os pais possam oferecer um programa estruturado com suporte de uma equipe multidisciplinar (Locatelli & Santos, 2016, p. 211).

Já o método TEACCH, *Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicaped Children* criado ainda em 1966 na Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, é considerado como um agrupamento dos métodos ABA e PECS por se basear em estímulos e comunicação por imagem com forte contribuição na educação de alunos com autismo. (Miranda, 2008)

Este método tem por base o entendimento das características cognitivas e aprendizagem distinta do autista. Inicialmente, é desenvolvido atividades através de imagens e cores, posteriormente, de acordo com o desenvolvimento da criança é inserido palavras, permitindo a aprendizagem através das imagens. (Locatelli & Santos, 2016, p. 215)

Locatelli & Santos (2016) apontam que a intervenção precoce no TEA tem característica multidisciplinar, no entanto, embora o psicólogo tenha papel principal nesse processo, normalmente o tratamento também envolve a contribuição do fonoaudiólogo, do terapeuta ocupacional ou do fisioterapeuta. Além desses, a participação do nutricionista costuma ser necessária devido a “aspectos no comportamento alimentar que caracterizam a seletividade alimentar” (Pereira, 2019, p. 13).

2.3 Business Model Canvas como Ferramenta de Administração

No setor da saúde, alguns autores apontam que por um lado há uma enorme evolução tecnológica, em medicamentos, tratamentos e serviços, mas por outro lado, ocorre a estagnação na prática da gestão e no uso das ferramentas de administração. (Burmester & Adair, 2017, Lorenzetti et al., 2014 e Tajra, 2006)

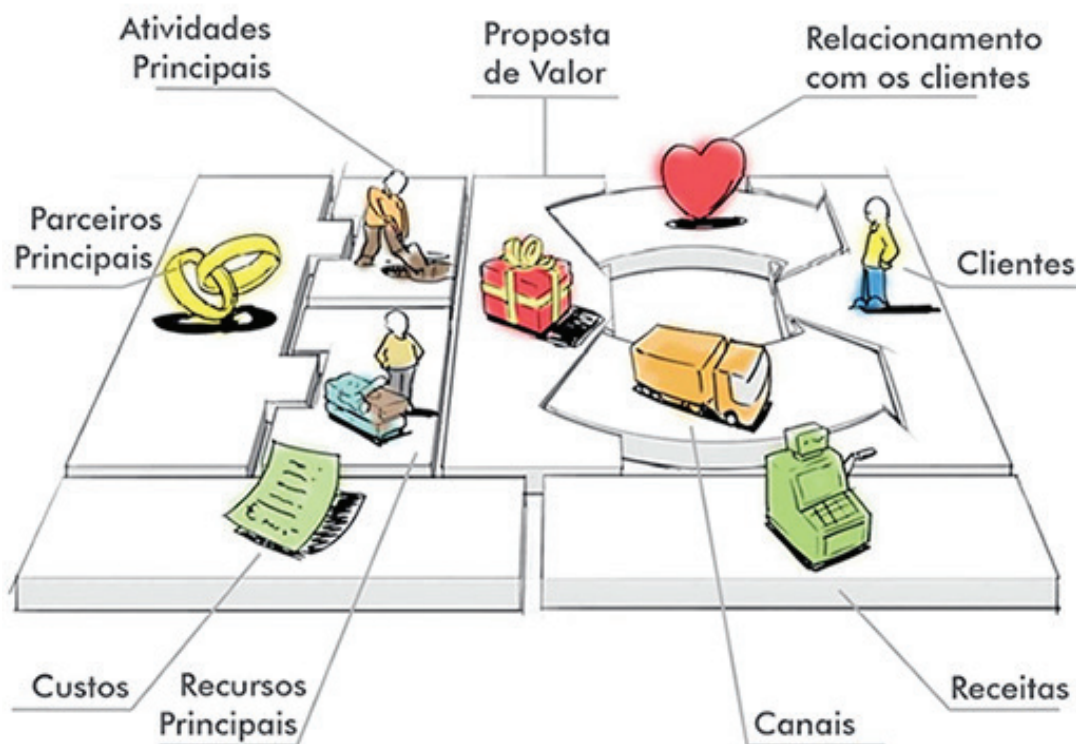
Parece que o desafio maior da gestão em saúde está em construir ou reconstruir os serviços de saúde, para que venham a ser efetivamente centrados nas pessoas, grupos ou comunidades com necessidades de saúde. Para tanto, faz-se necessário uma ampla renovação da concepção e prática da gestão atual em saúde. (Lorenzetti et al., 2014, p. 423)

Diversas são as ferramentas de administração para gestão e modelagem de negócios disponíveis para prestadores de serviços (Tajra, 2006). Dentre elas, o Business Model Canvas (BMC) se destaca por ser uma ferramenta de aplicação prática, com visual de fácil compreensão e com informações condensadas. (Herrera, 2015)

A ferramenta BMC foi desenvolvida pelo suíço Alexander Osterwalder em 2004 para modelagem, análise e idéias de negócios. (Osterwalder, 2004) Em 2010 a metodologia foi redesenhada a partir da co-criação que envolveu 470 executivos, pesquisadores, consultores e *designers*. (Osterwalder & Pigneur, 2010). Os envolvidos eram de 45 países diferentes e o intuito era trocar idéias, atualizar o modelo e financiar o lançamento de um livro (Herrera, 2015).

O resultado foi uma ferramenta simples baseada em um quadro que não necessita ser um profissional para utilizar no desenvolvimento de projetos, bastante intuitiva e de fácil representação gráfica (Osterwalder & Pigneur, 2010), “uma linguagem fácil para descrever, visualizar, avaliar e modificar os modelos de negócios” (Osterwalder & Pigneur, 2010, p.7).

Figura 2 - Modelo de Negócios Canvas



Fonte: Osterwalder & Pigneur (2010, p.9)

O quadro Canvas possui nove elementos que intentam criar, entregar valor ao cliente, além de aproveitar e fazer uso dos recursos disponíveis. Seguindo a sugestão de uma seqüência lógica, os elementos se dispõem da seguinte forma, (I) segmento clientes, "quem são nossos clientes?"; (II) proposta de valor, "quais benefícios entregamos?" e "quais necessidades atendemos?"; (III) canais, "através de quais os clientes são atendidos?" e "quais apresentam melhor custo/benefício?"; (IV) relacionamento com o cliente, "que tipo de relacionamento?" e "quais relacionamentos nós estabelecemos?"; (V) receitas, "de onde vem os pagamentos?" e "como são realizados?"; (VI) recursos principais, "quais recursos são necessários?"; (VII) atividades principais, "quais atividades realizamos?"; (VIII) parceiros principais "quem são nossos principais parceiros?" e (IX) custos "quais são os custos mais representativos?". (Osterwalder & Pigneur, 2010)

3 METODOLOGIA

Para condução do estudo, optou-se pela abordagem qualitativa que segundo Creswell (2010) é um meio para explorar os significados atribuídos a um problema social ou humano, processo que envolve tipicamente dados coletados do ambiente dos participantes sendo, portanto ideal para coleta, análise, interpretação e redação de relatórios (Creswell, 2010).

A pesquisa utilizou recursos de revisão narrativa, portanto, se caracteriza como revisão não sistemática da literatura. Conforme a revisão narrativa ou tradicional, a seleção de artefatos para a pesquisa é mais aberta, não exige um protocolo rígido, de modo que a busca de fontes não é pré-determinada e específica, provendo aos autores a definição do viés de seleção com grande interferência da percepção subjetiva. (Mattos, 2015)

Em relação à seleção das entrevistadas, a técnica empregada foi de amostragem não probabilística e intencional que de acordo com Gil (2002), o critério de representatividade dos grupos investigados nesse caso é mais qualitativo do que quantitativo e nas amostras intencionais, os indivíduos são selecionados com base em determinadas características tidas como relevantes pelos participantes e pesquisadores. Gil (2002, p. 145) afirma ainda que, "A intencionalidade torna uma pesquisa mais rica em termos qualitativos."

Dessa forma, optou se por lançar mão de entrevistas semi estruturadas, aplicadas a quatro profissionais de psicologia que atuam ativamente na intervenção precoce do TEA. Os profissionais foram selecionados por critérios de atuação, e forma de prestação de serviços. As entrevistas se deram por telefone, sendo preservadas as identidades dos Entrevistados. As perguntas do roteiro estavam ligadas aos constructos teóricos e às nove dimensões do quadro do BMC.

Quadro 3 - Critérios de seleção dos profissionais participantes

Entrevistados	Atuação	Forma de Prestação de Serviço
Entrevistado 1	Crianças com TEA	Presencial em domicilio
Entrevistado 2	Crianças com TEA	Presencial em consultório
Entrevistado 3	Crianças com TEA e orientação dos pais	Presencial em domicilio e em consultório
Entrevistado 4	Orientação de pais de crianças com TEA	Presencial em consultório e via dispositivos

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Em todo o processo de seleção dos artefatos, revisão da literatura, elaboração e condução das entrevistas e interpretação dos dados, utilizou-se as técnicas de análise de conteúdo. Pois, como orienta Bardin (1977), as técnicas e a interpretação e análise de conteúdo se fazem pela prática. De modo que, para passagem pelo empirismo, os autores concebem pacientemente um olhar "retrospectivo" numa espécie de auto-observação que visa esclarecimentos, numa perspectiva temática e referencial. (Bardin, 1977).

4 RESULTADOS

Na busca de maior compreensão para a construção de um modelo "BMC" para aplicação por profissionais da psicologia que atuam na intervenção precoce do TEA, primeiro, foram elencados os resultados das questões relacionadas ao contexto da pesquisa e na seqüência, foram apresentados em sessões específicas os resultados com a discussão de cada uma das nove dimensões para aplicação do BMC.

O tempo de atuação na área, dos Entrevistados 1, 2, 3 e 4 são respectivamente 3 anos, 10 anos, 9 anos e 10 anos, ou seja, não ultrapassa os 10 anos e todos informaram que tem percebido aumento no número de casos ano após ano. "aqui em Belo Horizonte, por exemplo, a cada ano percebo que tem mais crianças diagnosticadas, a cada visita que faço na escolinha me apresentam novos casos" (Entrevistado 1).

Os resultados também indicam que o maior tempo de atuação dos profissionais selecionados é de 10 anos, o que coincide com o período em que os diagnósticos de TEA começaram a aumentar, meados dos anos 2000, sobretudo nos Estados Unidos quando em 2002 se iniciou o primeiro levantamento *per capita* em que se identificou 1 caso de autismo para cada 150 crianças. (Center for Disease Control and Prevention, 2014).

Dos quatro indivíduos Entrevistados, todos tinham cursos de aperfeiçoamento, mas apenas 1 tinham uma especialização em autismo, e 1 tem mestrado e doutorado concluído na área, além de também ser professora em curso de graduação em psicologia e nenhum tinha cadastro CNPJ. Todos alegaram que há alta demanda para a entrada de novos profissionais na área de atuação. Tais resultados corroboram com os achados que indicam que, embora em 2004 tenha havido uma expansão na área da psicologia (Prates et al., 2019), ainda é baixo volume de profissionais formados para atuação na intervenção do TEA, dado que, a quantidade e distribuição de profissionais, que estão concentrados em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais não são favoráveis face às 23 áreas de atuação (CFP, 2021) e a extensão territorial do Brasil.

A predominância de prestadores de serviços que atuam como profissionais liberais autônomos também convergem com o apontamento o painel de empresas do SEBRAE que apresenta 18.388 CNPJs ativos (SEBRAE, 2021), valendo ressaltar que esse quantitativo engloba todas as 23 áreas de atuação não havendo, portanto, distinção entre aqueles que atuam especificamente com áreas aptas a trabalhar com o TEA.

Em relação às abordagens, os Entrevistados em geral informaram que utilizam alguma das abordagens elencadas nesse estudo a depender do paciente, pois o TEA afeta as habilidades de maneiras diferentes em cada um dos autistas. "Assim.... as crianças com autismo tem o conjunto de habilidades afetadas de forma distinta, em uma combinação que faz cada uma estar em um ponto diferente do espectro." (Entrevistado 3)

Todos os Entrevistados apontaram o ABA como sendo a abordagem de melhor resultado e a base de todas as outras que surgiram depois, "bom... o ABA não se limita ao tratamento de autismo porque é uma análise aplicada do comportamento, e todos os outros métodos como o Denver, o PECS, o TEACCH e etc... só são validados porque tem como base o ABA" (Entrevistado 4). "... tenho formação do modelo Denver de intervenção precoce, tenho formação avançada, mas utilizo a análise aplicada do comportamento né, aí, cada criança é pensado a intervenção que vai ser mais efetiva né" (Entrevistado 2), "O meu foco não é na abordagem, é no ser, meu resultado não esta em uma normatividade, a abordagem utilizada depende muito" (Entrevistado 3)", "as intervenções naturalistas como o Denver tem ganhado cada vez mais espaço." (Entrevistado 2) "A intervenção que mais utilizo é o Denver, mas a medida que as crianças vão crescendo, vai perdendo a eficácia" (Entrevistado 1) Percebeu-se que o método Denver, foi citado na fala de todos os Entrevistados, embora todos tenham alegado que o modelo Denver tem como base os métodos do ABA que é o de maior resultado efetivo.

Em média, os Entrevistados apontaram que atendem crianças entre 1 ano e meio a 6 anos, mas em um caso ou outro, acabam atendendo crianças mais velhas que tem diagnósticos mais severos e maiores limitações. “Eu atendo um garoto de 8 anos, mas é o único, os outros não passam de 5 ou 6 anos” (Entrevistado 1). “Não faz muito sentido a intervenção precoce com crianças mais velhas porque os métodos e as técnicas vão perdendo a eficácia, é o que acontece com o método Denver por exemplo” (Entrevistado 4), “As crianças que eu atendo tem em média 2 anos” (Entrevistado 2)

Em relação às ferramentas de administração na gestão da saúde, o posicionamento de todos os Entrevistados evidencia que a formação em psicologia normalmente não fornece subsídios suficientes para o desenvolvimento de habilidades de gestão, “na graduação a gente vê muito poucas disciplinas de gestão....” (Entrevistado 1), “... é eu não lembro de ter tido alguma disciplina que de fato ensinasse sobre gestão, só fui ver isso na prática, meio que intuitivamente” (Entrevistado 3), isso corrobora com a literatura que aponta uma lacuna tanto pela falta de conhecimento e aplicação prática das ferramentas de gestão na área da saúde, quanto no baixo volume de literatura que contemple o tema em geral (Burmester & Adair, 2017, Lorenzetti et al., 2014 e Tajra, 2006)

4.1 Segmento de Clientes

De acordo com os respondentes, o serviço é direcionado para as **crianças com autismo** e até mesmo para **crianças com outros diagnósticos** que afetam de alguma forma o desenvolvimento típico. “o ABA não se limita ao tratamento de autismo” (Entrevistado 4). “eu já atendi pacientes com transtorno de déficit de atenção, o TDAH, com transtorno opositor desafiador e outros” (Entrevistado 3).

Os respondentes relataram ainda que **os pais** também necessitam de orientações e acompanhamento. “quando recebem o laudo medico indicando o CID 10, eles ficam abalados e precisam de atenção, cuidado e de orientações.” (Entrevistado 4). Assim como os pais, **os parentes e/ou responsáveis** pela criança precisam de orientações e capacitação continua. “os pais ou responsáveis pelas crianças autistas necessitam de orientações contínuas porque a relação e convívio cotidiano com a criança ampliam a efetividade dos métodos aplicados.” (Entrevistado 1), “as mães são fundamentais no processo de intervenção e precisam ser capacitadas continuamente para lidar com o comportamento atípico” (Entrevistado 3)

Também houver relato de que as **creches, berçários e escolas do maternal e infantil** solicitam continuamente a prestação de serviço do psicólogo que faz intervenção e avaliação em crianças, “.... nos ambientes de escola infantil ou creches são onde freqüentemente se percebe que o desenvolvimento da criança é atípico, as vezes me solicitam para acompanhar ou avaliar alguma criança.” (Entrevistado 3).

Fica evidente que os profissionais já trabalham essa variável do modelo, no entanto, o Canvas permite uma estruturação que faz com que novas possibilidades sejam pensadas, pois como se percebe pode haver outros tipos de segmento de clientes, a exemplo, **monetizar via canais virtuais de exposição contínua de conteúdo**, ou até mesmo o **publico formado por estudantes em busca de capacitação pratica de intervenção com o TEA**, dado que a relevância do tema é geradora de interesse público e de bastante visualização, sobretudo, em estados e cidades onde a presença de profissionais especializados é escassa.

4.2 Proposta de Valor

Em geral, os respondentes colocaram que a intervenção precoce do TEA proporciona a possibilidade de **desenvolvimento global das atividades** do paciente, **amplia a noção de socialização** das crianças, **promove a auto eficácia da intervenção**, **capacita os pais e/ou responsáveis** e **contribui com as praticas educativas e bem estar**. Para as famílias que recebem **intervenção em domicilio**, o valor **comodidade** também é bastante relevante.

Nenhum dos respondentes considera o preço como proposta de valor. “eu tenho dificuldade em estabelecer um preço... se depender de mim todos teriam atendimento, mas ficaria inviável a prestação de serviços” (Entrevistado 4). Alguns respondentes alegaram que relativizam os valores em alguns casos para que o tratamento não seja suspenso, mas sempre próximo de um patamar que viabilize a boa qualidade e continuidade da prestação do serviço.

Nesse ponto, a proposta de valor, de acordo com o Canvas pode ser extrapolada para além das que foram identificadas empiricamente via relato dos participantes. Há a possibilidade de identificação de uma ampla gama de benefícios não citados ou descrever melhor no plano, um possível exemplo de valor seria **preparar a criança para a vida escolar** que representa uma grande preocupação dos pais.

4.3 Canais

Os principais canais para divulgação relatados pelos Entrevistados foram, as **redes sociais**, em destaque o Instagram, os **grupos de pais de autista**, o **boca a boca**, as **clínicas de outras especialidades** como de terapia ocupacional, fonoaudiologia e escolas infantis. Já na perspectiva de prestação de serviços, os principais canais são sem duvidas **as mães** os **consultórios**, **os domicílios** e os canais **virtuais**. “outras profissionais sempre me conectam com novos pacientes, principalmente na região da Pampulha onde atuo, porque lá elas já me conhecem, as mães também, elas me indicam outras mães.” (Entrevistado 1).

Em relação ao canal para prestação do serviço, foram relatados que os atendimentos são realizados basicamente **pessoalmente em consultório, em domicilio e em plataformas digitais de videoconferência**.

4.4 Relacionamento com Clientes

O relacionamento de acordo com os relatos dos Entrevistados é na maioria das vezes de forma **presencial**, mas uma parcela ocorre em **meios virtuais**. Quanto à relação de **inter-pessoalidade de envolvimento**, há uma relativização que varia de família para família, “o meu relacionamento com a família é relativo, depende um pouco da perspectiva do cliente e da família, mas tenho que balancear o envolvimento para me tornar um elo da rede de apoio devido à fragilização” (Entrevistado 4), “o simples fato de eu estar dentro da casa das famílias, faz com que o envolvimento aumente bastante” (Entrevistado 3)

4.5 Fonte de Receitas

Em resposta, todos os Entrevistado cobram por hora de atendimento, sendo que, o pagamento pode ocorrer **diretamente pelo plano**, opção muito pouco aceita conforme relatos, “eu não aceito nenhum tipo de plano diretamente.” (Entrevistado 3), “... os planos são muito burocráticos e o reembolso direto é muito baixo, o que inviabiliza um atendimento de qualidade.” (Entrevistado 4). Mas todos aceitam receber **indiretamente pelo plano**, quando os pais pagam com **recursos próprios** e posteriormente encaminham os relatórios e recibos para terem reembolso pelos planos, “alguns tipos de plano reembolsam 100% do valor da hora de consulta, mesmo os que não reembolsam 100%, quando é solicitado pela família o reembolso é consideravelmente maior do que a tabela do plano ...” (Entrevistado 1).

Ao avaliar as características do modelo Canvas se permite novos questionamentos agregadores de valor para evolução de otimização e geração de novas fontes de receita, nenhum dos Entrevistados abordou sobre novos canais possíveis como fonte de geração de receitas. Seria possível monetizar por **vídeos pagos, produção de manuais comercializáveis, atendimento em grupos de forma remunerada, sublocação de espaço para outras profissionais, treinamento e capacitação para graduandos ou recém formados**.

4.6 Recursos Chave

Os recursos chaves citados pelos Entrevistados foram principalmente o **capital intelectual**, um **consultório**, **veículo para deslocamento**, **brinquedos**, **materiais didáticos e livros**. O mais marcante é o contraste de importância de alocação de recursos relatados pelos profissionais mais seniores face ao relato do profissional que esta em inicio de carreira.

Os relatos em destaque foram, “Quando eu saí da faculdade, eu achei que eu tinha que ter tudo perfeito, mas o necessário mesmo é o capital intelectual. Quando a gente ganha experiência, percebe que com poucos recursos físicos o atendimento se torna viável ...” (Entrevistado 4). “ahhh eu acho que preciso de alto investimento porque nada cai do céu, então eu preciso de um bom e equipado consultório e isso custa caro.” (Entrevistado 1). Outros recursos também citados foram **check list**, **materiais para gravar as sessões e divulgações**, **cursos e participação em eventos** da área.

4.7 Atividades Principais

A resposta mais freqüente foram **brincadeiras direcionadas**, realizar **avaliações**, **confeção de documentos e relatórios**, **suporte emergencial**, **reuniões com profissionais de outras especialidades** para alinhamento de estratégias, **visita nas escolas infantis**, **estudar constantemente**, fazer **cursos de atualização** e **participação de eventos** e **gravação de vídeos** “eu tenho que aplicar um check list e gravar as sessões para a minha supervisora avaliar e fazer correções na atuação se necessário ...” (Entrevistado 1)

4.8 Parceiros Principais

As principais parcerias relatadas foram com **psiquiatras infantis, pediatras, neuropediatras, terapeutas da fonoaudiologia, terapia ocupacional, creches e escolas infantis, dos pais, parentes e responsáveis pelas crianças** e fundamentalmente das **mães de autistas**.

Dos relatos se destacam “esse trabalho é por natureza multidisciplinar e é necessário um contato muito próximo com profissionais de outras áreas ...” (Entrevistado 4), “... a parceria com a família também é fundamental porque oferece suporte e confiança, não dá para fluir se a família não acreditar.” (Entrevistado 1). “Recebo constantemente clientes indicados pelos médicos, pela outras terapeutas, e pelas escolas ...” (Entrevistado 3).

4.9 Estrutura de Custos

Basicamente as estruturas de custos relatadas se dividiram entre os tangíveis e os intangíveis com destaque para **aluguel de sala** para montar o consultório, **mobília para o consultório, recursos didáticos e pedagógicos** que tem que ser constantemente substituídos, **manutenção, seguro do veículo e combustível**, contas de água e energia elétrica, internet, taxas e impostos para a prestação de serviços. Já os recursos intangíveis foram destacados o **tempo de deslocamento, o custo emocional** “meu lema é sempre, né, esteja bem, para que você consiga ajudar o seu próximo, mas a frase termina aqui né, esteja bem ...” (Entrevistado 3), **o desgaste** da alta demanda “... me custa muito trabalhar excessivamente” (Entrevistado 4), e **o custo de capacitação** constante “eu tenho que estudar muito, cada caso que peço embora seja parecido num contexto geral, é único, não tem um autista que seja igual ao outro e tenho que me aperfeiçoar o tempo todo.” (Entrevistado 1).

5 IMPLICAÇÕES DO ESTUDO

Essa pesquisa implica teoricamente em demonstrar (a) uma atualização em números e na forma de atuação profissional do psicólogo no Brasil considerando a importância da formação de novos psicólogos, bem como da distribuição mais proporcional destes nos estados brasileiros, (b) dos tipos possíveis de atuação do psicólogo que trabalha com intervenção de crianças atípicas e (c) das formas de prestar os serviços, seja em consultórios, em domicílio ou até mesmo de forma virtual.

Bem como em trazer a baila (d) informações a cerca da evolução do número de diagnóstico de TEA em crianças nos últimos anos, de (e) como identificar os sinais de desenvolvimento atípico em crianças com TEA, (f) os principais tipos de intervenção possíveis e características básicas de cada uma delas.

E contribuir com que futuro trabalhos possam discutir a temática que ainda é pouco abordada na literatura (g) sobre as possíveis ferramentas de gestão em serviços de saúde, lacuna que ainda não é preenchida nas publicações sobre gestão privada, tampouco na gestão da saúde pública.

Quanto às implicações práticas, o estudo abre precedente para a propositura de uma ferramenta de fácil utilização que pode contribuir tanto para (a) os estudantes de psicologia que em breve estarão atuando no mercado de trabalho, para (b) os profissionais que já estão no mercado, mas não conseguem visualizar claramente o modelo de negócio em que está inserido e por fim (c) um produto que é o BMC no contexto dos serviços de intervenção para atuar com o atendimento de crianças com TEA.

Portando é valido deixar claro que, o BMC é uma ferramenta muito aderente à atividade aqui contemplada, e a principal contribuição é a estruturação do negócio e a proposta de repensar cada fator a ser explorado de modo a otimizar os componentes de cada quadro. Um profissional que ainda não tem organizado o modelo de negócios ou aquele que ainda não sabe o que fazer e como fazer o BMC se traduz como um modelador eficiente.

Quadro 4 – Business Model Canvas aplicado para serviços de intervenção do TEA

Parceiros Principais	Atividades Chave	Proposta de Valor	Relacionamento com Clientes	Segmentos de Clientes
Psiquiatras infantis; Pediatrias; Neuro pediatrias; Terapeutas Ocupacionais e Fisioterapeutas; Fonoaudiólogos; Creches e escolas infantis; Pais; Parentes ou responsáveis.	Brincadeiras direcionadas; Avaliações; Gravação de vídeos; Confecção de documentos e relatórios; Suporte emergencial; Reunião com profissionais de outras áreas; Visitas nas escolas; Estudar constantemente; Cursos de atualização; Participação de eventos.	Desenvolvimento das habilidades pontuais e/ou globais; Ampliação da noção de socialização; Auto-eficácia da intervenção; Capacitação dos pais e/ou responsáveis; Melhoria das praticas educativas; Aumento do bem estar; Comodidade nos casos de intervenção em domicilio. Preparar a criança para a vida escolar.	Presencial; Virtual; Interpessoal relativizado. Canais de Distribuição Canais virtuais; Redes sociais; Grupos de pais de autistas. Boca a boca; Mães. Clinicas ou profissionais de outras especialidades.	Crianças com autismo; Crianças com outros diagnósticos que apresentam atrasos no desenvolvimento das habilidades; Pais, parentes ou responsáveis de crianças que necessitam de intervenção; Estudantes que necessitam de capacitação prática para futuro exercício da profissão.
Estrutura de Custos		Fonte de Receitas		
Aluguel de sala; Mobília para consultório; Recursos didáticos e pedagógicos; Manutenção, seguro do veiculo e combustível; Água e energia elétrica; internet, taxas e impostos Tempo de deslocamento; Desgaste emocional.		Direta pelo plano; Indireta pelo plano; Recursos próprios dos pais. Vídeos pagos; Produção de manuais ou guias comercializáveis; atendimento em grupos de forma remunerada; sublocação de espaço para outras profissionais; treinamento.		

Fonte: Elaborado pelos autores (2021) adaptado de Osterwalder & Pigneur (2010, p.9)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados pela pesquisa permitiram confirmar que de fato há o aumento nos diagnósticos de TEA no Brasil e no mundo, que a demanda por intervenção ainda é alta no Brasil, que há número insuficiente de profissionais da psicologia em geral e, sobretudo na área de atenção ao TEA.

Podemos considerar também que existe uma lacuna, tanto na literatura, quanto na prática da gestão em serviços de saúde mesmo com diversidade de ferramentas de Administração disponíveis. Podemos ainda inferir que o tratamento adequado requer capacitação e especialização em autismo, sobretudo nas abordagens e métodos.

Diante de tudo que foi possível identificar, a ferramenta BMC se apresenta como aderente ao uso dos profissionais da psicologia, bem como de outras áreas de atendimento da saúde e se implementadas de maneira assertiva pode gerar maior índice de sucesso para o negócio. Caracteriza-se ainda como um modelo estruturante e norteador para o negócio, permite novos olhares do que fazer e como fazer, possibilitando a otimização de diversos fatores. Apresenta-se adequada para aqueles que não sabem ainda como começar o negócio ou até mesmo para aqueles que já executam cada dimensão, mas precisa se organizar melhor ou encontrar novas perspectivas.

Por fim, podemos ressaltar que o estudo apresenta limitações, pois não explorou toda a literatura disponível. Mas por outro lado, representa um esforço inicial para sugestão de uma gama de novos estudos que possam abordar, por exemplo, a aplicação de outras importantes ferramentas da Administração que abordam os fluxos da prestação de serviços como o PDCA, o PCN dentre outras. Como também pode ser aplicado em outras especialidades como a Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Pedagogia, Gestão do Conhecimento. Podendo ainda ser realizados estudos que apresentem um aprofundamento nas abordagens do TEA e dos demais constructos possíveis.

6.1 Agradecimentos

Agradecemos à Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG, financiadora da pesquisa via bolsa de estudo em nível de doutorado.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2010). Análise de conteúdo. (1977). Lisboa (Portugal); Edições, 70, 225.
- Burmester, H., & AIDAR, M. M. (2017). *PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO E COMPETITIVIDADE EM SAÚDE-Série Gestão Estratégica de Saúde*. Saraiva Educação SA.
- Centers for Disease Control and Prevention. (2014). Prevalence of autism spectrum disorders among children aged 8 years – Autism and developmental disabilities monitoring network, 11 sites, United States, 2010. *Morbidity and Mortality Weekly Report*, 56(2), 1-24.
- Christensen, D. L., Braun, K. V. N., Baio, J., Bilder, D., Charles, J., Constantino, J. N., ... & Yeargin-Allsopp, M. (2018). Prevalence and characteristics of autism spectrum disorder among children aged 8 years—autism and developmental disabilities monitoring network, 11 sites, United States, 2012. *MMWR Surveillance Summaries*, 65(13), 1.
- Conselho Federal de Psicologia. (2012). *Tabela da Revista áreas da psicologia*.
- Conselho Federal de Psicologia. (2021). *A psicologia brasileira apresentada em números*.
- Creswell, J. W. (2010). Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. In *Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre; Artmed; 3 ed. 296
- CRPMG (2015). Conselho Regional de Psicologia. *Guia para exercício profissional da psicologia*. 4ª Ed. 2015. Revisada e ampliada.

- Cunha, E. (2016). *Autismo na Escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar*. (4a ed.), Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Fadda, Gisella Mouta, & Cury, Vera Engler. (2019). A Experiência de Mães e Pais no Relacionamento com o Filho Diagnosticado com Autismo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(spe), e35nspe2. Epub October 28, 2019.
- Ferreira Da Silva, A. C., Araújo, M. D. L., & Dornelas, R. T. (2020). A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. *Psicologia & Conexões*, 1(1).
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (Vol. 4, p. 175). São Paulo: Atlas.
- Gomes, P., Lima, L. H., Bueno, M. K., Araújo, L. A., & Souza, N. M. (2015). Autism in Brazil: a systematic review of family challenges and coping strategies. *Jornal de pediatria*, 91(2), 111-121.
- Herrera, D. C. F. (2015). El modelo Canvas en la formulación de proyectos. *Cooperativismo & Desarrollo*, 23(107), 118-142.
- Lampreia, Carolina. (2007). A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(1), 105-114.
- Locatelli, P. B., & Santos, M. F. R. (2016). Autismo: propostas de intervenção. *Revista Transformar*, 8(8), 203-220.
- Lorenzetti, J., de Melo Lanzoni, G. M., Assuiti, L. F. C., de Pires, D. E. P., & Ramos, F. R. S. (2014). Gestão em saúde no Brasil: diálogo com gestores públicos e privados. *Texto & Contexto Enfermagem*, 23(2), 417-425.
- Manual sociedade brasileira de pediatria Científico (2019), C., & Loureiro, A. A. Transtorno do Espectro do Autismo.
- Mattos, P. D. C. (2015). Tipos de revisão de literatura. *UNESP. São Paulo*, 2.
- Miranda, T. G. (2008). *As Interações Sociais na Educação de alunos com Autismo*.
- OMS (2018), *Classificação Internacional de Doenças*.
- ONU (2010). *UN News, Global perspective human stories*.
- Osterwalder, A. (2004). *The business model ontology a proposition in a design science approach* (Doctoral dissertation, Université de Lausanne, Faculté des hautes études commerciales).
- Osterwalder, A., & Pigneur, Y. (2010). *Business model canvas*. Self published. Last.
- PEREIRA, A. D. S. (2019). *Comportamento alimentar de crianças com transtorno do espectro autista (TEA)* (Bachelor's thesis).
- PratesI, Bianca Veiga, Feitosal, Ellen Araújo Lima, MonteiroI, Paulo Souza, & Brancol, Paulo Coelho Castelo. (2019). Considerações sobre a formação do psicólogo no brasil: revisão sistemática. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(2), 97-115.
- Rechtman, Raizel, & Bock, Ana Mercês Bahia. (2019). Formação do Psicólogo para a Realidade Brasileira: Identificando Recursos para Atuação Profissional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3551.
- SEBRAE (2021), *Painel de empresas data SEBRAE, 2021*.
- Tajra, S. F. (2006). *Gestão Estratégica na saúde*. Saraiva Educação SA.
- Teixeira, Gustavo. *Manual do autismo*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.
- TolezanI, M. (2010). Son-Rise uma abordagem inovadora. In.: **Revista Autismo: informação gerando ação**. São Paulo, ano 1, nº 0, p. 8-10.
- Zanon, Regina Basso, Backes, Bárbara, & Bosa, Cleonice Alves. (2014). Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 25-33.

COMPETÊNCIAS PARA SUSTENTABILIDADE: ANÁLISE DOS CURRÍCULOS DE ADMINISTRAÇÃO

COMPETENCES FOR SUSTAINABILITY:
ANALYSIS OF ADMINISTRATION CURRICULUM

LISIANE CELIA PALMA
lisiane.palma@canoas.ifrs.edu.br

VANESSA DE CAMPOS JUNGES
vanessadecamposjunges@gmail.com

SIMONE ALVES PACHECO DE CAMPOS
simone.campos@ufsm.br

RESUMO

Este estudo objetivou identificar se os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) de Administração existentes no Brasil estão orientados para o desenvolvimento de competências para sustentabilidade (CPS). Realizou-se uma pesquisa qualitativa a partir da análise do PPC e do Perfil do Egresso de 48 cursos de Administração oferecidos por instituições públicas, considerando-se o desenvolvimento das CPS. Identificou-se preocupação em relação à educação para sustentabilidade (EPS) nos cursos, pois mais da metade apresentam, ao menos, uma das CPS. Contudo, apenas um dos cursos pesquisados contempla todas as cinco competências em seu PPC, revelando um cenário desafiador. O movimento para a inclusão das competências parece esbarrar na falta de compreensão sobre o PPC, na carência de preocupação com a EPS, na permanência do paradigma funcionalista e no reforço ao isomorfismo. Portanto, instituições e cursos podem avançar seu entendimento sobre sustentabilidade e dedicar maior atenção a EPS, fortalecendo um cenário de egressos com CPS.

Palavras-chave: Educação para sustentabilidade; Competências para sustentabilidade; Cursos de Administração; Projeto Pedagógico do Curso; Perfil do Egresso.

ABSTRACT

This study aimed to identify whether the Pedagogical Projects of Administration Courses (PPC) existing in Brazil are oriented towards the development of competences for sustainability (CFS). A qualitative research was carried out based on the analysis of the PPC and the Egress Profile of 48 Business Administration courses offered by public institutions, considering the development of CPS. Concern was identified regarding education for sustainability (EFS) in the courses, as more than half have at least one of the CFS. However, only one of the courses

surveyed includes all five competencies in its PPC, revealing a challenging scenario. The movement towards the inclusion of competences seems to come up against the lack of understanding about the PPC, the lack of concern with the EFS, the permanence of the functionalist paradigm and the reinforcement of isomorphism. Therefore, institutions and courses can advance their understanding of sustainability and devote greater attention to EFS, strengthening a scenario of graduates with CFS.

Keywords: Education for sustainability; Competences for sustainability; Administration Courses; Course Pedagogical Project; Graduate Profile.

1 INTRODUÇÃO

Discussões relativas à questão ambiental, sejam voltadas a perda da biodiversidade, escassez de recursos naturais e tantos outros problemas ambientais complexos que interferem também no âmbito social, não são um tema emergente, mas sobressaem-se a pautas em todo o mundo enquanto uma questão urgente a ser resolvida. Neste cenário, tanto instituições de ensino quanto organizações passaram a ter a sustentabilidade como lema, demonstrando o seu comprometimento com práticas sustentáveis (Franco, Teixeira & De Azevedo, 2015; Holdsworth, Wyborn, Bekessy & Thomas, 2008). O presente estudo orienta o foco de análise para as Instituições de Ensino Superior (IES), partindo do pressuposto de que devem mover esforços em prol da EPS de modo holístico, para que haja uma transformação dos indivíduos enquanto seres que prezam por valores sociais, éticos e justiça social, sendo críticos e ativos na sociedade (Michel, Holland, Brunnuell & Sterling, 2020). Assim, as IES são uma fonte em que se pode promover ações de mudança sustentável que interferem positivamente na sociedade, tornando-se agentes protagonistas da transformação social (Figueiró, Da Silva & Philhereno, 2019; Menon & Suresh, 2020).

Melo e Brunstein (2014) e Menon e Suresh (2020) complementam que há um anseio crescente em um redirecionamento nas IES, desenvolvendo currículos que sejam congruentes com a finalidade da sustentabilidade. Nesta perspectiva, uma 'virada para sustentabilidade', advinda da EPS, deve ser considerada de modo global, em que é preciso não somente esforço das instituições em transformar seus discentes em agentes de uma sociedade sustentável, mas considerar que tais indivíduos carregam concepções do que é a sustentabilidade.

Diante deste contexto, emerge a reflexão sobre o ensino nos cursos de administração, na medida em que estes preparam os futuros gestores e colaboradores de organizações e instituições. Campos, Palma e Pedroso (2017) destacam que o ensino transmitido, bastante presente nos cursos da área, é mais uma produção para o mercado de trabalho do que a formação de sujeitos que buscam soluções diferenciadas. Se percebe um cenário de ensino tradicional, 'bancário' (Freire, 1987), pouco preocupado com a emancipação dos estudantes. Isso é fortalecido pelo planejamento do curso e definição do tipo de profissional que se pretende formar, o que é construído através do PPC, resultando no Perfil do Egresso que se busca formar.

Conforme De Oliveira (2016), para que a proposta do PPC seja consolidada deve ser desenvolvida coletivamente, baseada em comprometimento e empenho, a partir de uma agenda acadêmica consistente, com objetivos, metas e valores delimitados. Visto isso, destaca-se a relevância de um direcionamento para a EPS, com interesse em desenvolver nos alunos CPS, as quais fomentem ações realmente ativas e diferenciadas. Nesta perspectiva, questiona-se: *os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Administração estão orientados para o desenvolvimento*

de competências para sustentabilidade? Para tanto, o objetivo deste estudo é identificar se os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Administração existentes no Brasil estão orientados para o desenvolvimento de competências para sustentabilidade.

O artigo está organizado em mais cinco seções, após esta introdução. Nas seções dois e três é desenvolvida a construção teórica da pesquisa, em que se explora o contexto dos cursos de Administração e a EPS. Na seção quatro é apresentado o percurso metodológico. Na seção cinco é exposta a análise de dados a partir das CPS identificadas nos PPCs dos cursos de Administração e, por fim, na seção seis são destacadas as considerações finais do estudo, limitações e sugestões de pesquisas.

2 O CONTEXTO DOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO

Nos últimos tempos, tem-se notado, um movimento crescente de empresarização do ensino superior, baseada mera na comercialização do produto 'formação' ao 'aluno-cliente'. Aliado a este cenário, o alto volume de alunos nos cursos de Administração mostra que área de gestão e negócios se tornou mais atrativa, mas também que talvez sua finalidade esteja mais enfraquecida, impactando, portanto, na qualidade do ensino (Alcadipani, 2011; Becker, 2018).

Conforme Carvalho, Brunstein e Godoy (2014), é preciso desenvolver ações educativas mais consistes para que se consiga formar administradores conscientes a respeito de questões como sustentabilidade. Sobre isso, Nicolini (2003, p. 54) argumenta que se não houver o uso de pedagogias diferenciadas no ensino do curso de Administração, o mesmo ficará estagnado em uma "concepção bancária".

Isto posto, por si só os cursos da Área vêm sendo impactados por sua amplitude de abordagens, em que a universalização temática traz consigo a superficialidade, além do viés mecanicista, inerente à área, alicerçado no ideário de que o profissional da gestão deve atuar a partir do corolário da eficácia empresarial. Entretanto, na mesma medida, se faz necessário que os tais profissionais atuem de forma consciente e crítica, buscando alternativas para a complexidade de problemas relativos à sustentabilidade (Nicolini, 2003).

Para isso, é preciso que o ensino nas IES direcione os alunos a uma reflexão crítica e profunda, no sentido de desenvolver competências para sustentabilidade (Holdsworth *et al*, 2008). A transformação da lógica individualista para a coletiva e sustentável deve ser um resultado da formação de profissionais, com reflexividade crítica, comprometidos uma sociedade sustentável. Nesta perspectiva, busca-se uma transformação que gere profissionais "mais conscientes que poderão estimular e propor mudanças efetivas junto ao ecossistema do qual fazem parte, algo cada vez mais necessário em um mundo carente de profissionais que considerem o ser humano e sua relação com o ambiente que o cerca" (Figueiró *et al*, 2019).

Entretanto, há certa incompatibilidade no discurso *versus* prática quando o tema em pauta é uma direção em prol da sustentabilidade nos cursos de Administração. Conforme Melo e Brunstein (2014), embora o crescente interesse na abordagem, porém é carregada por práticas fragmentadas, ações frágeis compostas de desconfiança sobre sua finalidade. Assim, ainda que haja esforço em sala de aula, por exemplo, as transformações estão em um caminho com profundidade rasa.

Em complemento, Franco, Teixeira e De Azevedo (2015) e Becker (2018) ressaltam, embora exista o interesse em assumir uma orientação para sustentabilidade nos cursos de Administração, esta é dispersa, ocorrendo em disciplinas isoladas, de caráter optativo. Ademais, os autores retratam que alguns docentes percebem a abordagem enquanto uma questão de valores, mais individual do que coletiva, bem como a trabalham, por vezes, somente sob um viés (econômico, ambiental ou social), mas não em conjunto.

3 EDUCAÇÃO PARA SUSTENTABILIDADE

O anseio pelo desenvolvimento econômico acarretou obstáculos sociais e ambientais na sociedade. Paralelo a esse cenário, há uma transformação na própria educação, já que por muito tempo foi baseada em princípios reducionistas, ensino individualista, espaço que o indivíduo era guiado para agir em prol de propósitos individuais (Holdsworth *et al.*, 2008). Moore (2005) argumenta sobre o papel das instituições de ensino: conhecer a real situação global e criar meios para minimizá-la por meio do ensino, evitando maiores desastres sociais, ambientais ou econômicos.

Holdsworth *et al.* (2008) complementam que a educação e o ensino estão mais atrelados a como o indivíduo compreende o mundo do que com o conhecimento, isto é, envolve a capacidade de raciocinar, do caráter e da personalidade, em ter interesse na transformação para sustentabilidade. De acordo com os autores, os discentes já possuem seu caráter definido ao ingressarem nas IES, assim, as mesmas têm de criar meios para interferir nesta construção, atrelando e enfatizando questões sustentáveis. Entende-se, portanto, que a EPS pretende criar um contexto em que os docentes conduzam os discentes a um pensamento mais crítico acerca da complexidade existente entre sociedade–economia–meio ambiente (Holdsworth *et al.*, 2008; Kearins & Springett, 2003). Diante disso, instigam o desenvolvimento de habilidades e competências interdisciplinaridades, as quais deveriam ser provocadas desde os anos iniciais de ensino (Holdsworth *et al.*, 2008).

A fim de atuar em contrapartida ao ensino do *status quo*, a EPS atenta para um espaço de transformação do ensino direcionado ao ‘esverdeamento’, isto é, em prol de se formar alunos com maior consciência frente as questões ambientais, os quais atuem em busca de um contexto promissor sustentável (Kearins & Springett, 2003; Melo & Brunstein, 2014).

Para que este ensino diferenciado ocorra, a reformulação precisa constar nas estruturas curriculares dos cursos, o que abarca questões como a instituição estar realmente ativa para um pensamento sustentável (Holdsworth *et al.*, 2008; Melo & Brunstein, 2014; Moore, 2005), bem como preparar seus docentes para conduzir tais discentes, pois não há como construir ensinamentos diferenciados se estes estiverem somente na teoria (Holdsworth *et al.*, 2008; Melo & Brunstein, 2014).

Cebrián (2016) acrescenta que deve haver uma integração holística, baseada em desenvolver quatro elementos que servem de meio para instigar as instituições a tornarem-se mais direcionadas à sustentabilidade: informar, engajar, capacitar e incorporar. É possível relacionar ao presente estudo, principalmente, os aspectos engajar e incorporar, pois fazem maior referên-

cia aos discentes, com objetivo de haver inter e transdisciplinaridade, bem como transformação nos currículos em prol de um direcionamento ativo frente a resolução de questões complexas.

Moore (2005) complementa que é preciso criar formas de incluir na sala de aula orientações que insiram os alunos em uma EPS que ultrapasse seguir a estrutura curricular. Alicerçado a isso, Holdsworth *et al.* (2008, p. 134) apontam que “a chave para incorporar a alfabetização de sustentabilidade no currículo e na prática é o entendimento da linguagem e das suposições, tradições e motivações ocultas através das quais o significado e o conhecimento são construídos”. Portanto, o papel do docente torna-se ainda mais relevante, dado que se trata não somente de ser educador, mas desenvolver competências sustentáveis nos discentes, ainda que estes já tenham formado seu caráter enquanto indivíduos sociais (Holdsworth *et al.*, 2008; Tarrant & Thiele, 2016).

3.1 Competências para Sustentabilidade

O elo entre competência e sustentabilidade emerge da necessidade de se construir uma gestão diferenciada em todos os tipos de organizações (Kuzma, Doliveira, & Silva, 2017; Moore, 2005). Neste sentido, Demajorovic e Martão (2014) destacam algumas competências em prol de antecipar mudanças para um futuro sustentável, orientadas a formulação ou ‘reformulação’ de padrões educacionais. Salienta-se aqui a competência de pensar antecipadamente, trabalhar com interdisciplinaridade, possuir visão global e habilidade participativa, planejar e implementar ações, ser empático, solidário e motivador, além de ser reflexivo sobre questões individuais e culturais (Demajorovic & Martão, 2014).

Consoante ao exposto, Kuzma *et al.*, (2017) ressaltam três aspectos que envolvem as CPS, quais sejam: competência de compreender a interdependência organização-sociedade (relações internas e dinâmicas sociais, visão diferenciada do mundo); competência de superar a diversidade (construir equipes de trabalho que visam encontrar soluções para a complexidade do ambiente); competência de dialogar com os *stakeholders* (criar um espaço em que as decisões sejam comuns e todos possuam o mesmo propósito).

Destaca-se a necessidade do pensamento sistêmico, a capacidade de análise do ambiente e de seguir normas existentes, e a capacidade de desenvolver estratégias sustentáveis e motivar o grupo em prol de implementações (Jacobi, Rauffelt & Arruda, 2011; Stefano & Alberton, 2018; Tarrant & Thiele, 2016; KUZMA *et al.*, 2017). Ademais, Jacobi *et al.*, (2011) pontuam a aptidão para alavancar um fim sustentável, sendo: visão de futuro, pensamento crítico e reflexivo, pensamento sistêmico frente as complexidades do ambiente, construção de parcerias em busca da criação de cenários coletivos e empoderamento dos indivíduos com base em participações coletivas.

Neste escopo, Tarrant e Thiele (2016) sublinham a importância da habilidade de pensamento crítico e sistêmico, no sentido de instigar a reflexão investigativa, integrativa e holística, para que o discente consiga ser inovador e preze por valores, analisando as possibilidades existentes de forma coletiva. Aponta-se também a habilidade de comunicação e colaboração, que promove maior empoderamento ao discente enquanto agente de mudança, baseando-se no princípio de aprendizado contínuo e adaptável ao longo da vida.

Ainda, Wals e Schwarzin (2012) salientam enquanto CPS sete elementos: (i) escuta empática: 'ouvir' e se envolver em discursos fundamentalmente diferentes do seu próprio; (ii) suspensão: adotar uma postura de 'observador interno' que permite colocar julgamentos e reações emocionais ou automáticas 'em espera' e contribuir para a conversa apenas quando relevante; (iii) desaceleração: esforço conjunto para abrandar a conversa e interagir de maneira tão calma quanto possível; (iv) assertividade: expressar opinião e ponto de vista de maneira clara, objetiva e transparente, sem sentir ou causar constrangimentos; (v) criticidade: examinar criticamente suas contribuições e as dos outros; (vi) diversidade: lidar de forma construtiva com os pontos de vista e perspectivas complexas e conflitantes; (vii) *gestaltswitching*: retroceder e avançar entre as diferentes mentalidades ou perspectivas.

Isto posto, compreende-se que o objetivo das CPS reside em desenvolver indivíduos com prontidão sustentável frente as adversidades, sendo a instituição protagonista nesta quebra paradigmática. Diante disso, a formação deve levar em consideração competências voltadas a valores sociais e ambientais, visão coletiva, pensamento preventivo, sistêmico, integrativo e interdisciplinar. O Quadro 1 foi construído com base no desenvolvimento teórico desta subseção, a fim de elencar as CPS com base nos diferentes autores citados.

Quadro 1 – Síntese das CPS

Competência	Descrição	Autores
Pensamento Sistêmico	Analisar coletivamente sistemas complexos em diferentes domínios (sociedade, meio ambiente, economia) e escalas (do local ao global), considerando efeitos em cascata, inércia, <i>feedback</i> e características sistêmicas relacionadas a sustentabilidade e estruturas de resolução de problemas de sustentabilidade. O indivíduo deve ser capaz de desenvolver uma análise ambiental que concilie do individual ao coletivo, bem como considere aspectos sociais, econômicos, ambientais, políticos e culturais. Por fim, deve visualizar tais aspectos de modo interdisciplinar, compreendendo enquanto cenários globais relacionados a sustentabilidade.	Demajorovic e Martão (2014), Jacobi, Raufflet e Arruda (2011), Kuzma, Doliveira e Silva (2017), Tarrant e Thiele (2016); Stefano e Alberton (2018) e Wals e Schwarzin (2012).
Antecipatória	Envolve analisar, avaliar e criar coletivamente imagens do futuro relacionadas a sustentabilidade e <i>frameworks</i> de resolução de problemas. Inclui ser capaz de compreender e articular na sua estrutura componentes-chaves e dinâmicas; se refere às habilidades comparativas de criar e integrar habilidades criativas e construtivas. Logo, é preciso criar meios de analisar o ambiente e prever soluções ou possíveis problemas que poderão ocorrer, desenvolvendo formas para resolver tais adversidades relativas à sustentabilidade. Portanto, é preciso ser um constante observador que intervém quando conveniente, oferecendo diagnósticos passíveis de aplicação com base sustentável.	Demajorovic e Martão (2014), Kuzma, Doliveira e Silva (2017) e Wals e Schwarzin (2012).
Normativa	Mapear, especificar, aplicar, conciliar e negociar coletivamente valores, princípios, objetivos e metas da sustentabilidade. Permite, inicialmente, avaliar coletivamente a insustentabilidade dos atuais e/ou futuros estados de sistemas socioecológicos e, posteriormente, criar e elaborar coletivamente visões de sustentabilidade para estes sistemas. Essa capacidade é baseada no conhecimento normativo, incluindo conceitos de justiça, equidade, integridade social-ecológica e ética. O indivíduo deve atuar enquanto sujeito que respeita as normas sociais vigentes, corroborando ao que se espera de um cidadão ativo, e buscar soluções para normas que acredita serem contra os pressupostos da sustentabilidade.	Jacobi, Raufflet e Arruda (2011), Kuzma, Doliveira e Silva (2017), Tarrant e Thiele (2016), Stefano e Alberton (2018) e Wals e Schwarzin (2012).

Competência	Descrição	Autores
Estratégica	Projetar coletivamente e implementar intervenções, transições e estratégias de governança transformadora em direção à sustentabilidade. Requer uma compreensão íntima de conceitos estratégicos como a intencionalidade, inércia sistêmica, barreiras e alianças; conhecimento sobre a viabilidade, eficácia, eficiência de intervenções sistêmicas, bem como o potencial de consequências não intencionais. Envolve familiaridade com situações e relacionamentos do mundo real, entendimento político, posições desafiadoras, sendo capaz de resolver problemas logísticos, dentre outros. Pressupõe uma postura aberta para o coletivo, desenvolvendo pensamentos críticos e reflexivos para planejar e implementar ações coletivamente que resolvam as adversidades e complexidades em prol da sustentabilidade.	Demajorovic e Martão (2014), Jacobi, Raufflet e Arruda (2011), Kuzma, Doliveira e Silva (2017), Tarrant e Thiele (2016); Stefano e Alberton (2018) e Wals e Schwarzin (2012).
Interpessoal	Motivar, capacitar e facilitar a pesquisa de sustentabilidade e resolução de problemas colaborativamente. Inclui habilidades de comunicação, deliberação, negociação, colaboração, liderança, pensamento pluralista e transcultural, e empatia. Todas estas capacidades são particularmente importantes para a colaboração bem-sucedida dos <i>stakeholders</i> e uma necessidade para a maioria das competências anteriores. Assim, a partir do entendimento de que a aprendizagem é um processo contínuo, desenvolve-se laços de comunicação e colaboração com outros indivíduos a fim de que se consiga motivar e participar ativamente em busca de um ambiente voltado a sustentabilidade. Trata-se de ser empático, solidário e empoderado, pensando não somente individualmente, mas no bem coletivo com o intuito de criar espaços de mudança e desenvolvimento coletivo sustentável.	Demajorovic e Martão (2014), Jacobi, Raufflet e Arruda (2011), Kuzma, Doliveira e Silva (2017), Tarrant e Thiele (2016), Stefano e Alberton (2018) e Wals e Schwarzin (2012).

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Frente ao exposto, percebe-se o quanto são abrangentes as CPS, tendo como enfoque a competência do pensamento sistêmico, antecipatória, normativa, estratégia e interpessoal. Além disso, fica evidente a complexidade de desenvolver tais CPS, sendo um desafio aos cursos de administração, ao passo que são também uma necessidade.

4 MÉTODO

O presente artigo trata-se de um estudo qualitativo e descritivo. Para isso recorreu-se ao site do Ministério da Educação a fim de identificar as IES públicas que possuíam cursos de Administração. A pesquisa foi feita sob o escopo avançado, com os filtros por curso de graduação em Administração e Administração Pública, oferecido na modalidade presencial, em instituições ativas no Brasil. Posterior a isso, elencou-se todas as IES e buscou-se em seus *websites* institucionais os PPCs correspondentes. Ampliando a base de dados, num segundo momento foi feito contato por *e-mail* e/ou telefone com os cursos de Administração cujos PPCs não foram encontrados nos *websites*. Sendo assim, compuseram a amostra 48 cursos de Administração oferecidos por 34 instituições, conforme o Quadro 2. Salienta-se que, em algumas das instituições investigadas, o curso é oferecido em mais de um *campus*, bem como em mais de um turno, podendo ter mais de um curso por IES.

Quadro 2 - Instituições investigadas

Instituições	Número de Cursos de Administração	Estado	Região
UFGD	1	MS	Centro-Oeste
UFMT	1	MT	Centro-Oeste
UFAL	2	AL	Nordeste
UFBA	1	BA	Nordeste
UFC	2	CE	Nordeste
UFPE	1	PE	Nordeste
UFPI	1	PI	Nordeste
UFERSA	1	RN	Nordeste
UNIFAP	1	AP	Norte
UNIR	2	RO	Norte
UFRR	1	RR	Norte
IFTO	1	TO	Norte
IFES	2	ES	Sudeste
IFSEMG	2	MG	Sudeste
UFJF	1	MG	Sudeste
UFU	1	MG	Sudeste
UFVJM	1	MG	Sudeste
UNIFAL	1	MG	Sudeste
IF Sul de Minas	1	MG	Sudeste
UNIRIO	1	RJ	Sudeste
IFSP	1	SP	Sudeste
UFSCAR	2	SP	Sudeste
UNIFESP	1	SP	Sudeste
USP	1	SP	Sudeste
IFPR	1	PR	Sul
FURG	1	RS	Sul
IF Farroupilha	4	RS	Sul
UFFS	2	PR e RS	Sul
UFLA	2	RS	Sul
UFPEL	1	RS	Sul
UFPR	1	PR	Sul
UFSM	4	RS	Sul
UNILA	1	PR	Sul
UNIPAMPA	1	RS	Sul

Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2021).

Os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo, seguindo os procedimentos de Bardin (2016): (i) pré-análise, (ii) exploração do material e (iii) tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Na primeira etapa realizou-se a leitura do material recolhido (PPC e Perfil do Egresso) e detalhou-se informações a respeito do curso e da IES envolvida em uma planilha do *Microsoft office Excel*. Na segunda etapa, os materiais foram codificados de acordo com as categorias desenvolvidas a priori (Quadro 3), as quais foram criadas com base no objetivo do estudo e amparadas pela construção teórica. Na terceira etapa os materiais foram codificados de acordo com as particularidades de cada categoria (características), a fim de averiguar se havia ou não consonância entre as competências elencadas nos documentos com o arcabouço teórico relativo à temática da EPS e CPS.

Quadro 3 – Categorias analíticas

Categoria de Competência	Características	Autores
Pensamento Sistêmico	Compreender a sustentabilidade de modo interdisciplinar; possuir visão global/holística sustentável; analisar o ambiente do individual ao coletivo em prol de ações sustentáveis.	Demajorovic e Martão (2014), Jacobi, Raufflet e Arruda (2011), Kuzma, Doliveira e Silva (2017), Tarrant e Thiele (2016); Stefano e Alberton (2018) e Wals e Schwarzin (2012).
Antecipatória	Pensar antecipadamente baseando-se na sustentabilidade, atuar como um observador interno.	Demajorovic e Martão (2014), Kuzma, Doliveira e Silva (2017) e Wals e Schwarzin (2012).
Normativa	Seguir normas sociais com base sustentável.	Jacobi, Raufflet e Arruda (2011), Kuzma, Doliveira e Silva (2017), Tarrant e Thiele (2016), Stefano e Alberton (2018) e Wals e Schwarzin (2012).
Estratégica	Planejar/implementar ações sustentáveis; superar adversidades coletivamente tendo como base princípios sustentáveis; ser crítico e reflexivo em busca da sustentabilidade efetiva na sociedade.	Demajorovic e Martão (2014), Jacobi, Raufflet e Arruda (2011), Kuzma, Doliveira e Silva (2017), Tarrant e Thiele (2016); Stefano e Alberton (2018) e Wals e Schwarzin (2012).
Interpessoal	Usar a empatia, solidariedade, motivação, participação e empoderamento, comunicação e colaboração enquanto meio para promover a sustentabilidade.	Demajorovic e Martão (2014), Jacobi, Raufflet e Arruda (2011), Kuzma, Doliveira e Silva (2017), Tarrant e Thiele (2016), Stefano e Alberton (2018) e Wals e Schwarzin (2012).

Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2021).

Portanto, na próxima seção é exposta a análise dos dados do presente artigo, o qual teve como base para seu desenvolvimento, o percurso metodológico aqui evidenciado.

5 PANORAMA DAS COMPETÊNCIAS PARA SUSTENTABILIDADE NOS PROJETOS PEDAGÓGICOS DOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO

Os PPCs refletem o planejamento do tipo de ensino que se quer oportunizar aos discentes, tendo em vista o Perfil do Egresso desejado. Em cursos de Administração, é comum que o objetivo seja formar indivíduos ativos, estratégicos e preparados para enfrentar complexidades. Entretanto, ao interrelacionar este perfil de administrador às questões relativas à sustentabili-

dade, o resultado é preocupante. Ao buscar a relação com a sustentabilidade, ainda que esta fosse mínima, o resultado revelou que 17 cursos (35,42%) investigados tratam sobre uma boa atuação do administrador, mas não envolvem sequer termos relacionados a sustentabilidade em seu PPC ou Perfil do Egresso. O Quadro 4 apresenta o panorama geral dos cursos que apresentaram ao menos uma competência, por IES, pontuando o número de CPS identificadas.

Quadro 4 - Número de CPS identificadas nos PPCs de cada curso

Instituições	Número de Competências para Sustentabilidade encontradas nos PPCs
IF Farroupilha - Frederico Westphalen	4
IF Farroupilha - Júlio de Castilhos	4
IF Farroupilha - Santa Rosa	4
IF Farroupilha - São Vicente do Sul	4
IFSEMG - Rio Pomba	2
IF Sul de Minas	4
IFSP	2
IFTO	3
UFBA	1
UFFS - Chapecó	3
UFGD	1
UFLA	5
UFPI	1
UFPE	4
UFPEL	2
UFRR	1
UFSCAR - Campina do Monte Alegre	3
UFSCAR - Sorocaba	3
UFU	3
UFVJM	1
UNIFESP	1
UNIPAMPA	3
UNIR - Guajará-Mirin	1
UNIR - Cacoal	1
USP	1
UFSM - Palmeira das Missões	1
UFSM - Santa Maria	2
UFSM - Palmeira das Missões	1
UFSM - Santa Maria	1
UFLA	4
UNIRIO	2

Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2021) com base nos PPCs e Perfil do Egresso investigados.

Observa-se que, dos 48 cursos analisados, apenas um apresenta as cinco CPS consideradas neste estudo, e outros sete cursos apresentam quatro CPS (totalizando, os oito cursos, apenas 16% do total pesquisado). Por outro lado, em 12 cursos (25%) foram identificadas apenas uma CPS. Dessa forma, ao se somar esse resultado aos 17 cursos em que não foram identificadas competências, percebe-se que, mais da metade dos PPCs aqui analisados (60,42%) não aborda à EPS.

Ao analisar separadamente cada competência, identificou-se que a **competência de pensamento sistêmico** é pontuada por 17 dos 48 cursos, os quais se destacam por apresentarem uma preocupação mais ativa entre a competência e a sustentabilidade, uma vez que há esforços em explicarem como pretendem efetivar na prática tal busca. Assim, elencam-se os cursos das IES que apresentam documentos mais consistentes: IF Sul de Minas, UFPE, UNIPAMPA, IFSEMG (Rio Pomba), UFPEL, UFFS (Chapecó), UFLA (curso de Administração), UFLA (curso Administração Pública), UFU e UFSM.

Percebe-se que os documentos dos cursos vão ao encontro do argumento de Tarrant e Thiele (2016), que destacam a competência como forma de reflexão holística, baseada em valores a fim de criar possibilidades coletivas. Este entendimento é compartilhado também por Wiek, Withycombe e Redman (2011), que enfatizam a necessidade de se analisar em diferentes escalas os contextos sociais. Todavia, a maioria dos cursos (os demais trinta e um) nem sequer fazem referência a competência de pensamento sistêmico sob um entendimento de EPS, o que acaba por gerar dúvidas a respeito sua efetividade.

Em relação a **competência antecipatória**, sete dos 48 cursos a vinculam a sustentabilidade. Entre estes, os que o fazem de forma mais consistente, revelando um entendimento de que há uma ação prática são: IF Sul de Minas, UFLA (curso de Administração) e UFLA (curso de Administração Pública). Entende-se que a competência antecipatória reflete parte do que se espera do perfil do administrador, de forma geral, visto que pois pressupõe 'pensar antecipadamente e ser observador interno'. É possível ponderar que, por este motivo, a competência antecipatória esteja de modo implícito nos PPCs quando estes se referem a sustentabilidade. Contudo, a capacidade de analisar o ambiente e prever soluções a problemas complexos sendo observador contínuo baseado na sustentabilidade (Demajorvic & Martão, 2014; Kuzma *et al.*, 2017; Wals & Schwarzin, 2012) representa um *gap* que deveria ser utilizado e proposto nos documentos analisados, em virtude do entendimento do que é um administrador.

Sobre a **competência normativa**, averiguou-se que 25 dos 48 cursos de Administração a apresentam em seus documentos. Destacam-se por apresentar de forma mais clara tal competência em seus PPCs as seguintes IES: IF Sul de Minas, UFPE, IFSEMG (Rio Pomba), UNIPAMPA, UFFS (Chapecó), UFLA (curso de Administração), UFLA (curso de Administração Pública), UFPEL, UFVJM, UNIFESP, UFSCAR (Campina do Monte Alegre), UFU, UNIRIO e UFSM

Constata-se que essas IES trazem argumentos que estão em consonância com Jacobi *et al.*, (2011), Kuzma *et al.* (2017), Tarrant e Thiele (2016), Stefano e Alberton (2018), Wals e Schwarzin (2012) e Wiek *et al.* (2011), dado que reforçam a relevância da justiça, ética e valores sociais. Porém, os autores vão além, destacando a necessidade de se pensar coletivamente e promover ações contra normas que não sigam os pressupostos da sustentabilidade. Assim, visualiza-se que o entendimento da competência é encontrado em fragmentos, com predominância na atuação responsável com base na responsabilidade social.

Ao investigar a **competência estratégica** identificou-se que, dos 48 cursos, apenas 11 fazem menção dela. Com maior enfoque, revelam-se os cursos das seguintes IES: IF Sul de Minas, UFPE, UFFS (Chapecó), UFSCAR (Campina do Monte Alegre) e UFLA (curso de Administração). A análise mostrou que os PPCs estão em conformidade com os argumentos de Demajorovic e Martão (2014), Jacobi *et al.*, (2011), Kuzma *et al.* (2017), Tarrant e Thiele (2016), Stefano e Alberton (2018), Wals e Schwarzin (2012) e Wiek *et al.*, (2011), os quais defendem a relevância de ações bem planejadas, pautadas em um raciocínio voltado à sustentabilidade em prol de intervir de forma consciente visto a complexidade do ambiente.

Por fim, a **competência interpessoal** foi apontada em 13 PPCs e é destacada com maior relevância sobre a temática das CPS pelos cursos das instituições: UFPE, UNIPAMPA, UFBA, UFSCAR (Campina do Monte Alegre), UFLA (Administração), UFLA (Administração Pública) e UFU. Evidenciou-se, com base nos documentos das instituições, congruência ao entendimento de Demajorovic e Martão (2014), Jacobi *et al.* (2011), Kuzma *et al.* (2017), Tarrant e Thiele (2016), Stefano e Alberton (2018) e Wals e Schwarzin (2012), pois parte-se da lógica de que a aprendizagem é um processo contínuo e um bom administrador deve colaborar, participar e promover um ambiente coletivo baseado na sustentabilidade, através de empatia, solidariedade e empoderamento.

Por outro lado, vale ressaltar que, as competências de pensamento sistêmico, antecipatória, normativa, estratégica, bem como interpessoal, sem menção à questão da sustentabilidade, foram identificadas em todos os PPCs e Perfis do Egresso. Entretanto, uma vez que se busca um direcionamento em prol da EPS, relacionar tais competências à sustentabilidade torna-se fundamental. Contudo, como observado, não é o que se encontra na maioria dos PPCs analisados. Isso corrobora ao que afirmam Carvalho, Brunstein e Godoy (2014), em relação aos cursos de Administração: apesar de haver um movimento em curso das escolas de ensino superior em todo o mundo, falta ainda “a construção de ações educativas mais robustas no que diz respeito a formar uma nova geração de administradores preparados para responder às exigências de uma lógica sustentável” (Carvalho *et al.*, 2014, p. 114). Visto isso, o Quadro 5 sintetiza os resultados encontrados neste estudo apresentando o somatório total de PPCs em que foram identificadas CPS. Salienta-se que dos quarenta e oito PPCs analisados, as competências pesquisadas foram encontradas somente em 64,58% dos cursos de Administração e Administração Pública pesquisados.

Quadro 5 – Competências orientadas a sustentabilidade nos PPCs e Perfil do Egresso dos cursos de administração

Competência	Número de PPCs que apresentam a Competência	Número de PPCs que não apresentam nenhuma das competências	PPC que apresenta todas as Competências
Pensamento Sistêmico	17	17	PPC do curso de Administração da UFLA
Antecipatória	7		
Normativa	25		
Estratégica	11		
Interpessoal	13		

Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2021).

Os achados tornam possíveis algumas inferências. A competência que mais se destaca é a normativa, que trata de ser capaz de seguir normas sociais. Uma maior atenção ao desenvolvimento desta competência pode refletir em uma maior preocupação da IES em formar indivíduos dentro de um padrão. Aqui, pode-se fazer inclusive menção ao proposto por Nicolini (2011) acerca das fábricas de administradores. Ao enfatizar em profissionais competentes em seguir regras, não se abre a possibilidade de discuti-las, ainda mais quando essa competência não está sendo desenvolvida segundo um ponto de vista da sustentabilidade.

A competência de pensamento sistêmico é também evidente nos PPCs, o que revela congruência positiva entre a formação do profissional da área de Administração e a sustentabilidade. À medida que se consegue realizar essa ligação, é possível formar sujeitos com visão holística e coletiva para solucionar problemas acerca da sustentabilidade. Ressalta-se que as competências antecipatória, estratégica e interpessoal são menos presentes, mas ainda parece existir certa preocupação em desenvolvê-las. Destaca-se que a competência antecipatória deveria ser mais abordada, pois a busca pela formação de um profissional da administração como um sujeito visionário, que cria e modifica cenários com base em uma lógica sustentável pode ser de grande valia para o alcance do desenvolvimento sustentável. Pontua-se ainda o elevado número de cursos (35,42%) que não fazem menção a termos relativos à sustentabilidade, o que torna explícito a falta de preocupação com a EPS.

Salienta-se também uma certa padronização nos PPCs e Perfis do Egresso, encontrando-se documentos praticamente idênticos em IES diferentes. Diante disso, é possível refletir sobre o mimetismo que comumente se percebe ao ler tanto o PPC quanto o Perfil do Egresso dos cursos de Administração. Tal achado pode ser um sinal de que algumas instituições não dedicam o tempo e a importância suficiente à construção de tais documentos, refletindo o provável enfoque no uso de pedagogias embasadas numa 'concepção bancária' preocupada em formar em massa para o mercado, reproduzindo um padrão visto nos cursos da área de Administração.

Tal cenário se mostra ineficiente quando o assunto é a sustentabilidade, que exige a formação de profissionais críticos e conscientes do seu papel enquanto agentes transformadores. Para alcançar tal estágio é preciso que as IES percorram um processo de conscientização, partindo de uma real reflexão e construção dos seus PPCs, os adequando aos desafios da sustentabilidade que exigem profissionais com competências voltadas a esse cenário. Com base no exposto, desenvolveu-se o Quadro 6, que apresenta um levantamento das IES que mais se destacaram por possuírem um PPC e Perfil do Egresso consistente em relação a sustentabilidade e suas competências.

Quadro 6 - IES cujos PPCs apresentam maior coerência em relação a sustentabilidade

Instituição	Região
IFSEMG - Rio Pomba	Sudeste - MG
IF Sul de Minas	Sudeste - MG
UFU	Sudeste - MG
UFVJM	Sudeste - MG
UNIRIO	Sudeste - RJ
UFSCAR - Campina do Monte Alegre	Sudeste - SP
UNIFESP	Sudeste - SP
UFFS - Chapecó	Sul - PR
UFLA	Sul - RS
UFPEL	Sul - RS
UFSM - Santa Maria	Sul - RS
UNIPAMPA	Sul - RS
UFBA	Nordeste - BA
UFPE	Nordeste - PE

Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2021) com base nos PPCs e Perfil do Egresso investigados.

Percebe-se que a região Sudeste representa parte considerável da localização das IES. Posteriormente, destacam-se a região Sul e Nordeste, respectivamente. Assim, evidencia-se que parece haver um predomínio de instituições localizadas em determinadas regiões que apresentam maior interesse em desenvolver PPCs direcionados à sustentabilidade.

Torna-se ainda importante apresentar um achado que, embora secundário, traz importantes consequências no que tange às preocupações trazidas no presente estudo. A partir da análise dos PPCs de alguns cursos, observou-se que, embora houvesse referência à sustentabilidade, o termo era utilizado em referência à sustentabilidade empresarial enquanto estabilidade do negócio, ou seja, à sustentabilidade financeira. Este comportamento foi identificado em seis cursos (que serão referenciados por IES com nomenclatura fictícia: IES X, Y e Z), sendo que quatro pertencem a mesma instituição. Nestes, ainda que se tenha referência direta à sustentabilidade tanto no PPC quanto no Perfil do Egresso, trazem implicitamente o entendimento de sustentabilidade como crescimento do negócio, conforme exposto nos trechos: IES X: "(...) formar profissional que possa contribuir na construção e implementação de estratégias, táticas e processos competitivos e inovadores, voltados à **viabilidade e sustentabilidade das organizações** (...)"; IES Y: "(...) Aperfeiçoar a reflexão sobre a **sustentabilidade empresarial** atendendo também à expectativa de remuneração de seu capital (...)"; IES Z: "formar profissionais que, com caráter e consciência crítico-construtiva, consigam construir e implementar estratégias, táticas e processos competitivos e inovadores, voltados à **viabilidade e sustentabilidade das organizações** (...)".

Assim, contrário à maioria dos cursos, o estudo identificou o curso de Administração da instituição UFLA carrega um discurso consistente e que foge ao padrão, apresentando de fato as cinco CPS em seu PPC. Tal achado corrobora com o argumento anterior sobre o interesse na sustentabilidade em IES que fazem partes de determinadas regiões, haja vista que a UFLA se

localiza no estado do Rio Grande do Sul. O Quadro 7 foi desenvolvido a fim de destacar trechos dos PPCs e Perfil do Egresso dos cursos que apresentam ao menos quatro competências e as abordam de modo diferenciado.

Quadro 7 – Síntese das IES que possuem PPCs diferenciados no que diz respeito às CPS

IES/Competências	Trecho
<p>UFLA – Administração</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pensamento Sistêmico ▪ Antecipatória ▪ Normativa ▪ Estratégica ▪ Interpessoal 	<p>PPC: O administrador deve ser um profissional com domínio conceitual, capacidade empreendedora e responsabilidade ambiental e social. Para tanto, espera-se que o egresso seja capaz de: internalizar valores de responsabilidade social, justiça e ética profissional; ter formação humanística e visão global que o habilite a compreender o meio social, político, econômico e cultural onde está inserido e a tomar decisões em um mundo diversificado e interdependente.</p> <p>Perfil do Egresso: um profissional com capacidade de raciocínio abstrato que reflita a heterogeneidade das demandas sociais, que pense e repense o contexto geral dos negócios, a fim de produzir e divulgar novos conhecimentos, tecnologias, serviços e produtos; que renove continuamente suas competências em um processo de aprendizado autônomo e contínuo; que empreenda formas diversificadas de atuação profissional, atuar inter/multi/transdisciplinarmente, de forma inovadora e estar comprometido com a sociedade e preservação da biodiversidade no ambiente natural e construído, com sustentabilidade e melhoria da qualidade de vida das futuras gerações, valorizando a gestão participativa e os princípios éticos e solidariedade, enquanto ser humano, cidadão e profissional e, por fim, buscar maturidade, sensibilidade e equilíbrio ao agir profissionalmente.</p>
<p>IF Sul de Minas</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pensamento Sistêmico ▪ Antecipatória ▪ Normativa ▪ Estratégica 	<p>PPC: Atuar promovendo a inclusão social com criatividade e inovação, e desenvolver programas de Gestão Ambiental, visando além dos interesses econômicos das empresas, as questões éticas, de cidadania, responsabilidade social e sustentabilidade. Assim, o Curso [...] procurará proporcionar aos seus discentes, competências e habilidades convergentes para uma visão mais humanística de mundo, para a internalização de valores de responsabilidade social, justiça e ética profissional, sendo assim comprometidos com a sua formação profissional, ajudando-os a desenvolver habilidades de raciocínio lógico, crítico e analítico, além de compreender o todo administrativo, interrelacionado com as diferentes áreas do conhecimento administrativo e ainda ajudar para que o aluno consiga interpretar situações administrativas com significativo argumento técnico-científico e realizar ações empreendedoras à partir de uma leitura no meio social, político, econômico e cultural.</p>
<p>UFPE</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pensamento Sistêmico ▪ Normativa ▪ Estratégica ▪ Interpessoal 	<p>PPC: Tomando como ênfase a formação de gestores capazes de empreender negócios sustentáveis, com foco no pequeno negócio como estágio inicial empresarial, o Curso de Administração propõe trabalhar as seguintes competências e habilidades: Identificar a importância da problemática sociocultural e ambiental para a implementação de ações de desenvolvimento empresarial sustentável; Conhecer e adequar processos de produção que desenvolvam a empresa e conservem o meio ambiente; Adotar uma postura profissional propositiva, compatível com valores éticos e socialmente responsáveis no ambiente de trabalho; (...)Fomentar a autodeterminação como sujeito autônomo, reflexivo, ético, socialmente responsável e inovador, dotado de visão crítica do contexto no qual vive e trabalha.</p> <p>Perfil do Egresso: formação de administradores competentes, éticos e comprometidos com o desenvolvimento sustentável, por meio de sua atuação nas organizações.</p>
<p>UFLA – Administração Pública</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pensamento Sistêmico ▪ Antecipatória ▪ Normativa ▪ Interpessoal 	<p>Perfil do Egresso: internalizar valores de responsabilidade social, justiça e ética profissional; desenvolver visão holística e global que o habilite a compreender o meio social, político, econômico e cultural onde está inserido e a tomar decisões em um mundo diversificado e interdependente; atuar na administração das organizações com habilidades técnicas e científicas e competência para empreender e trabalhar em equipes interdisciplinares, antecipando e promovendo suas transformações e com capacidade de compreensão da necessidade do contínuo aperfeiçoamento profissional e no desenvolvimento da autoconfiança, devendo proporcionar sólido conhecimento para compreender os temas de interesse público, refletidos em agendas sociais e que venham justificar a implementação de políticas.</p>

Frente a isso, considerando o objetivo do presente artigo, percebe-se um movimento por parte de alguns cursos de administração em desenvolverem um PPC alinhado com as CPS, mesmo havendo um longo caminho a ser desenvolvido. Na base de dados utilizada aqui, considerou-se um total de 48 cursos que envolvem 34 instituições, em que somente 5 podem ser entendidos enquanto diferenciados, sendo dois cursos de uma mesma instituição, evidenciando um cenário que deve ser melhor explorado. Logo, na próxima seção são expostas as considerações finais do estudo, obtidas a partir da análise desenvolvida nesta seção.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo identificar se os Projetos Pedagógicos dos cursos de Administração brasileiros estão orientados para o desenvolvimento de competências para sustentabilidade. Identificou-se a existência de ao menos uma CPS na maioria dos PPCs dos cursos investigados, o que demonstra uma preocupação, mesmo que incipiente, em relação à inserção temática da sustentabilidade no currículo. Entretanto, 17 dos 48 cursos pesquisados não mencionam em seus PPCs termos relacionados à sustentabilidade, demonstrando a inexistência de um enfoque na EPS em um percentual considerável de cursos (35,42%). Somando-se ao número de cursos em que apenas uma competência da sustentabilidade foi encontrada, tem-se um total de 29 cursos (60,42% dos cursos investigados) cuja temática da sustentabilidade não permeia o PPC ou aparece de modo superficial nesse documento que estabelece as diretrizes e o Perfil do Egresso do curso.

Destaca-se que dentre as quarenta e oito IES públicas investigadas, somente o curso de Administração da UFLA apresenta as cinco CPS sendo elas: pensamento sistêmico, antecipatória, normativa, estratégica e interpessoal. Ademais, pontua-se que esta IES se encontra no estado do Rio Grande do Sul, assim como parte da parcela de instituições que mais se destacam, ficando logo após as instituições da região Sudeste.

Evidencia-se que há um movimento dos cursos de modo a incluir a sustentabilidade, contudo parece ser quase que um movimento isomórfico mimético em busca de legitimidade, ou seja, não é claro se as IES realmente contemplam essa preocupação ou se demonstram estar preocupadas como forma de garantir legitimidade no ambiente institucional. Argumenta-se isso, uma vez que as IES possuem consciência da necessidade de se direcionar em prol de uma EPS, o que as impulsiona a fazer o que outras instituições também promovem. Porém, quando se analisa o PPC ou Perfil do Egresso percebe-se que a descrição não é pormenorizada, há dúvidas se é posto em prática ou se trata somente um discurso positivo.

É possível destacar com os achados do estudo que, por vezes, parece que há uma falta de compreensão sobre o que é realmente um PPC e sua relevância para o curso, o que impacta diretamente na formação dos profissionais da área de Administração. Tal contexto reflete a necessidade da atuação do docente nesta construção, seja no PPC e/ou Perfil do Egresso, em vista de que sejam desenvolvidas ações em direção a EPS que conduza os discentes e futuros administradores ao desenvolvimento de CPS.

Todavia, enquanto houver maior preocupação em formar alunos para o mercado de trabalho do que no ensino em si, o paradigma funcionalista permanecerá sob a pirâmide, reforçado pelo isomorfismo que é criado entre as IES e cursos de Administração. Como contribuições, o estudo apresenta o contexto dos cursos de Administração ofertados por instituições públicas no Brasil referente aos esforços em orientar-se a desenvolver CPS com base em seus PPCs e Perfil do Egresso. Tais achados podem ser utilizados pelas IES a fim de revisarem e reformularem seus PPCs, direcionando-os para um pensamento sustentável holístico.

Salienta-se que, ao analisar se os PPCs dos cursos de Administração buscam desenvolver CPS, evidenciou-se um cenário desafiador para os estudiosos da ciência da administração, bem como docentes, discentes e demais profissionais da área: embora mais da metade dos cursos pesquisados apresentem ao menos uma das CPS – o que demonstra já haver alguma preocupação mesmo que incipiente em relação à EPS nesses cursos – ainda é preciso avançar. Se, de fato, tais cursos desejam contribuir para a formação de profissionais que sejam agentes de transformação, devem ampliar a gama de CPS que buscam desenvolver.

Alerta-se ainda para o fato de que alguns cursos fazem uso da palavra sustentabilidade em seu PPC e Perfil do Egresso referindo-se estritamente a sustentabilidade financeira das organizações. Desta forma, a finalidade é a prosperidade do negócio, não tendo relação com uma EPS a fim de envolver os sujeitos de modo ativo e crítico na construção de uma sociedade cujo equilíbrio entre os aspectos econômicos, sociais e ambientais seja o enfoque

Relacionado as limitações, a coleta de dados origina-se somente de documentos, não realizando-se a coleta de outras evidências, além de não terem sido analisadas todas as IES que possuem cursos de Administração no Brasil devido à dificuldade de acesso aos documentos. Destaca-se como possibilidade de pesquisas as seguintes lacunas: estudo de caso no curso de Administração da UFLA, a fim de comprovar sua orientação para as CPS, bem como estudo de casos múltiplos por região, com as IES que mais destacaram-se na pesquisa; estudo que utilize como fontes de dados tanto os PPCs como entrevistas, comparando o quanto o discurso *versus* a prática demonstra avanço sustentável perante o olhar dos cursos de administração; pesquisa baseada na teoria institucional, entendendo a lógica por trás do movimento para sustentabilidade dos cursos de administração; estudo nos cursos de administração de IES que pertencem a *rankings* de sustentabilidade; pesquisa que investigue o PPC do curso de administração e o quanto o discente percebe a entrega do que é proposto no mesmo.

REFERÊNCIAS

- Alcapadini, R. (2011). Academia e a fábrica de sardinhas. *Organizações & sociedade*, 57(18), 345-348.
- Becker, D. V. (2018). *O processo de construção de uma matriz curricular sob a ótica da teoria da atividade*. (Tese de Doutorado em Administração). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo* (2ed.). São Paulo: 70.
- Campos, S., Palma, L. e Pedrozo, E. (2017). A Universidade e as transformações socioambientais: contribuições da aprendizagem transformadora e da atividade histórico cultural. *Revista de Administração IMED*, 7(2), 3-26.

- Carvalho, S. L. & Brunstein, J. (2014). Um panorama das discussões sobre educação para a sustentabilidade no ensino superior e nos cursos de administração. In Brunstein, J., Godoy, A. S. E., Silva, H. C (Orgs). *Educação para Sustentabilidade nas escolas de Administração (201-228)*. São Paulo: RiMa Editora.
- Cebrián, G. (2016). The I3E model for embedding education for sustainability within higher education institutions. *Environment Education Research*, 24(2), 153-171.
- De Oliveira, E. C. (2016). Um olhar sob a perspectiva do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do curso de Bacharelado em Administração: um estudo de caso na Universidade Federal de São Carlos-UFSCar. *Administração: ensino e pesquisa*, 17(3), 403-437.
- Demajorovic, J. & Martão, M. S. (2014). Competências e inserção profissional de administradores em sustentabilidade. *Revista Pretexto*, 15(1), 48-66.
- Figueiró, P. S., Da Silva, G. F. F., Philereno, A. R. (2019). A temática sustentabilidade na formação em administração: a influência de elementos contextuais, organizacionais e curriculares. *Administração: ensino e pesquisa*, 20(3), 714-753.
- Franco, I. T., Teixeira M. G., De Azevedo, D. B., Moura-Leite, R. C. (2015). A inserção da temática de sustentabilidade na formação de futuros gestores: como professores se deparam com o assunto?. *Administração: ensino e pesquisa*, 16(3), 517-607.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Holdsworth, S., Wyborn, C., Bekessy, S., Thomas, I. (2008). Professional development for education for sustainability. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 9(2), 131-146.
- Jacob, P. R., Raufflet, E., Arruda, M. P. (2011). Educação para a sustentabilidade nos cursos de administração: reflexão sobre paradigmas e práticas. *Revista de Administração Mackenzie*, 12(3), 21-50.
- Kearins, K. & Springett, D. (2003). Educating for sustainability. Developing critical skills. *Journal of management education*, 27(2), 188-204.
- Melo, E. C. & Brunstein, J. (2014). Experiências docentes de Educação para Sustentabilidade na sala de aula de administração. *Revista Pretexto*, 15(NE), 1116-135.
- Menon, S. & Suresh, M. (2020). Synergizing education, research, campus operations and community engagements towards sustainability in higher education: a literature review. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 21(5), 1015-1051.
- Michel, J., Holland, L. M., Brunnquell, C., Sterling, S. (2020). The ideal outcome of education for sustainability: transformative sustainability learning. In: Michel, J. O. (Ed). *Teaching and Learning about sustainability in higher education*, (116), 177-188.
- Moore, J. (2005). Seven recommendations for creating sustainability education at university level. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 6(4), 326-339.
- Nicolini, A. (2003). Qual será o futuro das fábricas de administradores?. *Revista de Administração de Empresas*, 43(2), 44-54.
- Stefano, S.R. & Alberton, A. (2018). Alinhamento entre estratégia da organização e competências para sustentabilidade: proposição de um modelo para análise. *Capital Científico*, 16(4), 117-130.
- Tarrant, S. P. & Thiele, L.P. (2019). Practice makes pedagogy—John Dewey and skills-based sustainability education. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 17(1), 54-67.
- Kuma, E. L., Doliveira, S. L. D., Silva, A. Q. (2017). Competencias para la sostenibilidad organizacional: una revisión sistemática. *Cadernos EBAPE*, 15(spe), 428-444.
- Wals, A. E. J. & Schwarzin, L. (2012). Fostering organization sustainability through dialogic interaction. *The Learning Organization*, 19(1). 11-27.
- Week, A., Withycombe, L., Redman, C. L. (2011). Key competencies in sustainability: a reference framework for academic program development. *Sustainability Science*, 6, 203-218.

AFINAL, AVANÇAMOS OU INTERROMPEMOS AS INVESTIGAÇÕES SOBRE O FENÔMENO ABELHA RAINHA?

FINALLY, DO WE ADVANCE OR STOP THE RESEARCH
ON THE QUEEN BEE PHENOMENON?

REBECA DA ROCHA GRANGEIRO
rebeca.grangeiro@ufca.edu.br

MANOEL BASTOS GOMES NETO
neto26bastos@gmail.com

RESUMO

O presente estudo buscou identificar e analisar de modo sistemático a produção científica sobre Fenômeno Abelha Rainha (FAR). Foram identificados 60 trabalhos que abordaram a metáfora, disponibilizados em seis bases de dados. A produção científica foi analisada com base em técnicas bibliométricas, análises quantitativas e de conteúdo. Nota-se que os estudos estão concentrados entre países, autores, instituições e periódicos europeus ou da América do Norte. Os achados apontam amadurecimento dos estudos que deslocaram a responsabilidade pelo fenômeno da mulher para as organizações masculinas, oportunidades limitadas e experiências de discriminação. As discussões apresentadas são úteis a pesquisadores(as) que estudam gênero e às organizações, pois remetem à cultura, políticas e práticas pouco acolhedoras às mulheres e suas ambições profissionais. Apesar do uso frequente do título Abelha Rainha com o intuito de desabonar a imagem das mulheres, sugerimos ampliação dos estudos sobre o fenômeno dadas as lacunas encontradas.

Palavras-chave: Fenômeno Queen Bee; Ameaça de Gênero; Organizações masculinizadas; Relação Entre Mulheres.

ABSTRACT

The present study identifies and analyzes the systematic way of scientific production on the Queen Bee Phenomenon (QBP). Applied the inclusion and exclusion criteria, 60 papers that address the metaphor were identified, and they were available in six databases. The data were analyzed based on bibliometric techniques, quantitative and content analysis. The findings point to maturing studies that have shifted the responsibility for the phenomenon from women to male organizations, limited opportunities and experiences of discrimination. The presented discussions are useful for gender researchers and for organizations and managers, as they refer to the organizational culture, policies and practices unwelcoming for women and their professional ambitions. Despite the

frequent use of the title *Queen Bee* in order to damaging the image of women, we suggest the development of studies on the phenomenon given the founded gaps.

Keywords: *Queen Bee Phenomenon; Systematic Review; Gender Threat; Male Organizations; Women's Relationship.*

1 INTRODUÇÃO

A síndrome da Abelha Rainha foi citada na literatura pela primeira vez no *Journal Psychology Today*, por Staines, Tavis e Jayaratne (1974). Os autores sugeriram que mulheres que alcançaram sucesso profissional e social, com destaque no mundo do trabalho e na gestão familiar, reforçam a discriminação, por meio dos estereótipos de gênero direcionados às colegas do sexo feminino. Elas são, assim, responsáveis pela baixa mobilidade ascendente de outras mulheres. Os estudos iniciais apontaram que as mulheres em cargos de chefia preferiam seus *status* único, e que não estavam dispostas a ajudar no avanço de outras mulheres (Cooper, 1997). Ainda, citavam as mulheres como seus próprios piores inimigos (Ellemers et al., 2012), descrevendo-as como anti-feministas, conservadoras e que se opõem ativamente às mudanças nos papéis sexuais (Rindfleisch, 2000).

Em entrevista para *The Atlantic Magazine*, Travis (a segunda autora do artigo seminal sobre o fenômeno) lamenta que o título atraente tenha sido mal interpretado e usado contra as próprias mulheres (Khazan, 2017). Referindo-se ao arrependimento de Travis, Faniko et al. (2021) anunciam a necessidade de revisão do termo Abelha Rainha e da sua substituição por distanciamento do auto grupo (*Self-Group Distancing*). Outrossim, levando em consideração o modo como os textos pioneiros sobre FAR classificavam as mulheres que conseguiam alcançar altos postos da hierarquia organizacional, Mavin (2008, 2006) denunciou que os estudos sobre gênero não deveriam apontar as mulheres como culpadas pela baixa representatividade feminina em postos de alta responsabilidade. A autora sugere que estruturas e práticas organizacionais sejam exploradas, a fim de se encontrar indícios dos motivos que desencorajam as mulheres a assumir altos postos de comando.

As críticas apontadas por Mavin (2006, 2008) bem como a recomendação de Faniko et al. (2021) de substituição do termo FAR por self-group distancing nos motivou a propor uma revisão criteriosa dos artigos científicos que abordam o tema. Acredita-se que uma revisão sistemática da produção científica sobre o FAR permitirá reunir argumentos (que justifiquem ou) a fim de justificar a decisão por interromper ou dar continuidade aos estudos que abordam o tema. Assim, o presente estudo tem como objetivo realizar revisão da produção científica sobre o Fenômeno Abelha Rainha (FAR).

A fim de alcançar este objetivo, são apresentados seis objetivos específicos que orientam esta pesquisa: i) avaliar a evolução das publicações científicas sobre FAR; ii) identificar as estratégias metodológicas adotadas nos estudos; iii) detectar as temáticas que são abordadas nos estudos sobre o fenômeno; iv) verificar quais as explicações utilizadas para existência do fenômeno; v) compreender quais comportamentos são atribuídos às mulheres Abelhas Rainhas; vi) investigar quais as conclusões sobre a existência do fenômeno.

Por meio de busca nas bases Scopus, Web of Science, PubMed, LILACS, Scielo e Index Psi foram encontrados estudos teóricos relevante sobre a temática (e.g. Derks, Van Laar, & Ellemers, 2016), porém não foram encontrados registros de trabalhos que tenham realizado revisões especificamente da literatura existente sobre o fenômeno, justificando a originalidade deste estudo.

Revisões da literatura fomentam o desenvolvimento da base de conhecimento de um determinado campo ou fenômeno, utilizando-se de procedimentos organizados, transparentes e replicáveis (Paul & Criado, 2020). Assim, esse estudo possui implicações teóricas e práticas, ao organizar e apresentar dados que dão suporte a estudos futuros sobre o FAR, fornecendo um panorama sobre como mulheres em cargos de liderança impactam na carreira de suas colegas; o papel do gênero nas relações de trabalho e no desenvolvimento de ações voltada a atuação da mulher no ambiente de trabalho. O estudo também discute sobre estruturas, práticas e políticas organizacionais que (re)produzem barreiras de gênero.

2 MÉTODO

As revisões auxiliam na apresentação e sistematização de resultados de diferentes fontes originais, explicando as principais dimensões, métodos, conceitos, achados, contradições, limitações e suposições, além de auxiliar no desenvolvimento de novas e interessantes questões de pesquisas (Post, Sarala, Gatrell, & Prescott, 2020). Esse trabalho fornece uma visão da literatura produzida sobre o FAR, sob a perspectiva de diferentes áreas do conhecimento da Gestão e Psicologia. Para tal, seguimos a estrutura proposta por Tranfield et al. (2003): i) planejamento da revisão (identificação da necessidade, seleção das questões de pesquisas, termos de buscas bases de dados e protocolo, termos de inclusão/exclusão); ii) realização da revisão (seleção dos estudos, filtragem da base e avaliação dos trabalhos); iii) síntese e recomendações das descobertas.

2.1 Planejamento da revisão

Tranfield et al. (2003) recomendam que, inicialmente, os pesquisadores identifiquem a relevância da temática e o tamanho da literatura disponível. Embora o FAR venha sendo discutido há aproximadamente quatro décadas em estudos sobre gênero nas organizações, não foi encontrado na literatura nenhum outro estudo voltado à sistematização das pesquisas sobre o fenômeno. Para atender os objetivos específicos foram utilizados os seguintes termos de busca: "Queen bee" AND "Gender"; "Queen bee" AND "Stereotype"; "Queen bee" AND "Implicit bias"; "Queen bee" AND "Women in leadership"; "Queen bee" AND "Women"; "Queen bee" AND "Work". Visando uma maior amplitude da literatura, foram utilizadas seis bases de dados: Scopus, Web of Science, PubMed, LILACS, Scielo e Index Psi.

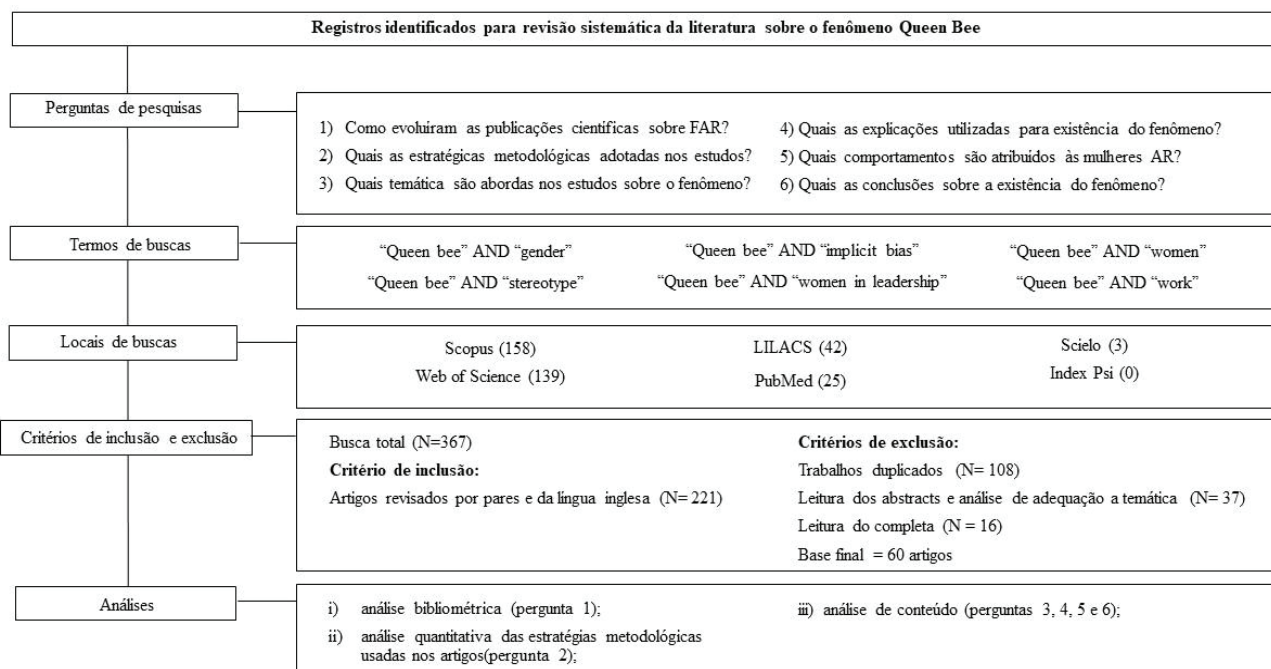
Após a definição dos termos de busca e das bases, o protocolo de análise dos dados foi definido em três etapas a fim de alcançar os objetivos deste estudo: i) análise bibliométrica (evolução histórica, principais autores, instituições, periódicos e países); ii) análise quantitativa das estratégias metodológicas utilizadas pelos artigos; iii) análise de conteúdo (temáticas abordadas; definição do fenômeno, justificativa e conclusão sobre a existência ou não do fenômeno).

2.2 Realização da revisão

Foram considerados todos os trabalhos publicados até 2021. Os termos de busca foram pesquisados nos campos: título, resumo e palavras-chave das bases, resultando em uma amostra inicial de 367 trabalhos nas seis bases de dados. Os critérios para inclusão de trabalhos foram: i) documentos do tipo artigos, por apresentarem resultados validados e documentos revisados por pares; ii) publicações na língua inglesa, visando evitar viés de idioma ou preferência por idiomas específicos, essas restrições mantiveram 221 documentos na análise.

Em seguida, os dados foram mesclados com o uso do software Bibliometrics no R e após exclusão dos trabalhos duplicados restaram 108 trabalhos. Os artigos passaram por uma triagem, onde os autores leram o título, resumo e palavras-chave para identificar se eles realmente abordavam o FAR como metáfora de discriminação de gênero. Nesta etapa 37 trabalhos foram excluídos por serem da área de ciências biológicas e/ou não abordarem a metáfora no contexto organizacional, resultando em uma amostra de 76 trabalhos. Posteriormente, os autores realizaram a leitura completa dos trabalhos, o que resultou na exclusão de 16 trabalhos. Os três critérios para exclusão foram: i) obras não localizadas, mesmo depois de solicitadas por email para autores, o que impossibilitou leitura e análise completa dos artigos; ii) trabalhos em outros idiomas, que não o inglês e português, e em formato de capítulo de livros, mesmo com a definição dos critérios na seleção da base; iii) trabalhos que não discutiam ou apresentavam resultados sobre o fenômeno, embora contivesse o termo Abelha Rainha. Assim, a amostra final é composta de 60 artigos e as etapas cumpridas para alcançá-la são apresentadas na Figura 1.

Figura 1: Diagrama de fluxo do PRISMA



2.3 Síntese e recomendações das descobertas

Tranfield et al. (2003) ressaltam que uma revisão deve apresentar os resultados em duas fases. A primeira diz respeito a uma análise de cunho descritivo, para a qual foram realizadas análises bibliométricas. Com o auxílio do software Microsoft Excel® e do software VOSviewer foram identificados a evolução quantitativa da produção científica por ano; os periódicos que mais publicaram; as instituições e países mais produtivos; e, os autores que mais publicam sobre o tema.

A segunda fase apontada por Tranfield et al. (2003) possui caráter explicativo. De modo que os resultados foram sistematizados, por meio da identificação do que já é conhecido, das contribuições centrais, dos principais achados e da evolução das discussões, evidenciando o consenso entre os trabalhos e os temas emergentes. Para isso, foi utilizado o software Microsoft Excel® para análise das metodologias adotadas, com destaque para a natureza do método utilizado, característica da amostra e ambiente organizacional estudados.

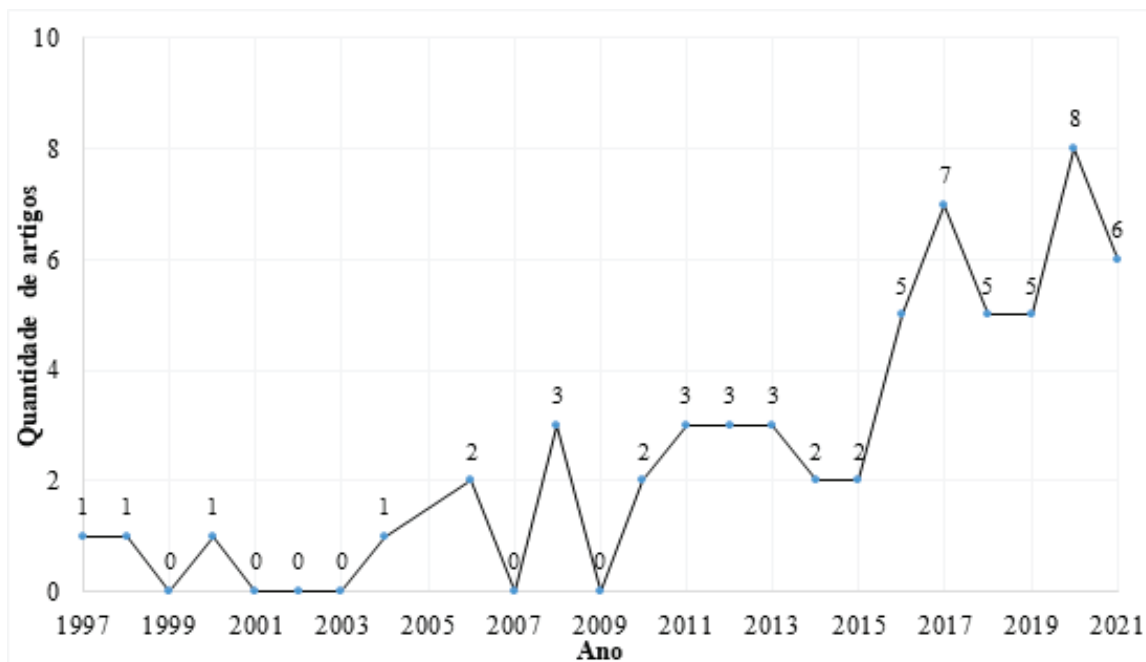
Para o exame das temáticas abordadas; de como o FAR foi definido em cada estudo; da justificativa que foi dada para sua ocorrência; e da conclusão sobre a existência ou não do fenômeno, foram realizados procedimentos próprios da análise de conteúdo propostos por Bardin (2006), por meio da utilização do ATLAS.ti. Assim, foi realizada leitura flutuante dos artigos (fase1), seguida da exploração do material, que permitiu a identificação e codificação dos segmentos de conteúdo (fase 2) e o tratamento dos resultados (fase 3).

3 RESULTADOS

Evolução das publicações científicas sobre o FAR?

A base final possui 60 artigos, publicados em 47 periódicos diferentes, produzidos por 125 autores e coautores de 124 instituições de ensino e 24 países. Vale ressaltar que o termo Abelha Rainha foi utilizado pela primeira vez na literatura científica em 1974, no trabalho intitulado “The Queen Bee Syndrome”, escrito por Staines, Tavis e Jayaratne. Contudo, Staines et al. (1974) não se encontra indexado em nenhuma das bases selecionadas, a revista foi desativada e o artigo não foi encontrado em outros sites de busca. A Figura 2 apresenta a evolução histórica dos trabalhos sobre o FAR.

Figura 2: Evolução histórica



Dentre os artigos que compõem a base, o primeiro é da autoria de Cooper e foi publicado em 1997, "Homophily or the Queen Bee Syndrome: Female Evaluation of Female Leadership". O artigo tem como objetivo avaliar a relação entre liderança e comportamento das mulheres tradicionais e não tradicionais com suas colegas. Os resultados apontam que mulheres não tradicionais avaliam as líderes em geral e a sua própria experiência de liderança não tradicional de forma mais positiva. Enquanto mulheres tradicionais classificam as experiências de lideranças mais tradicionais de forma mais positiva. Semelhante ao trabalho de Staines et al. (1974), Cooper (1997) reforça o FAR como uma teoria da competição feminina.

Os estudos sobre o fenômeno avançaram de forma tímida até o ano de 2015, sendo marcados por alguns anos sem publicação e picos com no máximo de três trabalhos por ano. Apenas a partir de 2016, a temática apresentou cinco ou mais publicações por ano. O ano de 2020 possui o maior número de trabalhos, sendo a obra escrita por Sieweke e Santoni, "*Natural experiments in leadership research: An introduction, review, and guidelines*", a mais citada desse ano, até a data de busca da base. O ano de 2016 se destaca como o segundo mais produtivo, com oito trabalhos. A obra intitulada "*The queen bee phenomenon: Why women leaders distance themselves from junior women*", escrita por Derks B. em colaboração com Van Laar C. e Ellemers N., foi a mais citada.

Na Tabela 1 estão representados os países, os principais periódicos e as instituições mais produtivas, com base na quantidade de documentos publicados sobre a temática. Foram considerados todos os países e instituições que apresentaram três ou mais trabalhos, e periódicos com dois ou mais artigos. Vale ressaltar que os documentos podem estar relacionados a um ou mais países e instituições, a depender do número de coautores e das organizações às quais estão vinculados.

Tabela 1: Principais países, instituições e periódicos

Crítérios	Resultados mais expressivos	N
Países	Estados Unidos	20
	Holanda	13
	Reino Unido	8
	Canadá	6
	Bélgica	4
	Suíça	3
	Alemanha	3
Instituições	Leiden University	6
	Newcastle University Business School	5
	Utrecht University	4
Periódicos (Impact Factor)	Leadership Quarterly (IF: 6,64)	4
	Gender in Management: an International Journal (IF: 1,34)	4
	British Journal of Social Psychology (IF: 2,73)	3
	European Journal of Social Psychology (IF: 2,22)	3
	Career Development International (IF: 2,32)	2
	Frontiers In Psychology (IF: 2,99)	2
	Gender In Management (IF: 1,056)	2
	Journal Of Management (IF: 8,08)	2
Small Group Research (IF: 1,16)	2	

Fonte: Dados da Pesquisa

Os Estados Unidos são o país que mais produz sobre o fenômeno, sendo responsável por 20 trabalhos (33%) que compõem a base, seguidos por Holanda com 13 artigos (22%). Outros cinco países também se destacam com três ou mais publicações: Reino Unido (13%), Canadá (10%), Bélgica (6%), Suécia (5%) e Alemanha (5%). Vale ressaltar que a Holanda apresenta rede de colaboração com todos os outros países identificados na Tabela 1. Já os Estados Unidos possuem colaboração apenas com a Holanda e Suíça.

A base examinada é composta por pesquisadores de 124 instituições diferentes. Dentre elas, apenas três universidades apresentaram três ou mais trabalhos. Duas são holandesas, Leiden University (6) e Utrecht University (4), e uma do Reino Unido, Newcastle University Business School (5). Entre os principais periódicos, nove são responsáveis por 40% dos trabalhos que compõem a base (14). Cinco *journals* contam com duas publicações sobre a temática. Os demais trabalhos (36) foram publicados em 36 periódicos.

Entre os 125 autores, apenas 11 (9%) publicaram dois ou mais trabalhos que abordam o FAR. A quantidade de publicação dos autores mais produtivos e uma breve caracterização da autoria é apresentada na Tabela 2.

Tabela 2: Caracterização da autoria

Autores (n=125)	N	Sexo dos autores (n=125)	N (%)
Ellemers N.	10	Homens	32 (26%)
Derks B.	8	Mulheres	93 (74%)
Mavin S.	5	Sexo do primeiro autor de cada artigo (n=60)	
Van Laar C.	5	Homem	11 (18%)
Faniko K.	3	Mulher	49 (82%)
Aquino K.	2	Número de autores por trabalho (n=60)	
Groot K.	2	Autoria única	9 (17%)
Napier J. L.	2	Dois autores	24 (40%)
Schieman S.	2	Três autores	15 (25%)
Sheppard L. D.	2	Quatro autores	8 (13%)
Vial A. C.	2	Cinco ou mais autores	4 (5%)

Fonte: Dados da Pesquisa

Observa-se a tendência de estudos com dois ou três autores por trabalho (65%). Nota-se predominância de pesquisadoras em qualquer ordem de autoria do artigo (74%) e como primeiras autoras (82%). Ainda, 50% dos artigos foram escritos exclusivamente por mulheres, enquanto 5% foram escritos exclusivamente por homens. Entre as autoras, destaca-se Ellemers N. com 13 trabalhos (22%), o primeiro publicado em 2004, nomeado *"The underrepresentation of women in science: Differential commitment or the Queen Bee syndrome?"*. O artigo aponta que as mulheres docentes se descreveram com traços masculinos, avaliaram suas alunas como menos comprometidas com o trabalho e endossam percepções estereotipadas de gênero.

A segunda autora mais produtiva é Derks B. com 8 artigos. Assim como Ellemers, vinculada à Utrecht University. Elas possuem co-autoria em oito trabalhos. A primeira colaboração e de maior impacto, de 2011, foi *"Do sexist organizational cultures create the Queen Bee?"*. Esse trabalho é pioneiro na discussão do fenômeno como uma resposta de mobilidade individual das mulheres que enfrentam discriminação de gênero no ambiente de trabalho. A colaboração mais recente, publicada em 2021, *"The Queen Bee phenomenon in Academia 15 years after: Does it still exist, and if so, why?"*, replicou o trabalho de 2004 e investigou se o fenômeno ainda é encontrado entre as gerações atuais de acadêmicos. Os resultados reforçam os achados do primeiro estudo, afirmando que as docentes subestimam o engajamento na carreira de colegas juniores e se auto-descrevem como mais masculinas e comprometidas. Ellemers também apresenta colaboração frequente com Faniko K., Groot K. e Van Laar C.

A parceria estabelecida por Sheppard L. D. e Aquino K. gerou dois trabalhos sobre o fenômeno. O primeiro foi publicado em 2013, nomeado *"Much Ado About Nothing? Observers' Problematization of Women's Same-Sex Conflict at Work"*. Os achados apontam que o conflito mulher-mulher provoca avaliações mais negativas que o conflito entre dois homens ou entre homem-mulher. Tais conflitos são percebidos como menos prováveis de serem solucionados e reduzem as chances de mulheres trabalharem juntas de forma produtiva no futuro. O segundo, de 2017, *"Sisters at Arms: A Theory of Female Same-Sex Conflict and Its Problematization in Organizations"*, busca explicar, com base nas teorias de comparação social e distanciamento dentro do grupo, porque os conflitos entre mulheres no ambiente de trabalho são vistos como mais problemáticos por terceiros.

Napier J. L. e Vial A. C. também possuem dois trabalhos em co-autoria. O primeiro, de 2016, *"A bed of thorns: Female leaders and the self-reinforcing cycle of illegitimacy"*, analisa a dificuldade que as mulheres possuem em legitimar o *status* liderança para os subordinados, bem como consequências da ilegitimidade para o contexto organizacional. O segundo trabalho foi publicado em 2017, *"High power mindsets reduce gender identification and benevolent sexism among women (But not men)"*. O artigo apresenta que as mulheres relataram níveis mais baixos de identificação de gênero em momentos que se sentiram impotentes, e em momentos de poder elas endossam menos o sexismo benevolente. Por sua vez, Mavin S. e Schieman S. não apresentaram colaboração com nenhum dos outros autores da tabela.

A Tabela 3 apresenta uma visão geral dos artigos de maior impacto, considerados aqueles que apresentam 80 ou mais citações. Observa-se que os seis trabalhos foram elaborados pelas autoras mais produtivas e se caracterizam como estudos teóricos (n=3) ou por utilizar abordagem quantitativa (n=3). Esses estudos apresentam como objetivo examinar as possíveis razões pelas quais as mulheres ainda são subrepresentadas em posições de comando e por que elas adotam o comportamento Abelha Rainha; visam fornecer uma crítica conceitual, desafiando suposições e contradições inerentes ao rótulo Abelha Rainha; mostrar que o FAR é uma consequência da discriminação de gênero no local de trabalho, e que a atuação de mulheres em cargos de chefia por si só não ajuda a resolver os problemas que essas mulheres encontram.

Tabela 3: Trabalhos de maiores impactos

No. de citação	Autores	Artigo	Revista
190	Ellemers et al. (2004)	The underrepresentation of women in science differential commitment or the queen bee syndrome	British Journal of Social Psychology
117	Derks et al. (2011)	Do sexist organizational cultures create the queen bee	British Journal of Social Psychology
110	Mavin (2008)	Queen bees wannabees and afraid to bees no more best enemies for women in management	British Journal of Management
107	Derks et al. (2016)	The queen bee phenomenon why women leaders distance themselves from junior women	The Leadership Quarterly
86	Derks et al. (2011b)	Gender-Bias Primes Elicit Queen-Bee Responses Among Senior Policewomen	Psychological Science
82	Ellemers et al. (2012)	Women in high places when and why promoting women into top positions can harm them individually or as a group and how to prevent this	Research in Organizational Behavior

Fonte: Dados da Pesquisa

Apenas três estudos destacam suas limitações e apontam algumas sugestões de estudos futuros, a saber: i) questionar a maneira pela qual a ordem social, baseada no privilégio de gênero, perpetua e apresenta as mulheres como “melhores inimigas”, e buscar encontrar mudanças resultantes (Mavin, 2008); ii) realizar pesquisas experimentais ou longitudinais para estabelecer de forma mais assertiva a direção causal da relação entre a identificação de gênero no início da carreira, a discriminação de gênero experimentada e o desenvolvimento do FAR (Derks et al., 2011a); iii) testar se e como mudar a confiança nas expectativas de liderança de gênero pode efetivamente reduzir as experiências de discriminação para as mulheres no trabalho (Ellemers et al., 2012).

Estratégias metodológicas adotadas nos estudos do FAR

Observa-se, na produção sobre o FAR, a predominância de trabalhos quantitativos (52%), seguido por trabalhos teóricos (23%) e estudos qualitativos (22%). O método quanti-quali é empregado por um artigo e a Revisão de Literatura também. Conforme indicação APA (2019), foram separados os artigos teóricos de artigo de revisão. Para a avaliação das amostras foram considerados apenas os trabalhos empíricos. Vale ressaltar que quando o trabalho empírico apresentava mais de um estudo, foram contabilizadas as amostras de cada estudo separadamente, totalizando 55 amostras, conforme apresentado na Tabela 4.

Tabela 4: Análise metodológica

Metodologia		Tamanho das amostras (n=55)		N
	Teórico	14	Até 50	16
Empírico	Quantitativo	31	Maior 50 e menor que 100	6
	Qualitativo	13	Maior de 100 e menor 500	21
	Método misto	1	Maior de 500 menor que 1000	1
Revisão da literatura		1	Maior que 1000	4
Nacionalidade das amostras (n=55)			Bancos de dados	7
Estados Unidos		20	Área/Setor das amostras (n=55)	N
	Holanda	3	Diversos setores	21
	Não detalha	3	Acadêmico	5
	Suíça	4	Saúde	4
	África do Sul	2	Estudantes	6
	Turquia	2	Privado	2
	Vários países	3	Público	4
	Albânia	1	Militar	1
	Arábia Saudita	1	Militar	1
	França	1	TI	1
	Austrália	2	Advocacia	1
	Bélgica	1	Bancário	1
	Brasil	2	Esportivo	1
	Canadá	1	Negócios	1
	China	1	Serviço	1
	Dinamarca	1	Não detalha	6
	Espanha	1	Posição hierárquica das amostras (n=55)	N
	Índia	1	Posição de lideranças/administrativa	15
	Itália	1	Posições médias e iniciantes	6
	Nova Zelândia	1	Diversas posições (nível alta, médio e baixo)	32
	Paquistão	1	Não detalha	2
	Reino Unido	2		
Sexo das amostras (n=55)				
Apenas mulheres		27	Homens e mulheres	28

Fonte: Dados da Pesquisa

Percebe-se maior quantidade de amostras dos Estados Unidos (33%). Três trabalhos (5%) apresentaram amostra que congrega vários países. Evtushenko e Gastner (2020) analisaram a posição das mulheres na rede de membros do conselho de 36 mil empresas negociadas em bolsas de valores de todo o mundo; Lössbroek e Radl (2019) examinaram as diferenças de gênero na participação de funcionários, com idade mais avançada, em treinamento de nove países europeus; e Corwin, Loncarich &, Ridge (2021) que investigaram o papel da atuação feminina de promoção de outras colegas.

Os trabalhos analisados apresentaram tamanhos variados de amostras, sendo que 38% dos artigos apresentaram amostra de 100 a 500 respondentes. Os artigos priorizam amostras heterogêneas, com profissionais de diferentes níveis hierárquicos. Em segunda posição estão os artigos com amostras exclusivas de participantes em cargos de liderança, que apre-

sentam as experiências, estilos e os impactos de mulheres líderes para a organização e para outras colegas.

Referente à área analisada, 38% dos estudos utilizaram amostras com empresas de diversos setores. Por exemplo, o estudo de Lyngsie e Foss (2016), realizado com CEO e gestoras executivas de RH de organizações dinamarquesas de vários setores, avaliou e identificou uma relação positiva entre os resultados empresariais e sua composição de gênero. Ainda sobre as amostras, 50% é composta por homens e mulheres. Referente aos setores, cinco são da área acadêmica (e.g. Ellemers et al., 2004 e Faniko et al., 2021), quatro amostras do setor público (e.g. Abalkhail, 2020), três da área da saúde (e.g. Sengul et al., 2019), seis amostras são compostas por estudantes de áreas específicas (e.g. alunos de psicologia, Sterk et al., 2018) e seis não especificam a origem da amostra.

Temáticas abordadas nos estudos sobre o fenômeno

Para o exame das temáticas abordadas foram examinados os títulos e objetivos dos artigos que compõem a base. Foram criados 22 códigos a fim de auxiliar na sistematização dos títulos dos artigos para a análise. A codificação dos 55 títulos nos forneceu 158 citações. Os códigos mais frequentes se relacionam com os elementos definidores do FAR, a saber: Abelha Rainha (19), gênero (18), liderança (15), gestão (12). Por ser um fenômeno que se apresenta no contexto de trabalho, as palavras trabalho (8) e carreira (6) aparecem entre os títulos. Entre os códigos, foram identificados os nomes dos lugares que os estudos foram realizados (ex. China, Nova Zelândia, Austrália), profissões ou contextos de trabalho que foram analisados (ex. Enfermagem, Militar, Ciência). Também a metáfora Teto de Vidro, considerada a mais popular entre as metáforas de gênero (Grangeiro, Silva, & Esnard, 2021), está presente nos títulos de dois artigos examinados (e.g. Faniko et al., 2017b).

Os objetivos foram sistematizados em dez temáticas. Vale destacar que nem todos os trabalhos apresentam objetivo bem definido, em alguns casos os artigos exibem a lacuna teórica que se propõe a preencher ou o problema que buscam resolver. Além disso, alguns estudos apresentam mais de um objetivo, sendo assim, esses trabalhos foram indicados em mais de uma categoria. As temáticas que mais agruparam artigos foram: relações entre mulheres (15); experiências e desafios (11); influência do gênero na organização (10) e existência do fenômeno (9), conforme observado na Tabela 5.

Tabela 5: Categorização temática dos objetivos

Categoria temática	n
Relação entre mulheres	15
Experiências e desafios femininos	11
Influência do gênero nas organizações	10
Existência do fenômeno	9
Mecanismos psicológicos subjacentes ao FAR	6
Impacto da liderança feminina	6
Impactos do fenômeno	5
Educação para o empoderamento	1
Baixa representatividade de mulheres em postos de liderança	1
Mulheres e <i>networks</i>	1

Fonte: Dados da Pesquisa

Comportamentos atribuídos as mulheres Abelhas Rainhas, explicações e conclusões sobre a existência do fenômeno

A leitura atenta dos trabalhos que compõem a base na sua integralidade, permitiu-nos organizá-los em função de: i) explicação oferecida pelos estudos para a existência do FAR; ii) comportamentos atribuídos a mulheres líderes que aderem ao fenômeno, iii) se os artigos apontam para existência do fenômeno; e iv) se o fenômeno é abordado como questão principal ou secundária do estudo, conforme sintetizado na Tabela 6.

Tabela 6: FAR na literatura: comportamento e explicações pontuadas

Explicação para existência do fenômeno	N	Comportamentos das mulheres Abelhas Rainhas citados nos trabalhos	N
Resposta à ameaça de identidade social e da experiência de discriminação	16	Distanciamento ou baixa identificação	40
Resposta à experiência de discriminação	10	Masculinidade	33
Resposta à ameaça de identidade social	9	Negação da discriminação	22
Respostas aos sistemas de gênero incorporado na organização	4	Maior comprometimento/engajamento/ ambição	20
Resposta à competição e falta de apoio entre as mulheres	5	Contra políticas afirmativas em favor das mulheres	13
Mulheres que visam se alinhar ao poder masculino	3	Maiores sacrifícios	12
Mulheres que são contra militância feminista	2	Deixam de ajudar outras mulheres ou impedem ativamente sua promoção	8
Mulheres que não apoiam outras mulheres	2	Defendem a meritocracia	5
Medo da competição	1	Ressaltam estereótipos negativos	4
Resposta a estrutural do tokenismo	1	Mulheres conservadoras ou que opôs-se ativamente a qualquer mudança nos papéis sexuais tradicionais	3

Mulheres que recebem recompensas psicossociais de homens de status superior quando desfavorecem outras mulheres	1	Discriminam ou têm preconceito outras mulheres	2
Não explicam	6	Desacreditam ou criticam outras colegas	2
Os artigos apontam para existência do fenômeno?	N	Antifeministas	1
Sim	49	Desleais	1
Não	3	Mal comportadas	1
Não se posicionam	8	Mulheres que competem com outras mulheres	1
O trabalho aborda a metáfora como foco primária ou secundária?	N	Não descreve	8
Primário	32		
Secundário	28		

Fonte: Dados da Pesquisa

Identificou-se que 17% dos trabalhos explicam a existência do fenômeno como uma resposta à experiência de discriminação, 15% explicam como resposta à ameaça de identidade social, e 26% justifica pelos dois motivos. Os trabalhos de Derks et al. (2011a, 2011b) foram pioneiros em apontar que as barreiras de gênero enfrentadas no ambiente organizacional e que a percepção de identidade de gênero e das expectativas estereotipadas como desvantagens tornam mais provável que mulheres com baixa identificação se voltem contra seu próprio grupo. Outros trabalhos que o seguiram explicam o fenômeno de modo semelhante (e.g Faniko et al., 2016; Faniko et al., 2017b).

Há estudos que responsabilizam as próprias mulheres pelo surgimento do fenômeno ou que o justificam como algo típico do comportamento feminino. Então, passam a imagem das mulheres como hostis, mal-comportadas, contra militância feminista, que não apoiam outras colegas e visam se alinhar ao poder masculino. Estes são trabalhos anteriores aos de Derks et al., (2011a, 2011b), a exemplo de Rindfleish (2000), realizado com mulheres da alta administração na Austrália, que apesar de indicar que 2/3 das mulheres não se encaixam como abelhas rainhas, cita o comportamento anti-feministas como traço do FAR. Rindfleish (2000) investigou as opiniões sobre as barreiras enfrentadas na gestão por essas mulheres e a vontade de ajudar outras colegas. Identificou-se que nem todas as líderes se sentem motivadas a apoiar outras mulheres no ambiente de trabalho.

Os trabalhos sobre o fenômeno costumam citar mais de um comportamento das mulheres Abelhas Rainhas, por isso a soma das frequências dos comportamentos apresentados na Tabela 5 supera a quantidade de artigos da base. O comportamento de distanciamento e baixa identificação é citado em 65% dos trabalhos (e.g Kaiser & Spalding, 2015), seguidos pela auto-descrição masculina (55%) (e.g Mavin, 2006a, 2006b), negação da discriminação de gênero (36%) (e.g Derks et al., 2011b), maior comprometimento com a carreira (33%) (e.g Ellemers et al., 2004) e posicionamento contrário às políticas afirmativas (22%) (e.g Faniko et al., 2017b). Alguns comportamentos foram citados apenas uma vez, a saber: desleais, preconceituosas, mulheres que competem com outras mulheres. Estes traços foram referenciados por Johnson e Mathur-Helm (2011) e Mavin (2006a; 2006b) que se fundamentaram nos trabalhos de Staines et al. (1973) e Abramson (1975) para fazer tais afirmações.

Aproximadamente 82% dos trabalhos concluem sobre a existência do fenômeno, enquanto 5% apontam que as líderes benevolentes criam oportunidades e uma condição pró-mulher no ambiente de trabalho para suas colegas (e.g Arvate et al., 2018; Dusch et al., 2014). Por fim, foram contabilizados os trabalhos que abordaram o fenômeno como foco principal (53%), avaliando sua origem, seus impactos e o comportamento das mulheres Abelhas Rainhas. Os trabalhos que utilizaram o fenômeno como foco secundário não se preocupam em descrever os comportamentos das mulheres Abelhas Rainhas (13%); não se posicionam quanto à existência ou não do fenômeno em seus resultados (13%); ou não explicam a sua existência (10%).

4 DISCUSSÕES E LACUNAS PERCEBIDAS

A fim de discutir os achados pertinentes ao primeiro objetivo específico, a partir de 2016 observa-se um relevante crescimento da quantidade de artigos sobre o fenômeno. Enquanto de 1997 a 2005 a média de artigos por ano é de 1,5, entre 2016 e 2021 essa média anual é quatro vezes maior. As publicações sobre o fenômeno se circunscrevem principalmente nos eixos Europa (n=31) e América do Norte (n=24), indicando que os pesquisadores e as amostras investigadas são em sua maioria destes eixos. Desse modo, um olhar de autores de outros continentes, sobre amostras diferentes se faz necessário, a fim de verificar aproximações e diferenças na forma como mulheres em postos de liderança se comportam frente a suas congêneres que estão na base da hierarquia organizacional ou no início de suas carreiras.

As publicações dos Estados Unidos são pulverizadas entre vários(as) pesquisadores(as). Enquanto a Holanda se apresenta como um polo de estudos sobre o fenômeno. Este país possui publicações que verificam empiricamente a presença do fenômeno (e.g Derks et al., 2011a,b) e textos teóricos que buscam esclarecer a natureza do fenômeno e apresentar seus mecanismos (e.g Derks et al., 2016). Outras características das publicações de origem holandesa reforçam a relevância do país para a produção sobre o fenômeno queen bee: i) o país conta com três das dez autoras mais produtivas sobre FAR; ii) entre os seis estudos de maior impacto, cinco possuem autoria holandesa; iii) os artigos desta nacionalidade estão entre os que mais são citados conjuntamente por um terceiro (e.g Ellemers et al 2004; Derks et al., 2011a,b, 2016). Ainda, a proeminência de artigos na Holanda, Bélgica e Suíça pode ser reflexo de incentivos e preocupações relacionadas às questões de gênero, pois segundo o *Human Development Indices (2019)*, esses países estão entre os 10 países com menor índice de desigualdade de gênero.

Não obstante a produção científica em periódicos acadêmicos revisados por pares, de um modo geral, seja predominantemente assinada por homens (Mayer & Rathmann, 2018), a produção sobre o FAR é majoritariamente de autoria de mulheres (74% no todo; 82% como primeiras autoras; 50% dos artigos com autoria unicamente feminina). A predominância de autoras pode ser explicada pelo fato de o fenômeno abordar a relação entre mulheres e identidade social, estilo de liderança, barreiras de gênero e refletir sobre estereótipos e estruturas organizacionais, questões que impactam diretamente a carreira feminina.

Os achados sobre autoria e periódicos confirmam as Leis de Lotka e Bradford. Esta aponta que existe um pequeno núcleo de periódicos responsáveis pela publicação de um grande número de artigos. *Leadership Quarterly* e *Gender in Management: an International Journal* pos-

suem cada um quatro trabalhos sobre a temática. O primeiro é um *journal* da área de ciências sociais dedicado às implicações práticas sobre liderança, o segundo publica trabalhos voltados às questões de gênero, gestão e liderança. Os periódicos *British Journal of Social Psychology* e *European Journal of Social Psychology* se dedicam a trabalhos da área da psicologia social, e apresentam três artigos cada. A Lei de Lotka também foi confirmada, pois uma pequena parcela dos autores é responsável por uma grande parte das publicações.

Quanto ao segundo objetivo específico, que se refere às escolhas metodológicas dos estudos, observou-se que alguns setores ainda muito masculinizados foram pouco explorados, como a área da tecnologia, engenharia, esportiva, militar e aeronáutica. Apesar do fenômeno investigar o comportamento de mulheres em relação a outras mulheres, Sheppard e Aquino (2017; 2013) reforçam a importância de estudos com amostras mistas e pesquisas que avaliem a competição masculina no ambiente de trabalho. Visto que estudos de gênero estão inclinados a questionar apenas o conflito entre as mulheres, naturalizam a conflito entre homem, ao mesmo tempo em que identificam as mulheres como violadoras dos estereótipos de gênero. Nessa mesma perspectiva, Faniko et al. (2016) exibem que homens em cargos de lideranças também se distanciam de seus congêneres no início da carreira, comportamento também negativo para o ambiente organizacional.

Os achados pertinentes à segunda questão de pesquisa permitem perceber que quase um quarto dos artigos que compõem a base analisada são teóricos, interpretados como indício de que para além da busca por dados empíricos, os(as) pesquisadores(as) sobre o tema se preocupam com a reflexão acerca da natureza do fenômeno e do impacto que ele possui em contextos de trabalho. Considerando que a única revisão de literatura encontrada aborda a liderança feminina e não diretamente o FAR, podemos apontar os diferentes tipos de revisão (narrativa, sistemática, meta-análise) como uma lacuna dos estudos sobre FAR.

Ainda, os resultados referentes ao segundo objetivo específico, explicitaram lacuna em relação a estudos de abordagens qualitativas e principalmente que combinem estratégias de pesquisa mistas e a necessidade de ampliar cobertura geográficas dos estudos, o que permite identificar peculiaridades do fenômeno em países com características culturais diferentes, onde os espaços sociais ocupados e conquistados pelas mulheres representam realidades diferentes daquelas predominantemente examinadas nos estudos sobre o FAR.

A análise das temáticas abordadas nos artigos, o terceiro objetivo específico, realizada por meio do exame dos títulos e dos objetivos, esclarece que os títulos não apresentam indícios ou não parecem estimular a ideia do conflito feminino. Apenas o trabalho de Sheppard e Aquino (2017), "*Sisters at Arms: A Theory of Female Same-Sex Conflict and Its Problematization in Organizations*" sugere a ideia de conflito. Contudo, com a leitura integral do artigo se percebe que ele critica o fato de o conflito entre mulheres ser mais problematizado, como se as mulheres apresentassem mais relacionamentos disfuncionais entre si, que os homens (Sheppard & Aquino, 2017).

Na categorização temática, os artigos classificados como *Relação entre Mulheres* avaliam o comportamento entre as mulheres seniores e juniores e/ou colegas do mesmo nível organizacional, bem como as expectativas e percepções que as mulheres têm umas das outras no ambiente de trabalho (e.g Abalkhail, 2020; O'Neil et al., 2018; Dusch et al., 2014). A categoria *Experiências e Desafios* compreende publicações que abordam as barreiras, os desa-

fios e as estratégias adotadas para superá-los (e.g Míldersteíner et al., 2020; Diehl et al., 2020; Vial et al., 2016). A terceira categoria temática mais identificada foi a *Influência do Gênero nas Organizações* que aborda estudos voltados a entender como o gênero influencia o convívio entre colegas, as práticas organizacionais, as relações comerciais e sociais (e.g Ellemers, 2014). Observa-se que poucos trabalhos desta categoria se aprofundaram na interseção entre classe social, raça e gênero (e.g Paustian-Underdahl et al., 2017). Os estudos que examinam a *Existência do Fenômeno* também analisam o contexto no qual ele ocorre e devido a quais razões (e.g Faniko, Ellemers & Derks, 2021; Derks et al., 2011a).

A fim de demonstrar que o FAR não se refere a um comportamento natural ou que sofre interferência de carga genética, alguns artigos aprofundam sobre os *Mecanismos Psicológicos Subjacentes ao FAR* (e.g Faniko et al., 2017a; Derks et al., 2016). Os trabalhos sobre *Impactos do Fenômeno* visam discutir a consequência de haver mulheres abelhas rainhas em postos de liderança para as carreiras de outras mulheres e para o ambiente organizacional e social (Sterk, Meeussen, & Van Laar 2018; Johnson & Mathur-Helm, 2011). Foram identificados três trabalhos que abordam estilos e traços de lideranças de mulheres, compreendendo os efeitos dessas posições para outras mulheres (e.g Siewekea & Santoni, 2020; Arvate et al., 2018). Ainda, os artigos dessa categoria refletem sobre o impacto do uso do termo abelha rainha para os estudos sobre gênero e para os avanços das mulheres em contextos de trabalho (e.g Mavin, 2008).

Por fim, temos três categorias temáticas que compreendem apenas um artigo cada. Um deles se preocupa em identificar os principais elementos de um programa de educação para empoderamento das mulheres (Longwe, 1998), outro possui como escopo central avaliar a baixa representatividade de mulheres em postos de liderança (Hekman et al., 2017), e o último visa avaliar como habilidades sociais das mulheres influenciam sua autoconfiança e capacidade de desenvolver redes que melhoram suas carreiras e como elas usam as redes para superar obstáculos (Klerk & Verreynne, 2017).

Os resultados obtidos por meio dos objetivos específicos 4, 5 e 6, percebemos o amadurecimento das pesquisas sobre o FAR. Embora 81,2% dos estudos apontem para existência do fenômeno, 75% explicam que ele ocorre como consequência de um contexto que é desfavorável às mulheres. Os artigos das duas últimas décadas reforçam que os comportamentos associados ao FAR não devem ser entendidos como características intrínsecas das mulheres, e sim como uma resposta aos sistemas de gênero incorporados na organização. Outrossim, foram raros os estudos que apontaram as abelhas rainhas como desleais, preconceituosas e competitivas com outras mulheres (e.g Johnson & Mathur-Helm, 2011; Mavin, 2006a; 2006b). Destaca-se que, Johnson e Mathur-Helm (2011) e Mavin (2006a; 2006b) não estão necessariamente de acordo com tal afirmativa, mas as citam referenciando dois textos pioneiros sobre o fenômeno (e.g Staines et al., 1973; Abramson, 1975).

O FAR oferece para os estudos que voltam o olhar para mulheres em organizações do trabalho uma perspectiva fundamentada na Psicologia Social. Assim, os estudos sobre este-reótipos de gênero e a Teoria da Ameaça de Identidade de Gênero contribuem para explicar os mecanismos psicológicos subjacentes aos comportamentos pertinentes ao FAR, a exemplo de: uso de linguagem e vestimentas que as aproxima/assemelham a homens nos mesmos postos; distanciamento físico e psicológico de outras mulheres; negação de experiências de discriminação de gênero.

Tais achados oriundos da presente revisão nos permitem depreender que a produção científica sobre FAR também se preocupa em apontar fatores centrais que desencadeiam comportamentos AR e possíveis soluções para o mesmo. As propostas não são apenas de soluções paliativas, mas de transformações radicais nas políticas e práticas organizacionais (acompanhadas de reflexões sobre as consequências de cada mudança proposta) a fim de ampliar as possibilidades de desenvolvimento profissional das mulheres.

5 O FAR ACENTUA A IMAGEM NEGATIVA ASSOCIADA ÀS MULHERES EM POSIÇÃO DE COMANDO?

Em consonância ao apelo de Mavin (2006, 2008), as produções científicas sobre FAR, a partir da primeira década do século XXI, ressaltam que as mulheres podem adotar estratégias coletivas ou individuais para enfrentar a ameaça de identidade social de gênero vivenciada no ambiente de trabalho. Quando o membro de um grupo desfavorecido percebe que as características típicas de seu grupo são menosprezadas, ele pode adotar duas estratégias: i) a primeira de nível coletivo, onde desenvolve ações voltadas a enfatizar os requisitos do grupo como um todo, ou ii) a segunda de nível individual, enfatiza os resultados individuais, através do distanciamento do grupo em desvantagem e da adoção de traços do grupo favorecido. Essa segunda estratégia proporciona o surgimento do fenômeno Queen Bee (Derks et al., 2016).

De modo semelhante, Shepard e Aquino (2017) explicam o surgimento do fenômeno a partir do contexto organizacional e criticam a responsabilização das próprias mulheres pela baixa representatividade feminina em altos postos. Questões de gênero impactam nas relações e interações estabelecidas nas organizações. Assim, ameaça competitiva e ameaça coletiva são apontadas como fatores determinantes no conflito e apoio entre as mulheres (Shepard & Aquino, 2017). Na ameaça competitiva, as mulheres compreendem que a elas é oferecida uma menor fatia do bolo, ou seja, os recursos organizacionais são menos acessíveis, então outra mulher pode ser percebida como alguém que pode tomar seu posto. A ameaça coletiva se direciona às profissionais que possuem menor adesão aos estereótipos de gênero associados às mulheres, pois o comportamento delas pode repercutir na imagem que se faz das mulheres como um todo. Dessa forma, perceber outras mulheres ora como “alguém que vai tomar seu lugar” ora como “alguém que vai manchar sua imagem de alguém competente” dificulta que mulheres do topo da hierarquia recompensem e promovam suas colegas (Shepard & Aquino, 2017).

Mediante os dados apresentados e discutidos na presente discussão, ainda que se reconheça a carga pejorativa que recai sobre o termo Abelha Rainha, não foi identificado na literatura sobre FAR, sobretudo na produção científica mais recente, evidências que possam suscitar o teor negativo associado ao fenômeno. O contrário, foi identificado, por meio das diferentes estratégias de análise de dados utilizadas, que i) a maior parte dos artigos explica os comportamentos presentes no fenômeno como uma estratégia psicológica diante de uma ameaça vivenciada; ii) preocupação dos(as) pesquisadores(as) em denunciar as organizações masculinistas como fomentadoras dos comportamentos típicos do FAR; iii) as publicações aprofundaram no exame da relação entre congêneres e concluíram que também há relação conflituosa entre homens, porém, diferentemente do conflito entre mulheres, ele não é problematizado, nem no contexto de trabalho, nem na mídia; iv) os artigos que formam os clusters das redes de co-cita-

ção e apresentam a estrutura intelectual da produção (Donthu et al., 2021) reproduzem os três argumentos expostos (explicação mediante mecanismos psicológicos; denúncia à organização masculina; diferente julgamento do conflito entre congêneres).

Diante disso, considera-se que a leitura superficial dos resultados de pesquisa ou apego somente ao título *queen bee* aliado ao poder de atração (fascínio) que o conflito entre mulheres gera socialmente fortalecem a carga negativa associada às mulheres líderes. Por sua vez, a literatura propõe a reflexão de quanto o exaltamento do conflito entre mulheres mantém o status quo do grupo dominante (Shepard & Aquino, 2017).

Assim, ao invés de corroborarmos com a interrupção de investigações sobre o FAR, sob pena de macularmos ainda mais a imagem de mulheres em postos de comando, ratifica-se a necessidade de que as pesquisas avancem, pois há lacunas que precisam ser investigadas. Valida-se igualmente a necessidade de atenção à divulgação da perspectiva crítica do fenômeno, para que ela não se limite à exposição dos comportamentos da mulher abelha rainha, mas que inclua esclarecimentos sobre os mecanismos psicológicos que geram o fenômeno, o impacto do contexto, a importância de desfetichizar o conflito entre mulheres e mudanças nas políticas e práticas organizacionais que favoreçam a igualdade de gênero.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E ESTUDOS FUTUROS SOBRE FAR

Esse trabalho apresenta uma revisão das produções científicas sobre gênero que abordam o FAR. Os objetivos específicos elaborados para auxiliar o cumprimento do objetivo proposto foram alcançados. As análises iniciais evidenciaram que mesmo com mais de quatro décadas do surgimento da metáfora, ainda existe um número limitado de pesquisas. A temática ganhou esforços por parte dos pesquisadores a partir de 2016, e nota-se que os artigos estão concentrados em países, autores, instituições e periódicos europeus ou da América do Norte. Os estudos foram produzidos predominantemente por pesquisadoras, com destaque para Ellemers e Derks que assinam juntas oito artigos na temática, dos quais cinco estão entre os mais citados sobre o fenômeno. Observa-se uma tendência de estudos que têm como objetivo analisar a relação entre mulheres, suas experiências e desafios ao longo da carreira, e a influência do gênero nas organizações. Foi possível observar a evolução da metáfora, a qual inicialmente descrevia as mulheres como as piores inimigas no mercado de trabalho. Por sua vez, os estudos mais atuais sugerem que são as organizações masculinas, as oportunidades limitadas e as experiências de discriminação que levam ao surgimento do FAR.

Quando comparados a estudos anteriores sobre a metáfora, aqueles desenvolvidos a partir do início da década de 2010 avançam na explicação sobre o fenômeno, tiram o foco da mulher como responsável pela existência do fenômeno e pela falta de solidariedade entre elas. Acredita-se que os estudos de Derks possuem influência decisiva nessa mudança de perspectiva dos artigos. Ainda, os estudos mais recentes buscam nos contextos organizacional e social as explicações para o fenômeno e questionam a competitividade masculina. De modo que, não se julga ser a literatura científica (sobretudo a da última década) a responsável pela compreensão equivocada que se tem do fenômeno. Suspeita-se que a mídia popular tenha maior responsabilidade pelo tom pejorativo atribuído à metáfora. Por isso, aponta-se uma análise desta literatura como uma possibilidade de estudo futuro.

A partir dos achados que obtivemos com a sistematização e organização da produção científica sobre o FAR, sugerimos lacunas que precisam ser examinadas, a saber: i) setores ainda predominantemente dominados por homens que foram pouco ou nunca explorados à luz do FAR, a exemplo da indústria cinematográfica, mercado dos *gamers*, agronegócio, contextos político e bancário; ii) países marcados pelo patriarcalismo, conservadorismo e sexismo, onde os movimentos feministas e a representação feminina em cargos políticos são frágeis, pois acredita-se que assim seria possível identificar se há tendência de universalização dos traços que compõem o FAR ou de diferentes formas que o fenômeno pode assumir em função do contexto cultural no qual ele se apresenta; iii) foco na interseccionalidade, expandindo a discussão sobre raça, etnia, sexualidade e classe social, uma vez que membros de grupos minoritários, e não apenas mulheres, que almejam uma mobilidade ascendente em campos tradicionalmente dominados por membros de grupos de status mais elevado, utilizam estratégias de distanciamento (Derks et al., 2016).

Por fim, a revisão da produção científica sobre o FAR contribui com a elucidação dos avanços conceituais da temática, das lacunas metodológicas e de intersecção com outras temáticas, que uma vez investigadas podem contribuir para o desenvolvimento da metáfora. Outrossim, as discussões aqui apresentadas são caras às organizações e gestores atentos à diversidade, pois remetem à cultura, políticas e práticas organizacionais que as tornam em contextos pouco acolhedores para mulheres e sobretudo para suas ambições de desenvolvimento profissional.

REFERÊNCIAS

- Abalkhail, J. M. (2020). Women managing women: hierarchical relationships and career impact. *Career Development International*. doi: 10.1108/CDI-01-2019-0020
- Abramson, J. 1975. *The invincible woman: Discrimination in the academic profession*. London: Jossey-Bass.
- Acker, J. (1990). Hierarchies, jobs, bodies: A theory of gendered organizations. *Gender & society*, 4(2), 139-158. doi: 10.1177/089124390004002002
- American Psychological Association (2019). *Publication Manual of the American Psychological Association, Seventh Edition* (2020).
- Arvate, P. R., Galilea, G. W., & Todescat, I. (2018). The queen bee: A myth? The effect of top-level female leadership on subordinate females. *The Leadership Quarterly*, 29(5), 533-548. doi: 10.1016/j.leaqua.2018.03.002
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Almedina.
- Cooper, V. W. (1997). Homophily or the queen bee syndrome: Female evaluation of female leadership. *Small Group Research*, 28(4), 483-499. doi: 10.1177/1046496497284001
- Corwin, E. S., Loncarich, H., & Ridge, J. W. (2021). What's It Like Inside the Hive? Managerial Discretion Drives TMT Gender Diversity of Women-Led Firms. *Journal of Management*. Doi: 10.1177/01492063211011755
- Derks, B., Ellemers, N., Van Laar, C., & Groot, K. (2011a). Do sexist organizational cultures create the Queen Bee?. *British Journal of Social Psychology*, 50, 519-535. doi: 10.1348/014466610X525280
- Derks, B., Van Laar, C., Ellemers, N., & Groot, K. (2011b). Gender-bias primes elicit queen bee responses among senior policewomen. *Psychological Science*, 22, 1243-1249. doi: 10.1177/0956797611417258
- Derks, B., Van Laar, C., & Ellemers, N. (2016). The queen bee phenomenon: Why women leaders distance themselves from junior women. *The Leadership Quarterly*, 27, 456- 469. doi: 10.1016/j.leaqua.2015.12.007

- Derks, B., Van Laar, C., Ellemers, N., & Raghoe, G. (2015). Extending the queen bee effect: How Hindustani workers cope with disadvantage by distancing the self from the group. *Journal of Social Issues, 71*, 476-496. doi: 10.1111/josi.12124
- Diehl, A. B., Stephenson, A. L., Dzubinski, L. M., & Wang, D. C. (2020). Measuring the invisible: Development and multi-industry validation of the Gender Bias Scale for Women Leaders. *Human Resource Development Quarterly, 31*(3), 249-280. doi: 10.1002/hrdq.21389
- Donthu, N., Kumar, S., Mukherjee, D., Pandey, N., & Lim, W. (2021). How to conduct a bibliometric analysis: An overview and guidelines. *Journal of Business Research, 133*, 285-296. doi: 10.1016/j.jbusres.2021.04.070
- Dusch, M. N., Braun, H. J., O'Sullivan, P. S., & Ascher, N. L. (2014). Perceptions of surgeons: what characteristics do women surgeons prefer in a colleague?. *The American Journal of Surgery, 208*(4), 601-604. doi: 10.1016/j.amjsurg.2014.06.005
- Eagly, A. H., & Karau, S. J. (2002). Role congruity theory of prejudice toward female leaders. *Psychological Review, 109*(3), 573. doi: 10.1037//0033-295X.109.3.573
- Eagly, A. H., & Carli, L. L. (2003). The female leadership advantage: An evaluation of the evidence. *The leadership quarterly, 14*(6), 807-834. doi: 10.1016/j.leaqua.2003.09.004
- Ellemers, N. (2014). Women at Work: How Organizational Features Impact Career Development. *Policy Insights from the Behavioral and Brain Sciences, 1* (1), 46-54. doi: 10.1177/2372732214549327
- Ellemers, N., Rink, F., Derks, B., & Ryan, M. K. (2012). Women in high places: When and why promoting women into top positions can harm them individually or as a group (and how to prevent this). *Research in Organizational Behavior, 32*, 163-187. doi: 10.1016/j.riob.2012.10.003
- Ellemers, N., Van den Heuvel, H., De Gilder, D., Maass, A., & Bonvini, A. (2004). The underrepresentation of women in science: differential commitment or the queen bee syndrome?. *British Journal of Social Psychology, 43*(3), 315-338. doi: 10.1348/0144666042037999
- Evtushenko, A., & Gastner, M. T. (2020). Beyond Fortune 500: Women in a Global Network of Directors. In International Conference on Complex Networks and Their Applications (pp. 586-598). Springer, Cham. doi: 10.1007/978-3-030-36683-4_47
- Faniko, K., Ellemers, N., & Derks, B. (2016). Queen Bees and Alpha Males: Are successful women more competitive than successful men?. *European Journal of Social Psychology, 46*(7), 903-913. doi: 10.1002/ejsp.2198
- Faniko, K., Ellemers, N., Derks, B., & Lorenzi-Cioldi, F. (2017a). Quota women are threatening to men: Unveiling the (counter) stereotypization of beneficiaries of affirmative action policies. *Swiss Journal of Psychology, 76*, 107. doi: 10.1024/1421-0185/a000195
- Faniko, K., Ellemers, N., Derks, B., & Lorenzi-Cioldi, F. (2017b). Nothing changes, really: Why women who break through the glass ceiling end up reinforcing it. *Personality and Social Psychology Bulletin, 43*(5), 638-651. doi: 10.1177%2F0146167217695551
- Faniko, K., Ellemers, N., & Derks, B. (2021). The Queen Bee phenomenon in Academia 15 years after: Does it still exist, and if so, why?. *British Journal of Social Psychology, 60*(2), 383-399. doi: 10.1111/bjso.124084
- Grangeiro, R. R., Silva, L. E. N., & Esnard, C. (2021). I broke the glass ceiling, now what? Overview of metaphors to explain gender inequality in organizations. *International Journal of Organizational Analysis*. v. ahead-of-print, p. 638-651. <https://doi.org/10.1108/IJOA-07-2020-2281>
- Hekman, D. R., Johnson, S. K., Foo, M. D., & Yang, W. (2017). Does diversity-valuing behavior result in diminished performance ratings for non-white and female leaders?. *Academy of Management Journal, 60*(2), 771-797. doi: 10.5465/amj.2014.0538
- Johnson, Z., & Mathur-Helm, B. (2011). Experiences with queen bees: A South African study exploring the reluctance of women executives to promote other women in the workplace. *South African Journal of Business Management, 42*(4), 47-55. doi: 10.4102/sajbm.v42i4.504.
- Longwe, S. H. (1998). Education for women's empowerment or schooling for women's subordination?. *Gender & development, 6*(2), 19-26. doi: 10.1080/741922726

- Khazan, O. (2017). Why do women bully each other at work? Research suggests that conditions in the workplace might be to blame. The Atlantic.
- Klerk, S., & Verreynne, M. L. (2017). The networking practices of women managers in an emerging economy setting: negotiating institutional and social barriers. *Human Resource Management Journal*, 27(3), 477-501. doi: 10.1111/1748-8583.12151
- Lössbroek, J., & Radl, J. (2019). Teaching older workers new tricks: workplace practices and gender training differences in nine European countries. *Ageing & Society*, 39(10), 2170-2193. doi: 10.1017/S0144686X1800079X
- Lyngsie, J., & Foss, N. J. (2017). The more, the merrier? Women in top management teams and entrepreneurship in established firms. *Strategic Management Journal*, 38(3), 487-505. doi: 10.1002/smj.2510
- Mayer, S. J., & Rathmann, J. M. (2018). How does research productivity relate to gender? Analyzing gender differences for multiple publication dimensions. *Scientometrics*, 117(3), 1663-1693. doi: 10.1007/s11192-018-2933-1
- Mavin, S. (2006). Venus envy: problematizing solidarity behaviour and queen bees. *Women in Management Review*, 21, 264-276. doi: 10.1108/09649420610666579
- Mavin, S. (2006b). Venus envy 2: Sisterhood, queen bees and female misogyny in management. *Women in Management Review*, 21, 5, 349-364. doi: 10.1108/09649420610676172
- Mavin, S. (2008). Queen bees, wannabees and afraid to bees: no more 'best enemies' for women in management?. *British Journal of Management*, 19, S75-S84. doi: 10.1111/j.1467-8551.2008.00573.x
- Míltersteíner, R. K., De Olíveira, F. B., Hryniewicz, L. G. C., Sant'anna, A. D. S., & Moura, L. C. (2020). Female leadership: perceptions, reflections, and challenges in public administration. *Cadernos EBAPE. BR*, 18(2), 406-423. doi: 10.1111/j.1467-8551.2008.00573.x
- O'Neil, D. A., Brooks, M. E., & Hopkins, M. M. (2018). Women's roles in women's career advancement: what do women expect of each other?. *Career Development International*. 23 (3), 327-344. doi: 10.1108/CDI-10-2017-0196
- O'Neil, D. A., Hopkins, M. M., & Bilimoria, D. (2008). Women's careers at the start of the 21st century: Patterns and paradoxes. *Journal of Business Ethics*, 80(4), 727-743. doi: 10.1007/s10551-007-9465-6
- Paul, J., & Criado, A. R. (2020). The art of writing literature review: What do we know and what do we need to know?. *International Business Review*, 29(4), 101717. doi: 10.1016 / j.ibusrev.2020.101717
- Paustian Underdahl, S. C., King, E. B., Rogelberg, S. G., Kulich, C., & Gentry, W. A. (2017). Perceptions of supervisor support: Resolving paradoxical patterns across gender and race. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 90(3), 436-457. doi: 10.1111/joop.12179
- Post, C., Sarala, R., Gatrell, C., & Prescott, J. E. (2020). Advancing theory with review articles. *Journal of Management Studies*, 57(2), 351-376. doi: 10.1111/joms.12549
- Rindfleish, J. (2000). Senior management women in Australia: diverse perspectives. *Women in Management Review*. 15 (4), 172-180. doi: 10.1108/09649420010335491
- Sengul, H., Cinar, F., & Bulut, A. (2019). The perception of queen bee phenomenon in nurses; qualitative study in health sector. *Nigerian journal of clinical practice*, 22(7), 906.
- Sheppard, L. D., & Aquino, K. (2013). Much ado about nothing? Observers' problematization of women's same-sex conflict at work. *Academy of Management Perspectives*, 27(1), 52-62. doi: 10.5465/amp.2012.0005
- Sheppard, L. D., & Aquino, K. (2017). Sisters at arms: A theory of female same-sex conflict and its problematization in organizations. *Journal of Management*, 43(3), 691-715. doi: 10.1177/0149206314539348
- Sieweke, J., & Santoni, S. (2020). Natural experiments in leadership research: An introduction, review, and guidelines. *The Leadership Quarterly*, 31(1), 101338. doi: 10.17632/p3wf75ngkk.1
- Staines, G., Tavis, C., & Jayaratne, T. E. (1974). The queen bee syndrome. *Psychology Today*, 7 (8), 55-60. doi: 10.1037/e400562009-003

- Sterk, N., Meeussen, L., & Van Laar, C. (2018). Perpetuating inequality: junior women do not see queen bee behavior as negative but are nonetheless negatively affected by it. *Frontiers in psychology, 9*, 1690. doi: 10.3389/fpsyg.2018.01690
- Tranfield, D., Denyer, D., & Smart, P. (2003). Towards a methodology for developing evidence-informed management knowledge by means of systematic review. *British journal of management, 14*(3), 207-222. doi: 10.1111/1467-8551.00375
- Vial, A. C., & Napier, J. L. (2017). High power mindsets reduce gender identification and benevolent sexism among women (but not men). *Journal of Experimental Social Psychology, 68*, 162-170. doi: 10.1016/j.jesp.2016.06.012
- Vial, A. C., Napier, J. L., & Brescoll, V. L. (2016). A bed of thorns: Female leaders and the self-reinforcing cycle of illegitimacy. *The Leadership Quarterly, 27*(3), 400-414. doi: 10.1016/j.leaqua.2015.12.004
- Webber, G. R., & Giuffre, P. (2019). Women's relationships with women at work: Barriers to solidarity. *Sociology Compass, 13*(6), 1-13, e12698. doi: 10.1111/soc4.12698

ESTRATÉGIAS FORMAIS E INFORMAIS DE COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO NA PRODUÇÃO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS

FABRÍCIO ZIVIANI
fazist@hotmail.com

JOSMÁRIA L. R. DE OLIVEIRA
professorajosmaria@gmail.com

MARTA ARAÚJO TAVARES FERREIRA
marta.tavarez@gmail.com

SIMONE CRISTINA DUFLOTH
simone.dufloth@fjp.mg.gov.br

RESUMO

O estudo propõe uma reflexão sobre o compartilhamento de informação e conhecimento no desenvolvimento de pesquisa científica. Nesse sentido, buscou-se investigar o compartilhamento de informação e conhecimento na equipe responsável pelo desenvolvimento da PED/RMBH e do PIB/MG do CEI/FJP, tendo por objetivo avaliar as estratégias utilizadas para compartilhamento de informação e conhecimento entre os pesquisadores e colaboradores do CEI. Nas reflexões teóricas demonstrou-se que é um desafio ao modelo organizacional atual o compartilhamento de informações e conhecimento. A pesquisa caracteriza-se como descritiva. A estratégia adotada foi o estudo de caso. Participaram da pesquisa 74 colaboradores. Os questionários apresentaram duas matrizes com as estratégias formais e informais de compartilhamento de informações e conhecimento. Os resultados da pesquisa destacaram que o CEI/FJP privilegia estratégias formalizadas de compartilhamento do conhecimento e de informações, pois os manuais, relatórios e quadro de avisos são práticas constantemente adotadas para disseminar informações. As estratégias de compartilhamento informais poderiam ser mais utilizadas. Os resultados destacaram que fatores como o tipo de vínculo dos pesquisadores interfere nos mecanismos de compartilhamento de informação e conhecimento.

Palavras-chave: Informação; Conhecimento; Compartilhamento da informação e do conhecimento; Pesquisas científicas.

ABSTRACT

This research establishes a reflection concerning the sharing of information and knowledge in the scientific progress. In this sense, the process of sharing of information and knowledge in the PED/RMBH and PIB/MG of the CEI/FJP development group was inquired, in order to evaluate the strategies used to promote the sharing of

information and knowledge between researchers and co-workers of the CEI. Through theoretical reflections it was proved by reasoning that it is a challenge to the present organizational structure the sharing of information and knowledge. The research characterizes as descriptive. The strategy adopted was the case study. 74 collaborators took part of the investigation. The questionnaires were composed of two matrixes with formal and informal strategies of information and knowledge sharing. The research detaches that the CEI/FJP exempts formalized strategies of the process of information and knowledge sharing, because the handbooks, reports and bulletin boards are practices constantly adopted to disseminate the information. The informal practices of information sharing could be better used. The research also detaches that factors as the type of entailment of the researches interferes in the mechanisms of information and knowledge sharing.

Keywords: Information; Knowledge; Sharing of information and knowledge; Scientific progress.

1 INTRODUÇÃO

São indiscutíveis o aumento e a rapidez das transformações a que todos estão submetidos neste início de novo século. Há mudanças profundas e geração de um volume de informações nunca visto. Por um lado, isso é positivo, pois tem-se acesso a uma diversidade de informações, mas, por outro, vive-se um caos informacional: todos são bombardeados por fatos, idéias, notícias através de rádio, televisão, livros, revistas e internet.

É cada vez maior o número de organizações que percebe o quanto é importante conhecer o que elas sabem e ser capaz de tirar o máximo proveito das informações com vistas à produção de novos conhecimentos.

A capacidade de produzir, gerenciar e disseminar conhecimentos com sucesso é fundamental para que uma organização obtenha vantagem competitiva em relação a outras.

Com a evolução das tecnologias de informação, o fluxo de informações se tornou mais rápido, e sua disseminação ganhou alcance muito mais amplo. A intensificação do processo de produção de conhecimento a partir de informações, passa a exigir novos comportamentos, principalmente dos ocupantes de cargos em nível de gerência institucional.

Em um contexto econômico como o atual, em que as transformações ocorrem com uma velocidade jamais vista, o conhecimento dos recursos e oportunidades disponíveis, bem como dos desafios a enfrentar, se torna crucial para o sucesso de uma organização.

Neste contexto de evolução contínua das organizações, o que se discute atualmente é a gestão do conhecimento, que vem provocando mudanças profundas na estrutura das organizações atuais. As organizações estão percebendo a gestão do conhecimento como uma forma de manter vivos os seus ativos intelectuais.

De acordo com Davenport e Prusak (1998), a vantagem do conhecimento é uma vantagem sustentável porque gera retornos crescentes. Ao contrário dos ativos materiais, que diminuem à medida que são usados, os ativos do conhecimento aumentam com o uso: idéias geram novas idéias e o conhecimento compartilhado permanece com o doador ao mesmo tempo em que enriquece o receptor.

Drucker (1996) sugere que um dos desafios mais importantes das organizações da era do conhecimento é desenvolver práticas sistemáticas para administrar a autotransformação. Segundo ele, a organização tem que aprender a criar novos conhecimentos por meio da melhoria contínua de todas as suas atividades mediante o desenvolvimento de novas aplicações com

base em seus prprios sucessos e manter a inovao contnua como processo organizado, visando sempre responder ao desafio de aumentar continuamente a produtividade dos trabalhadores do conhecimento.

Nonaka e Takeuchi (1997) afirmam que, quando as organizaes inovam, elas no s processam informaes de fora para dentro, com o intuito de resolver os problemas existentes e se adaptar ao ambiente em transformao. Elas criam novos conhecimentos e informaes, de dentro para fora, a fim de redefinir tanto os problemas quanto as solues e, nesse processo, recriar seu meio.

No gerenciamento do conhecimento e da informao h alguns processos que merecem ateno especial. Um deles o compartilhamento: "Compartilhar o conhecimento o essencial nas crises, para permitir a difuso do conhecimento entre a tropa e trazer os melhores talentos de onde quer que estejam para o epicentro do problema." (STEWART, 2002, p.33)

De acordo com McGee e Prusak (1995), a informao, mais do que a terra ou o capital, o atualmente na criao de riquezas e prosperidade. Na economia do conhecimento, o sucesso o determinado pelo que voc sabe, e no pelo que voc possui. Os autores apontam a importncia das organizaes saberem gerir e criar novos conhecimentos como meio de alcanarem competitividade no mercado atual. Dessa maneira, o compartilhamento de informaes e conhecimento tornou-se uma questo estratgica; as organizaes que dominarem esse processo levaro enorme vantagem sobre as demais.

O compartilhamento de informaes e conhecimento leva as organizaes a mensurar com mais segurana a sua eficincia, tomar decises acertadas com relao a melhor estratgia a ser adotada em relao aos seus clientes, concorrentes, canais de distribuio e ciclos de vida de produtos e servios, saber identificar as fontes de informaes, saber administrar dados e informaes, saber gerenciar seus conhecimentos. Trata-se da prtica de agregar valor a informao e dissemin-la.

Este artigo tem por objetivo analisar as estratgias utilizadas para compartilhamento de informaes e conhecimento na produo de pesquisa cientfica. Para tanto, inicia-se pela discusso da definio de conhecimento, em seguida discute-se sua dinmica nas organizaes, enfatizando-se a questo do compartilhamento. Em seguida so apresentados o procedimento metodolgico adotado, os resultados obtidos e sua anlise. Finalmente, so apresentadas concluses e indicadas sugestes de trabalhos futuros.

2 INFORMAO E CONHECIMENTO

Para melhor compreenso do tema o importante uma diferenciao entre os conceitos de dados, informao e conhecimento, pois a confuso no entendimento do significado de cada um deles pode gerar problemas para a organizao.

Dado o elemento na forma bruta. Ele no tem um significado previamente organizado, est na forma como pode ser encontrado na realidade. O considerado um elemento da informao, que isolado no tem significado intrnseco. Davenport (1998) define dado como "observao sobre o estado do mundo". Dados so facilmente estruturados, facilmente obtidos por mquinas, freqentemente quantificados e facilmente transferveis.

Segundo Drucker (1996), informações são “dados dotados de relevância e propósito”, o que sugere que dados, por si só, têm pouca relevância ou propósito.

McGee e Pruzak (1995, p. 24) confirmam essa idéia quando dizem que:

Informação são dados coletados, organizados, ordenados, aos quais são atribuídos significados e contexto. Informação deve informar, enquanto os dados absolutamente não tem essa missão. A informação deve ter limites, enquanto os dados podem ser ilimitados.

Conhecimento diz respeito a crenças e compromissos, a atitude e intenção. Está relacionado à ação. Tem um significado específico e relacional. (NONAKA e TAKEUCHI, 1997)

Choo (2003) define o conhecimento como a informação transformada através do uso da razão e reflexão em crenças, explicações e modelos mentais que antecedem à ação. Para ele, o conhecimento é construído através do acúmulo de experiências.

Sveiby (1998) sugere que o conhecimento possui quatro características básicas: a) é tácito, isto é ele é prático e por isso é difícil de ser comunicado através de palavras; b) é orientado para a ação, ou seja, estamos constantemente gerando novos conhecimentos por meio da análise das impressões sensoriais que recebemos; c) é sustentado por regras, que são os padrões que estabelecemos, inconscientemente, para lidar com as situações; d) está em constante mutação, só se tornando estático quando é articulado através de palavras.

Pode-se concluir que o conhecimento deriva da informação da mesma forma que a informação deriva de dados. Para que a informação se transforme em conhecimento, os seres humanos precisam fazer todo o trabalho.

Finalmente, como lembram Vasconcelos e Ferreira (2002, p. 4):

A polêmica a respeito do significado de conhecimento, informação e dado e de suas relações está longe de acabar. Diversos e, muitas vezes ambíguos, são os conceitos construídos pelos estudiosos do assunto. Apesar disso, é possível observar pontos em comum e construções complementares entre alguns dos autores de maior renome na área.

3 INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO NAS ORGANIZAÇÕES

Informação e conhecimento são dois componentes intrínsecos de tudo que uma organização desenvolve. Choo (2003) aponta três arenas distintas onde a criação e o uso da informação e do conhecimento desempenham um papel estratégico no crescimento e na capacidade de adaptação das organizações.

A primeira arena se refere ao uso da informação e do conhecimento para dar sentido às mudanças do ambiente externo. A segunda arena de uso estratégico da informação é aquela em que a organização cria, organiza e processa a informação de modo a gerar novos conhecimentos por meio do aprendizado. A terceira arena é onde as organizações buscam e avaliam informações de modo a tomar decisões importantes. É importante ressaltar que esses três processos são interligados, de modo que, analisando-se como eles se alimentam mutuamente, tem-se uma visão holística do uso da informação na organização. (CHOO, 2003)

Utilizando corretamente os recursos de informao e conhecimento, a organizao ser capaz de adaptar-se as mudanas do ambiente no momento adequado e de maneira eficaz; empenhar-se na aprendizagem constante, o que inclui desaprender pressupostos, normas e crenas que perderam validade; mobilizar o conhecimento e a experincia de seus membros para gerar inovao e criatividade; focalizar seu conhecimento em aes racionais e decisivas.

De acordo com Choo (2003), em uma organizao o conhecimento é amplamente disseminado e toma várias formas, mas sua qualidade é revelada na diversidade de capacitao que a organizao desenvolve como resultado desse conhecimento.

Segundo Terra (2001), a principal vantagem competitiva das empresas é o capital humano representado pelo conhecimento tácito que seus funcionrios possuem, pois este é difcil de ser copiado pois reside nas pessoas. Por outro lado, o conhecimento detido pela organizao é também resultado dos relacionamentos que ela manteve ao longo do tempo com seus clientes, fornecedores e parceiros.

A valorizao do conhecimento e da informao tornou-se fator de sobrevivncia das organizaes. As principais mudanas ocorridas no mercado nos últimos anos fizeram com que fosse exigido melhor e maior uso da experincia e do conhecimento adquiridos por cada empresa ao longo de toda sua existncia. É de entendimento comum que apenas esta utilizao adequada de conhecimento e informao permitir o desenvolvimento de produtos e servios com custos mais competitivos e qualidade superior.

Para que uma organizao possa aprender com o seu passado, é necessrio que seja estruturada de forma adequada para tal. Apenas desta maneira o aprendizado ocorrerá de forma natural, e irá agregar valor aos seus produtos e servios. Para Nevis, Di Bella e Gould (1997), o processo de aprendizagem organizacional ocorre em três estgios: aquisio, compartilhamento e utilizao do conhecimento.

Além disso, deve-se observar que, muitas vezes, a organizao já detém a maior parte dos conhecimentos que necessita para se manter competitiva, mas, por vários motivos, este está inacessível. A criao de um ambiente propício para identificar, criar e disseminar-se conhecimento irá agregar valor à empresa e contribuirá para que atinja suas metas e objetivos.

Os ativos intangíveis que agregam valor à maioria dos produtos e servios são baseados em conhecimento. Entre eles é possível citar: *know-how* técnico, entendimento do cliente, criatividade pessoal e capacidade de inovao. A grande dificuldade se encontra na avaliao e gesto desses ativos pois, ao contrário dos estoques financeiros e materiais, o valor do conhecimento não é facilmente compreendido, classificado e medido.

Finalmente, segundo Petrini, Freitas e Pozzebon (2006), é necessrio que a organizao perceba que existem fontes inesgotáveis de informaes e conhecimentos dentro dela mesma, tanto em seus recursos humanos como nas informaes contidas nos seus bancos de dados e sistemas de informao.

4 COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

De acordo com Santiago Jr. (2004), pesquisas realizadas por consultorias especializadas em grandes corporações apontaram que iniciativas voltadas para o compartilhamento da informação e do conhecimento podem trazer grandes benefícios, como tomadas de decisões mais rápidas e precisas, melhor gerenciamento dos clientes, respostas rápidas às demandas do mercado, desenvolvimento de habilidades dos profissionais, maior produtividade, lucratividade e redução de custos.

Como Davenport e Pruzak (1998) ressaltam, o conhecimento é transferido nas organizações, quer esse processo seja gerenciado ou não, pois o compartilhamento do conhecimento está no cotidiano organizacional. Porém, a eficácia do processo pode ser melhorada através de iniciativas de gerenciamento sistemático.

Krogh, Ichijo e Nonaka (2001) consideram o compartilhamento do conhecimento tácito, aquele que as pessoas adquirem executando seu trabalho, a primeira e mais importante fase do processo de criação do conhecimento. A esse tipo de conhecimento Nisembaum (2002) chama de conhecimento em comum, para diferenciá-lo do conhecimento obtido em livros ou bases de dados. Conhecimento em comum está ligado à ação, que pode ser própria ou de outros, e é vital para o desenvolvimento de competências organizacionais e individuais.

Definindo compartilhamento, Davenport (1998) afirma que é o ato voluntário de colocar o conhecimento à disposição de outros. Ele destaca ainda que compartilhar não deve ser confundido com relatar, que é uma troca involuntária de informações e conhecimento, de maneira rotineira ou estruturada.

Portanto, o compartilhamento de informação e conhecimento faz parte da estratégia das organizações que na visão de Neumann e Morgenstern *apud* Oliveira (2007), estratégia é um movimento ou uma série específica de movimentos feitos por uma empresa. Oliveira (2007) a estratégia é uma ferramenta evolutiva, moderna, sistêmica, integrante que otimiza, de maneira efetiva, os resultados das empresas.

Davenport e Prusak (1998) apontam algumas estratégias de compartilhamento de conhecimento que podem ser incentivadas nas organizações. São exemplos: conversas informais, feiras e fóruns abertos do conhecimento, entre outros:

As conversas que acontecem no bebedouro ou no restaurante da empresas costumam ser ocasiões para a transferência do conhecimento. Influenciados por teorias ultrapassadas sobre a natureza do trabalho, os gerentes por vezes presumem que as conversas ao redor do bebedouro são perda de tempo. Embora parte da conversa seja sobre esporte e sobre como anda o tempo, a maioria das conversas em torno do bebedouro são sobre trabalho: as pessoas se perguntam sobre os projetos em curso, trocam idéias e pedem conselho sobre como resolver problemas (DAVENPORT e PRUZAK, 1998, p.89).

Destacam Davenport e Pruzak (1998) que há outras maneiras de as empresas estimularem o compartilhamento fortuito do conhecimento em seus departamentos ou unidades de negócios, como a criação de locais e ocasiões para os funcionários interagirem informalmente, a promoção de passeios pela empresa, a realização de fóruns e debates:

Defendemos fortemente a transferncia do conhecimento atravs de reunies face a face e de narrativas, alm das formas mais estruturadas. Os sinais que convencem as pessoas de que elas efetivamente podem se comunicar so melhor transmitidos pessoalmente (DAVENPORT e PRUZAK, 1998, p.110).

A propcito dos mtodos de transferncia de conhecimento, Davenport e Pruzak (1998, p.109) reproduzem o comentrio de um pesquisador:

H um monte de tcnicas conhecidas para a transferncia do conhecimento – volumes e volumes foram escritos. Na MCC, usamos contatos, prepostos, workshops, treinamento, relatrios tcnicos, licenas de terceiros, produo e suporte de produtos (ao invs de prottipos) e muitas outras tcnicas.

Davenport e Pruzak (1998) concluem que os mtodos de transferncia do conhecimento devem ser compatveis com a cultura organizacional, e destacam como um aspecto importante do sucesso de qualquer projeto de transferncia, a linguagem comum dos participantes.

Nisembaum (2002), por sua vez, identifica trs dimenses a serem consideradas quando da escolha do mtodo de transferncia de conhecimento: as caractersticas do receptor do conhecimento, tanto em termos de tarefa quanto de contexto; a natureza da tarefa conforme sua freqncia e rotina; o tipo de conhecimento a ser transferido.

Vale ressaltar que, para se criar uma cultura propcia ao compartilhamento de conhecimento, necessrio que se crie uma organizao voltada para o aprendizado. Como descreve Terra (2001), preciso que a organizao esteja voltada para a inovao, a experimentao, o aprendizado contnuo e o comprometimento com os resultados da empresa. extremamente importante que se crie um ambiente favorvel troa de experincias e de conhecimento de forma confortvel e transparente.

Quadro 1 – Estratgias Formais e Informais de Compartilhamento de Informao e Conhecimento nas Organizaes.

	FORMAL	INFORMAL
ESTRATGIAS DE COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTOS	Artigos da literatura E-mail Jornais Internos Livros Manuais Obras de referncia Peridicos Quadro de avisos Relatrios	Atividades de Grupo Contatos interpessoais Feiras Passeios e viagens Reunies Treinamentos Visitas

Fonte: Elaborao dos autores

Nas organizaes, as pessoas podem compartilhar o conhecimento tcito e explcito, de maneira formal (relatrios, manuais, etc.) e informal (bate papo com colegas, por exemplo).

O compartilhamento informal deve merecer grande atenção por parte das organizações, pois, segundo Tarapanoff (2006, p. 61) e de acordo com uma pesquisa realizada com empresas estrangeiras, verificou-se “que as práticas implícitas obtiveram mais sucesso do que as direcionadas, ou seja, existindo um ambiente favorável, as chances do conhecimento vir a ser compartilhado de forma espontânea são muito maiores do que em casos onde há imposição da gerência para que isso ocorra”.

Segundo Davenport e Prusak (1998, p. 44), “grande parte do trabalho das empresas é feito porque as pessoas estão continuamente perguntando umas às outras, através de redes informais, quem sabe como fazer o trabalho”. Redes informais são dinâmicas e veiculam informações atualizadas. Davenport e Prusak (1998, p. 45) completam: “no trabalho, o que parece fofoca de trabalho é, na verdade, a rede informal do conhecimento se atualizando”.

Uma desvantagem do compartilhamento informal é que, como este não é documentado, ele pode não atingir a todos que dele necessitam.

Grotto (2003) também faz distinção entre compartilhamento formal e informal. As estratégias para estimular o compartilhamento informal são: promover passeios e viagens, montar feiras do conhecimento, criar locais e promover encontros para que os funcionários possam interagir. Como estratégias formais destacam-se os relatórios, manuais e apresentações audiovisuais.

Na visão de Dufloth (2002), a transferência de informação e conhecimento pode se dar através de três tipos de canais de comunicação. Os canais formais veiculam informações já estabelecidas ou comprovadas através de livros, periódicos, obras de referência e artigos da literatura. Os canais informais são caracterizados por contatos realizados entre pessoas compreendendo a troca de experiências através de reuniões, treinamentos, contatos interpessoais e visitas. Os canais semi-informais são caracterizados pelo uso simultâneo dos canais formais e informais.

Krogh, Ichijo e Nonaka (2001) destacam a dificuldade de transferir ou disseminar grande volume de conhecimentos, sobretudo do tipo tácito, dentro da organização. Enquanto os conhecimentos explícitos são transmitidos através de ferramentas de rede ou de *groupware*, a transferência de conhecimentos tácitos exige compartilhamento mediante socialização, proximidade física e bons relacionamentos, embora vários softwares de colaboração sejam extremamente úteis no processo.

Ressaltam também que vários fatores inibem a transferência de conhecimento, entre eles a barreira cultural. À medida que esses fatores possam ser eliminados, o compartilhamento do conhecimento fluirá de maneira mais consistente na organização.

Conclui-se, do exposto, a importância do compartilhamento de informação e do conhecimento nas organizações. O conhecimento explícito pode ser embutido em procedimentos ou representado em documentos e bancos de dados, e transferido com razoável eficácia. A transferência do conhecimento tácito, no entanto, exige intenso contato pessoal.

A ampla transferência do conhecimento não poderia acontecer em empresas globais sem as ferramentas oferecidas pela tecnologia da informação, mas os valores, normas e comportamentos que constituem a cultura da empresa são as principais determinantes do seu grau de sucesso.

As práticas formais e informais de compartilhamento de informações e conhecimento são importantes no processo de construção de pesquisas científicas. O presente artigo relata os resultados de projeto que buscou estudá-las no Centro de Estatística e Informação (CEI) da Fundação João Pinheiro (FJP), organismo de ensino e pesquisa do Governo do Estado de Minas Gerais.

5 METODOLOGIA

Seguindo os parâmetros estabelecidos por Gil (2002), esta pesquisa quanto a natureza pode ser classificada como uma pesquisa descritiva.

Segundo Gil (2002), as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.

A estratégia adotada foi o estudo de caso, tomando-se como objeto de estudo duas equipes de pesquisa da Fundação João Pinheiro (FJP). Participaram da pesquisa a equipe responsável pela produção da Pesquisa de Emprego e Desemprego aplicada à Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH) e a equipe responsável pela Pesquisa do Produto Interno Bruto de Minas Gerais (PIB/MG), ambas do Centro de Estatística e Informação (CEI), totalizando 74 colaboradores.

O estudo de caso baseou-se em pesquisa documental e, como procedimento para coleta de dados, foram aplicados questionários no mês de setembro de 2007 a todos os integrantes das duas equipes de pesquisa estudadas.

Os questionários apresentam duas matrizes com as estratégias formais e informais de compartilhamento de informações e conhecimento. Na matriz 1 foi solicitado que o colaborador apresenta-se na escala as estratégias utilizadas para obtenção de informação e conhecimento e na matriz 2 as estratégias utilizadas para a transferência de informações e conhecimento.

Os dados trabalhados nesta pesquisa são primários. Conforme Mattar (1999, p. 134), "dados primários são aqueles que não foram coletados, estando ainda em posse dos pesquisados, e que são coletados com o propósito de atender às necessidades específicas da pesquisa em andamento".

Optou-se por uma pesquisa de natureza quantitativa. De acordo com Mattar (1999, p.77), "na pesquisa quantitativa os dados são obtidos de um grande número de respondentes, usando-se escalas, geralmente, numéricas, e são submetidos a análises estatísticas formais".

Como procedimento para coleta de dados foram aplicados questionários que segundo Marconi e Lakatos (2003), são um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas. Os questionários foram aplicados no mês de setembro de 2007 com todos os integrantes das equipes de desenvolvimento da PED/RMBH e a equipe responsável pela Pesquisa do PIB/MG. Antes da aplicação dos questionários foi realizado um pré-teste, que apontou a necessidade de se proceder a alguns ajustes nos questionários, principalmente no vocabulário utilizado.

O tratamento dos resultados obtidos foram elaborados através gráficos e tabelas, que permitem a avaliação das estratégias de compartilhamento de informação e conhecimento utilizados pelos pesquisadores da FJP/MG.

5.1 Caracterização do Objeto de Estudo

A Fundação João Pinheiro (FJP), que tem como competência a pesquisa, criação, transferência e o aperfeiçoamento do conhecimento em diferentes áreas, fornecendo informações técnicas para o planejamento do Estado de Minas Gerais. É uma instituição vinculada à Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão de acordo com a Lei Delegada nº 49, de 02 de janeiro de 2003.

Destaca-se dentre as suas competências: Prestar serviços relacionados à pesquisa, criação, transferência, adaptação, e ao aperfeiçoamento de técnicas e métodos em diferentes áreas de conhecimento e coletar, produzir, sistematizar, analisar, criticar e divulgar dados e informações estatísticas que reflitam a realidade estadual nos diversos segmentos sociais e econômicos.

O Centro de Estatística e Informação (CEI), foi incorporado a Fundação João Pinheiro (FJP) em julho de 1992, quando a função estatística foi transferida da Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral para a FJP. Seu objetivo principal é acompanhar sistematicamente a evolução dos aspectos sociais e econômicos da realidade mineira, por meio da manutenção de informações estatísticas atualizadas em diversas áreas, como contas regionais, demografia, finanças públicas, saúde, comércio exterior, indicadores sociais e econômicos, estatísticas vitais, emprego e desemprego.

As principais produções do CEI são a Pesquisa de Emprego e Desemprego aplicada à Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH) e a Pesquisa do Produto Interno Bruto de Minas Gerais (PIB/MG).

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para consolidação dos resultados obtidos através deste roteiro foram elaborados gráficos contemplando os resultados. Os dados levantados permitem uma avaliação das estratégias de compartilhamento de informação e conhecimento na produção de pesquisa científica.

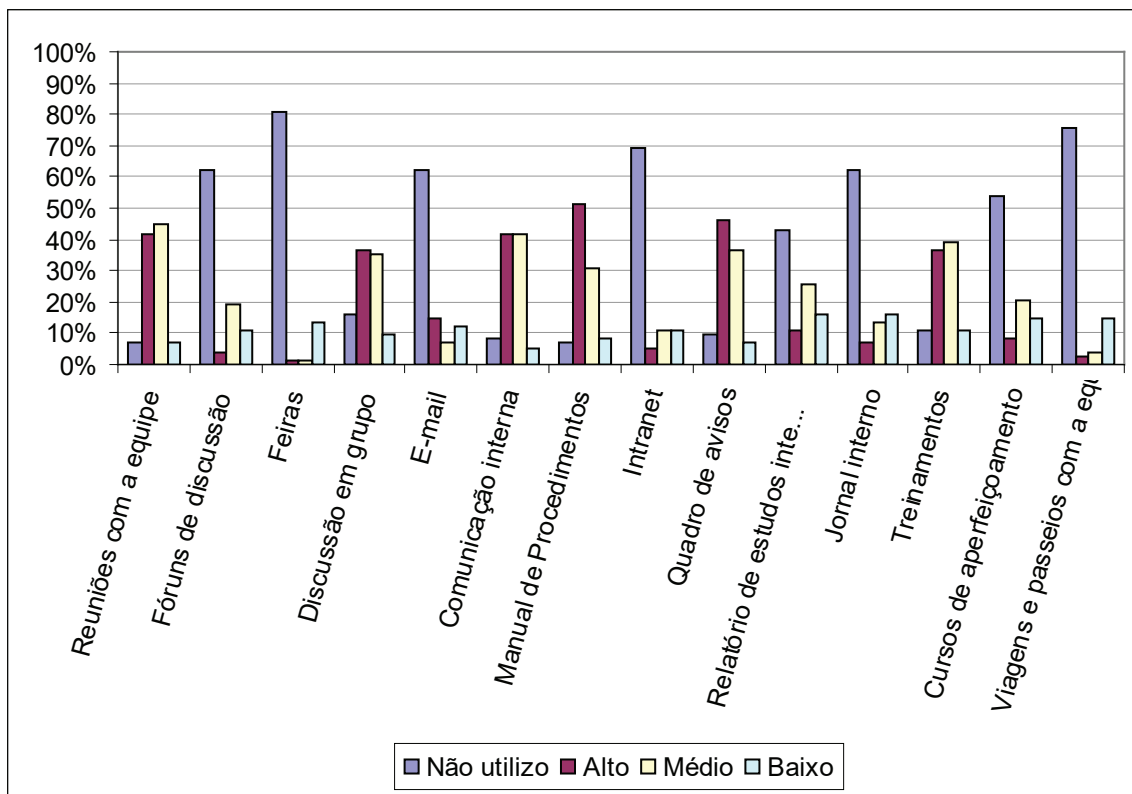
Para contextualização inicial foi destacado o tempo de experiência na pesquisa e tipo de vínculo do pesquisador com a instituição que desenvolve a pesquisa.

Quanto ao tempo de experiência dos participantes na pesquisa, apenas 31% dos participantes tem menos de um ano de vínculo com o Centro de Estatística e Informação. O restante 69% tem mais de um ano de vínculo. Isso nos permite maior credibilidade dos dados levantados pois, quanto maior a vivência no desenvolvimento das pesquisas maior será o grau de confiança para as respostas.

O tipo de vínculo dos participantes da pesquisa também foi levantado. Percebe-se que a maioria dos envolvidos na pesquisa 67% são autônomos. Apenas 18% possuem vínculo permanente. Os estagiários somam 12% do total dos participantes. A pesquisa conta ainda com 3% de seus envolvidos terceirizados.

Seguindo o padrão do instrumento de coleta de dados foram elaborados dois gráficos distintos. O Gráfico 1 apresenta as estratégias utilizadas para obtenção de conhecimento e informação e o Gráfico 2 apresenta as estratégias utilizadas para transferência de conhecimento e informações.

GRÁFICO 1 – Estratégias utilizadas pelos colaboradores para OBTENÇÃO informação e conhecimento no desenvolvimento das pesquisas PED/RMBH e PIB/MG. Belo Horizonte setembro de 2007.



Fonte: Dados da Pesquisa

A partir da análise do gráfico, destaca-se a utilização de manuais de procedimentos (80%), quadros de avisos (85%), reuniões com equipes (85%) e discussão em grupo (71%) como estratégias mais utilizadas para a obtenção de informações e conhecimentos. Observa-se que a comunicação interna (84%) é considerada forte pelos envolvidos na pesquisa. Destacam-se as estratégias formalizadas de compartilhamento. Pode-se sinalizar que isto ocorre com grande intensidade, pois os envolvidos são em sua maior parte funcionários autônomos ou terceirizados (70%) que não possuem um vínculo permanente com a Instituição. Portanto, o CEI opta por comunicações escritas e verbais direcionadas aos grupos de interesse.

O treinamento é destacado por 78% dos pesquisadores como estratégia utilizada para obtenção de informações e conhecimento.

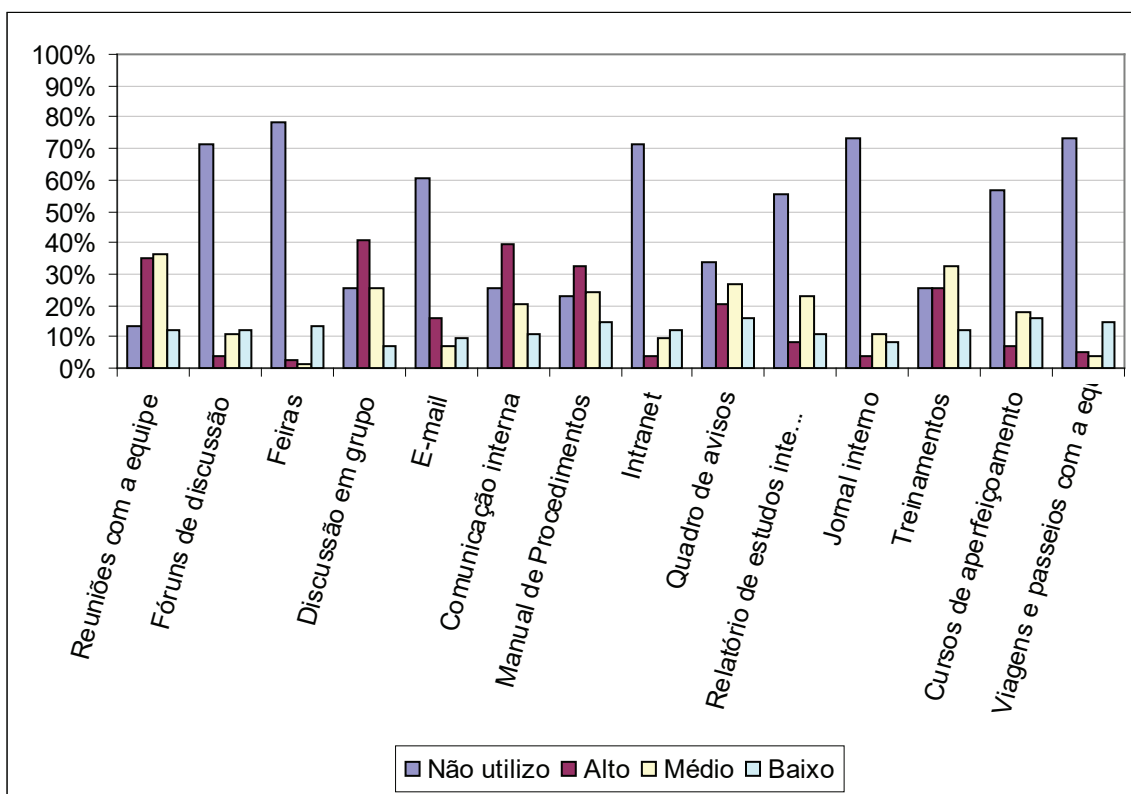
Conforme já destacado, as reuniões com as equipes são um meio de obtenção de informação e conhecimento utilizado com bastante intensidade no desenvolvimento de pesquisas no CEI, por outro lado os fóruns de discussão (20%) são uma prática pouco utilizada. As férias e viagens com a equipe se destacam com as práticas menos utilizadas no desenvolvimento das pesquisas. Não alcançando 10% da indicação dos participantes.

A tecnologia da informação é um recurso facilitador para o compartilhamento de informação e do conhecimento, portanto percebe-se baixa utilização de e-mail (23%) e da intranet (18%), que são considerados ferramentas importantes no processo de transferência de experiências.

Outras duas estratégias pouco utilizadas para compartilhamento no desenvolvimento das pesquisas são: o jornal interno (23%) e os relatórios de estudos internos (34%). O que reforça que a comunicação é feita através de quadros de avisos.

Como apontado anteriormente o tipo de vínculo dos profissionais pode interferir no processo de compartilhamento assim, como 70% dos colaboradores são possuem um vínculo mais fragilizado (autônomos e terceirizados), percebe-se a tendência pelos escolha de estratégias formais de compartilhamento de informações e conhecimentos.

GRÁFICO 2 – Estratégias utilizadas pelos pesquisadores para TRANSMISSÃO de informação e conhecimento no desenvolvimento das pesquisas PED/ RMBH e PIB/MG. Belo Horizonte setembro de 2005.



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao analisar as estratégias utilizadas pelos pesquisadores para transmitir informações e experiências destacam-se as reuniões com a equipe (72%), as discussões em grupo (68%), a comunicação interna (60%), os manuais de procedimentos (56%) e os treinamentos (57%). Pode-se afirmar que os contatos face a face nos quais os envolvidos na construção desta pesquisa interagem em grupos, são meios muito utilizados para transmitir informações e conhecimentos.

Os cursos de aperfeiçoamento não são percebidos como uma estratégia forte de transmissão de conhecimento e informações.

Destacam-se como estratégias para a transmissão de informações os manuais de procedimentos e quadro de avisos, que são meios de comunicação mais formalizados.

As estratégias informais são o grande diferencial dos pesquisadores para transmissão de informações e conhecimento.

As tecnologias da informação (e-mail e intranet) são ferramentas pouco utilizadas pelos pesquisadores. Destaca-se também que os meios de comunicação formal como jornal interno (13%) e relatórios de estudos internos (30%) não são práticas muito utilizadas para compartilhar informações e conhecimento no CEI.

As práticas mais informais como feiras (5%) e viagens (8%) com a equipe não são aplicadas para a transmissão de informações no CEI.

Quadro 2 – Comparação da característica da estratégia de compartilhamento de conhecimentos e informações com os dados levantados que mais se destacam.

ESTRATÉGIAS DE COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTOS E INFORMAÇÕES	OBTENÇÃO	TRANSMISSÃO
FORMAIS	Manuais de procedimento Comunicação Interna Quadro de avisos	Manuais de procedimentos Comunicação Interna
INFORMAIS	Reuniões com equipes	Discussão em grupos Reuniões com equipes Treinamentos

Fonte: dados da pesquisa

Observando a Tabela acima, percebe-se a utilização de estratégias formais e informais no compartilhamento de informações e conhecimento no CEI/FJP. Constata-se que não existe uma similaridade entre as estratégias utilizadas para obtenção e transmissão conhecimentos e informações pelo pesquisadores.

Na visão de Dufloth (2002), a transferência de informação e conhecimento pode se dar através de três estratégias de comunicação: as estratégias formais, informais e as semi-informais.

As estratégias formais e informais de compartilhamento de informações e conhecimento são importantes no processo de construção de pesquisas científicas e melhoram o nível e o volume de conhecimento adquirido para o desenvolvimento de novos trabalhos científicos.

O compartilhamento de informações e conhecimento informal deve estimulado. No entanto, não se pode depender somente de conversas casuais e de encontros locais quando necessitarem obter e transmitir conhecimento.

Senge (2002), advertiu em sua obra que muitas organizações não conseguem funcionar plenamente como organizações de conhecimento porque são incapazes de aprender. De acordo com Senge (2002), para vencer essa incapacidade, a organização deve desenvolver a capacidade de aprendizagem criativa e adaptativa.

Pode-se afirmar a partir da visão do autor, que é uma necessidade constante das organizações o compartilhamento do conhecimento e informações para a geração do aprendizado. A criatividade é fundamental para a criação constante de novos meios que permitam aos funcionários a troca de experiências.

7 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Partindo da afirmação de Davenport e Prusak (1998), o conhecimento por si só não basta, ou seja, a mera existência de conhecimento em algum ponto da organização traz poucos benefícios. Ele só será um ativo valioso se for acessível e seu valor aumenta com o nível de acessibilidade, far-se-á uma análise geral dos dados coletados e analisados para poder concluir este trabalho.

Conhecimento e informação são duas fontes vitais para o alcance da eficiência de qualquer modelo organizacional. Estes valores se tornaram ainda mais importantes em organizações voltadas para a construção de novos conhecimentos como universidades e centros de pesquisas.

Ressalta-se que esta pesquisa tem como objetivo analisar as estratégias utilizadas para compartilhamento de informações na produção de pesquisa científica

Partindo do objetivo proposto, buscou-se através de uma metodologia de caráter descritiva avaliar as estratégias de compartilhamento do conhecimento e informação, pois como destaca-se que as organizações bem-sucedidas serão organizações que aprendem eficazmente. Em uma economia na qual a única certeza é a incerteza, a única fonte certa de vantagem competitiva duradoura é o conhecimento. Quando os mercados mudam, as tecnologias se proliferam, os concorrentes multiplicam e os produtos se tornam obsoletos virtualmente da noite para o dia, organizações bem-sucedidas são aquelas que criam o novo conhecimento de modo consistente, disseminam-no amplamente pela organização e rapidamente o incorporam às novas tecnologias aos produtos. (NONAKA e TAKEUCHI, 1997)

Constatou-se que os pesquisadores apontam a estratégia formalizada para obtenção de conhecimento e informações, pois os manuais, relatórios e quadro de avisos são práticas constantemente adotadas para disseminar informações. Os pesquisadores também destacam as estratégias informais como: reuniões com equipes, treinamentos e discussão em grupos, para transmissão de informações e conhecimentos.

As estratégias de compartilhamento de conhecimento e informação informais são pouco utilizadas. Feiras e viagens não são práticas adotadas pelo CEI para promover o compartilhamento de informações entre os pesquisadores.

Conclui-se que as estratégias formais tem se destacado no CEI devido o tipo de vínculo dos pesquisadores com a instituição. Os pesquisadores em sua maioria (67,7%) são autônomos, ou seja, não possuem vínculo permanente. Somente (17,6%) dos envolvidos na pesquisa são funcionários permanentes. Portanto, torna-se necessária uma estratégia de distribuição das informações mais formalizada o que ocorre através do quadro de avisos e comunicação interna.

No desenvolvimento das pesquisas cientficas no Centro de Estatstica e Informao da Fundao Joao Pinheiro, os funcionrios no compartilham muitas experincias atravs de meios informais. Sabe-se que as estratgias informais permitem a gerao de novos conhecimentos com maior facilidade.

Em relao s tecnologias da informao utilizadas pelo CEI podemos destacar o e-mail e a intranet. Estas ferramentas so utilizadas com baixa intensidade mais so importantes no processo de compartilhamento de informaes e conhecimentos.

Conclui-se que as ferramentas e meios tecnolgicos, tambm propiciam o acesso ao conhecimento e informaes, mas no necessariamente garante o compartilhamento. Promovem e facilitam a sua obteno, mas isoladamente no fazem com que o indivduo possuidor de conhecimento o compartilhe com os outros. As ferramentas tecnolgicas so comum no campo da distribuio de informaes por, raramente promovem o processo de uso do conhecimento tcito, este por sua vez tem dissemina-se com maior facilidade por meio de prticas informais.

A dificuldade no compartilhamento do conhecimento transpe as fronteiras tecnolgicas e formais e est relacionada tambm com as caractersticas culturais que envolvem cada organizao. Neste aspecto temos que ressaltar que trata-se de uma organizao pblica, na qual os processos so mais formalizados.

Todos as estratgias apontados pela classificao de Dufloth (2002), so utilizados no processo de compartilhamento de informaes e conhecimento no Centro de Estatstica e Informao da Fundao Joao Pinheiro no desenvolvimento de pesquisas cientficas.

Sugere-se para trabalhos futuros a ampliao do estudo para outras esferas da FJP. Neste trabalho restringiu-se pelos centros de desenvolvimento de pesquisas cientficas podendo ser expandido para outros modelos de organizaes.

REFERNCIAS

- CHOO, C. W. **A organizao do conhecimento**: como as organizaes usam a informao para criar significado, construir conhecimento e tomar decises. So Paulo: Editora Senac, 2003.
- DAVENPORT, T. H. **Ecologia da informao**. So Paulo: Futura, 1998.
- DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- DRUCKER, Peter. **Administrando em tempos de grandes mudanas**. 4 ed. So Paulo: Pioneira, 1996.
- DUFLOTH, Simone Cristina. **Informaes do ambiente externo em organizaes do terceiro setor**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte; ECI/UFMG, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. So Paulo: Atlas, 2002.
- GROTTO, Daniela. O compartilhamento do conhecimento nas organizaes. In: ANGELONI, Maria Terezinha (coord). **Organizaes do conhecimento**. So Paulo: Saraiva, 2003.
- KROGH, Von G.; ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Facilitando a criao de conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia cientfica**. 5 ed. So Paulo: Atlas, 2003.
- MATTAR, F.N. **Pesquisa de marketing**: metodologia, planejamento. 5ª ed. So Paulo: Editora Atlas, 1999.
- McGEE, T.; PRUSAK, L. **Gerenciamento estratgico da informao**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

- NEVIS, E. C.; DI BELLA, A. J.; GOULD, J. M. Understanding organizations as learning systems. **Sloan Management Review**, v. 36, n. 2, p. 73-85, 1997.
- NISEMBAUM, Hugo. Gestão do conhecimento: enriquecendo o capital humano. *In*: BOOG, Gustavo; BOOG, Madalena. **Manual de gestão de pessoas e equipes**. V 2. São Paulo: Editora Gente, 2002.
- NONAKA, I. TAKEUCHI, H. **Criação do conhecimento na empresa**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Administração estratégica na prática**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- PETRINI, M.; FREITAS, M. T. e POZZEBON, M. Inteligência de negócios ou inteligência competitiva? Noivo Neurótico, Noiva Nervosa. *In*: Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 30, 2006, Salvador. **Anais**. Salvador: Anpad, 2006.
- SANTIAGO JR, José Renato Sátiro. **Gestão do conhecimento: a chave para o sucesso empresarial**. São Paulo: Novatec, 2004.
- SENGE, Peter M. **A quinta disciplina: A arte e a prática da Organização que aprende** – 13º ed. São Paulo: Best Seller, 2002.
- SILVA, Antônio Braz de Oliveira e. **O cluster da construção em Minas Gerais e as práticas de colaboração e de gestão do conhecimento: um estudo das empresas da Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG)**. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- STEWART, Thomas A. **A riqueza do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- SVEIBY, Karl Erik. **A nova riqueza das organizações: gerenciando e avaliando patrimônios de conhecimento**. 6 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- TARAPANOFF, Kira (organizadora). **Inteligência, informação e conhecimento em corporações**. Brasília: IBICT. UNESCO, 2006.
- TERRA, José Cláudio. **Gestão de conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Negócio Editora, 2001.
- TOMAÉL, Maria Inês. **Redes de conhecimento: o compartilhamento da informação e do conhecimento em consórcio de exportação do setor moveleiro**. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- VASCONCELOS, Maria Celeste Reis Lobo de, FERREIRA, Marta Araújo Tavares. O processo de aprendizagem e a gestão do conhecimento em empresas mineiras de vanguarda. *In*: Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 26. 2002, Salvador. **Anais**. Salvador: Anpad, 2002.